

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Vilmar Prata Correia**

**Filosofias do suicídio: corpo, governo e memória em vídeos de curta  
duração no youtube**

Vitória da Conquista – BA  
Fevereiro de 2017

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Vilmar Prata Correia**

**Filosofias do suicídio: corpo, governo e memória em vídeos de curta duração no Youtube**

Dissertação apresentada como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade na linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Discursos e Narrativas.

Orientador: Prof. Dr. Nilton Milanez.

Vitória da Conquista – BA  
Fevereiro de 2017

C28o Correia, Vilmar Prata.

Filosofias do suicídio: corpo, governo e memória em vídeos de curta duração no Youtube. Orientador: Prof. Dr. Nilton Milanez. Vitória da Conquista, 2017. 114f.

Dissertação (mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017.

1.Suicídio 2.Vídeo. 3. Governo 4. Poder. I. MILANEZ, Nilton. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. Título.

Título em Inglês: Philosophies of suicide: body, government and memory in videos of Short duration on Youtube.

Palavras-chaves em Inglês: Suicide; video; government; power.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Prof. Dr. Nilton Milanez (Presidente), Prof. Dr. Jorge Miranda de Almeida (titular), Profa. Dra. Ivânia dos Santos Neves (titular).

Data da Defesa: 09 de fevereiro de 2017

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Vilmar Prata<sup>r</sup>Correia

### Filosofias do suicídio: corpo, governo e memória em vídeos de curta duração no youtube

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Data da aprovação: 09 de fevereiro de 2017.

#### Banca Examinadora:

Prof. Dr. Nilton Milanez (Presidente)  
Instituição: UESB

Prof. Dr. Jorge Miranda de Almeida  
Instituição: UESB

Prof. Dr. Ivânia dos Santos Neves  
Instituição: UFPA

Ass.:   
Ass.:   
Ass.: 

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	5
1.1 CORPO E GOVERNO .....	7
1.2 APRESENTAÇÃO GERAL DO <i>CORPUS</i> : O LUGAR DA MÍDIA E DO <i>YOUTUBE</i> ..	10
1.2.1 Apresentação específica e detalhada do corpus.....	14
1.2.2 Os títulos.....	22
1.2.3 Delimitação temporal: Data e tempo dos vídeos .....	24
1.2.4 Visualizações, comentários, postagens, curtidas e não-curtidas: um regime jurídico-político .....	27
<b>2 MATERIALIDADES PARA O CORPO DO SUJEITO SUICIDA: GOVERNO E PODER EM VÍDEOS JORNALÍSTICOS POSTADOS NO YOUTUBE</b> .....	29
2.1 A BIOPOLÍTICA E OS CORPOS SUICIDAS.....	33
2.2 CRISES E SENTIDOS ENTRE BIOPODER E CORPO .....	38
2.3 MODALIDADES DOS CORPOS DOS SUJEITOS SUICIDAS NOS VÍDEOS .....	41
2.4 O GOVERNO DO OUTRO .....	48
2.5 O GOVERNO DE SI.....	52
2.6 O SUICÍDIO NA MÍDIA TELEVISIVA.....	58
2.6.1 A televisão no youtube: As formas de recortes e procedimentos de controle do discurso.....	60
2.6.2 Luzes, câmera e o corpo do sujeito suicida .....	65
2.7 O CORPO COMO LUGAR DE ENUNCIÇÃO HISTÓRICA .....	67
<b>3 ESCOLHA INDIVIDUAL, ATO COLETIVO: CAMPO DE MEMÓRIA E VÍDEOS DE SUICÍDIO ASSISTIDO NO <i>YOUTUBE</i></b> .....	68
3.1 A ESPECIFICIDADE DE UM DOMÍNIO: O CAMPO DE MEMÓRIA E O SUICÍDIO ASSISTIDO.....	72
3.1.1 Campo de memória: Suicídio assistido, atualidade e corpo .....	76
3.1.2 Campo de memória e as táticas visuais .....	79
3.1.3 Campo de memória e os entrelaçamentos discursivos do suicídio.....	88
3.1.4 Campo de memória e as práticas imagéticas de vídeos de suicídio assistido.....	92
3.2 DEIXAR MORRER NÃO É O FIM .....	101
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	104
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110
<b>YOUTUBOLOGIA</b> .....	113

## RESUMO

Esse trabalho traz à baila a análise reflexiva e a discussão sob o viés da investigação das materialidades discursivo-históricas do corpo e do sujeito suicida em um *corpus* que reúne vídeos de curta-duração veiculados no *youtube*, apresentando sujeitos que se suicidam ou tentam suicídio para, posteriormente, identificar as condutas desse mesmo corpo, que apontam para formas do governo de si e de governo do outro, a partir dos postulados de Michel Foucault, colocando em funcionamento os campos de memória que marcam a posição dos sujeitos. Ao lado das noções de governar o outro e do autogoverno inscrevem-se uma política da repetição como também uma política do esquecimento de imagens sócio-históricas que irão determinar um tipo de ordem específica que atravessam as três formações identificadas na pesquisa: vídeos de suicídio amador, suicídio assistido e vídeos sensacionalistas de suicídio. Mais ainda, observaremos, também, furos, rachaduras, ou seja, o campo de memória de uma lacuna nesse sistema de imagens, que fazem surgir um sujeito social com posicionamento diferente de determinadas leis de gerenciamento da vida, e mais precisamente, esse sujeito social será identificado como o sujeito suicida, aquele que desafia as regras da utilidade biológica. Em suma, o que se objetiva com esse trabalho, oferecer mais uma opção reflexiva sobre o assunto, buscando nas bases teóricas da Análise do Discurso, francesa, a possibilidade de um novo olhar, ou de um novo ângulo de se olhar para um mesmo ponto, vislumbrando novas possíveis arestas, retomadas, ou mesmo rupturas e reformulações teóricas sobre um tema gerador de tantas discussões, independente do tempo e do espaço que se encontra os indivíduos que se dedicam a pensar sobre o assunto.

**Palavras-Chave:** Suicídio. Vídeo. Governo. Poder.

## ABSTRACT

This work brings to light the reflexive analysis and the discussion under the bias of investigating the discursive-historical materialities of the body and the suicidal subject in a corpus that gathers short videos transmitted on YouTube, presenting subjects who commit suicide or attempt suicide to , Later, to identify the conducts of the same body, which point to forms of self-government and government of the other, starting from the postulates of Michel Foucault, putting into operation the fields of memory that mark the position of the subjects. Alongside the notions of governing the other and of self-government are inscribed a policy of repetition as well as a policy of forgetting socio-historical images that will determine a specific kind of order that traverse the three formations identified in the research: amateur suicide videos , Assisted suicide and hyped videos of suicide. Moreover, we will also observe holes, cracks, that is, the field of memory of a gap in this system of images, which raise a social subject with a different positioning of certain laws of life management, and more precisely, this social subject Will be identified as the suicidal subject, one who defies the rules of biological utility. In short, what is objective with this work, to offer a more reflective option on the subject, searching in the theoretical bases of the Discourse Analysis, French, the possibility of a new look, or a new angle of looking at the same point , Looking for new possible edges, retakes, or even ruptures and theoretical reformulations on a theme that generates so many discussions, regardless of the time and space that individuals are dedicated to think about the subject.

**Keywords:** Suicide. Video. Government. Power.

## 1 INTRODUÇÃO

O sistema capitalista trouxe aos homens nessas últimas décadas a contribuição para tornar cada indivíduo mais distante de sua humanização, assim como de sua civilidade, servindo, desta forma, como força motivadora para aguçar questões existenciais relevantemente polêmicas vividas pelo homem contemporâneo. Diante desta realidade, o objetivo geral deste trabalho é, primeiramente, investigar as materialidades discursivo-históricas do corpo e do sujeito suicida em um *corpus* que reúne um total de trinta e quatro vídeos de curta-duração veiculados no *youtube*, apresentando sujeitos que se suicidam ou tentam suicídio para, posteriormente, identificar as condutas desse mesmo corpo, que apontam para formas do governo de si e de governo do outro, a partir dos postulados de Michel Foucault, colocando em funcionamento os campos de memória que marcam a posição dos sujeitos.

Partindo daí, o suicídio sob o viés de um discurso sobre o corpo, revela marcas expressivas do controle bio-sócio-histórico, como nos explica Foucault:

Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder (FOUCAULT, 2001, p.128).

À luz dessa afirmação, vislumbramos um panorama estruturado de duas formações de vídeos, sobre os quais iremos nos debruçar ao longo deste trabalho: primeiro, os vídeos jornalísticos sensacionalistas; segundo, os vídeos de suicídio assistido. Todos eles ilustram o posicionamento bio-sócio-político de sujeitos que tentam dar fim à própria vida em público, conseguindo êxito na maioria das vezes.

Portanto, cada vez que um vídeo de suicídio é postado no *youtube*, produzido pelo olhar de um indivíduo que, calçado com a câmera de um celular, ou por câmeras profissionais, se potencializa e se amplia toda sua materialidade visual e sonora, transformando a imagem captada num registro audiovisual de acessibilidade ilimitada. Sob essa perspectiva, Milanez explica que

A memória coletiva nos dá a possibilidade de nos situarmos enquanto sujeito naquilo que temos de individual e sócio-histórico, mas não somente como meros espectadores da memória do tempo, mas como sujeitos organizadores e recriadores de memória, o que acaba inevitavelmente na instalação de um acontecimento em termos discursivos (MILANEZ, 2013, p.351).



Desta forma, a decisão de morrer não afeta apenas o indivíduo que morre; ao contrário, o que podemos ver nos vídeos é que toda sociedade é afetada por esse ato. O corpo social se coloca como corresponsável por aquele corpo que decide inutilizar a própria vida, seja tentando impedi-lo, seja registrando audiovisualmente, seja simplesmente assistindo-os.

A crítica foucaultiana se dá sobre o exercício do governo do outro em relação às decisões existenciais do indivíduo, no que tange a conceitos de governo de si e do governo do outro. O estudo discursivo sobre a prática do suicídio e sua relação com o sujeito, tema e justificativa para este trabalho, encontra seus ecos também nas discussões de Foucault com o diretor de cinema alemão Schroeter:

Uma das coisas que me preocupam há certo tempo é que me dou conta do quanto é difícil se suicidar. Refletem e enumeram o pequeno número de meios de suicídios que temos à nossa disposição. Cada um mais desgostoso que os outros: o gás, que é perigoso para o vizinho, o enforcamento que é tão desagradável para a faxineira que descobre o corpo na manhã seguinte, atirar-se pela janela, que suja a calçada. Além do mais, o suicídio é, certamente, considerado da maneira mais negativa pela sociedade. Não somente se diz que não é bom se suicidar, mas se considera que se alguém se suicida é porque estava muito mal (FOUCAULT, 2011, p.108).

Nessa mesma conversa, ainda, Foucault (2011, p. 107) provoca: “Sou partidário de um verdadeiro combate cultural para re-ensinar as pessoas de que não há uma conduta que seja mais bela, que, por conseguinte, mereça ser refletido com tanta atenção, quanto o suicídio”. Tal posicionamento ecoa sua urgência ainda hoje, sendo materializada nesses vídeos de suicídio, que tomam cada vez mais espaço social nas mídias, sendo impossível ignorar esse fenômeno, e ao mesmo tempo, aproximando o sujeito suicida da sociedade de uma maneira nunca visto antes: a audiovisualidade como suporte de registro do sujeito suicida na história sócio-política das cidades, assumindo o valor outrora reclamado por Foucault.

Em Foucault, ainda, encontramos como base teórica os questionamentos sobre governamentalidade, cuja peculiaridade do termo ganha respaldo científico em um dado momento histórico no qual o poder se volta para a vida em si, atribuindo ao ato de viver necessidades tipicamente administrativas, chamando a atenção veementemente para um poder exercido sobre a vida. Em contrapartida, vivemos em uma sociedade na qual situações relevantes no cotidiano da vida dos indivíduos e, conseqüentemente, na vida de toda sociedade, favorecem e potencializam o suicídio.

Albert Camus (1981, p. 8) constatou que “O suicídio foi tratado somente como um fenômeno social”. Michel Foucault (2011, p. 108) nos alertou sobre como “é difícil se

suicidar”. Durkheim (1982, p. 16), em sua obra *O Suicídio*, compreende como suicídio “todo caso de morte que resulte, direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que poderia produzir esse resultado”. Tais asserções nos fazem refletir sobre a prática do suicídio no campo de uma polícia governamental da vida, que exige que o sujeito se mantenha lúcido, ativo e produtivo, para uma dita sociedade do corpo útil.

Assim, o governo de si, remete ao governo do outro, estão diretamente ligados. Ou seja, o indivíduo se pauta no outro para estabelecer seus padrões de controle individual e vice versa, uma relação sempre tensionada por um jogo de poder pulverizado na sociedade e em contínua transformação.

Ao lado das noções de governar o outro e do autogoverno inscrevem-se também uma política da repetição como também uma política do esquecimento de imagens sócio-históricas que irão determinar um tipo de ordem específica. Essa ordenação vai se dar a ver nos vídeos para este estudo por meio das imagens que insistem em se repetir, reproduzindo e fazendo circular, de um lado, posicionamentos do sujeito suicida impondo sua decisão e, do outro lado, a sociedade representada por indivíduos institucionalizados, como os bombeiros, pretendendo interromper a prática suicida. Mais ainda, observaremos, também, furos, rachaduras, ou seja, o campo de memória de uma lacuna nesse sistema de imagens, que fazem surgir um sujeito social com posicionamento diferente de determinadas leis de gerenciamento da vida, e mais precisamente, esse sujeito social será identificado como o sujeito suicida, aquele que desafia as regras da utilidade biológica.

## 1.1 CORPO E GOVERNO

Nesse redemonhio de vídeos de suicídio que circulam, o corpo é tomado como o centro da imagem. Tanto o corpo do sujeito suicida como os outros corpos que aparecem no decorrer das imagens: os curiosos que assistem como plateia ávida por algum acontecimento inusitado no cenário urbano, os bombeiros e a polícia que aparecem com o intuito de impedir que o suicídio venha às vias de fato. Entretanto, Foucault acima de tudo nos alerta que

Esse mesmo corpo é retirado e captado por um tipo de invisibilidade, da qual nunca poderíamos separá-lo. O corpo é ao mesmo tempo, transparente e opaco. Transparente do lado em que podemos medi-lo, calculá-lo,

esquadrinhá-lo. Opaco na medida em que seus sentidos se moldam em relação com a história que o constitui. (FOUCAULT, 2009, p. 13)

Portanto, o modo como os corpos são mostrados nos vídeos faz emergir um novo olhar sobre eles, um olhar anônimo, um olhar virtual, que transcende a necessidade de se fazer presente no momento do suicídio, ocupando um lugar de destaque no funcionamento das engrenagens da mecânica das circulações em todo seu potencial de divulgação.

Esse posicionamento aponta, então, para a valorização do corpo, de sua singularidade, de suas práticas, principalmente, de suas relações sociais, econômicas e culturais, travadas ao longo de sua história. Recorrendo a Milanez (2009, p. 128) “[...] o corpo é investido de domínios de poder e de saber, ou seja, ter o seu corpo dominado por preceitos institucionais ou dominar o seu corpo, imprimindo-lhes marcas singulares é incluir-se como sujeito [...]”. Nessa perspectiva, o corpo passa a ser o eixo central de todo funcionamento existencial do sujeito. Não podendo escapar às prerrogativas sociais, nem tão pouco de uma posição individual diante de si e da sociedade de que faz parte.

Com esse cenário, a política de governo do outro assume o gerenciamento da utilitariedade do corpo do sujeito frente à sua sociedade, que cobra de maneira estatística as melhores formas de desempenho em todo tipo de gestão produtiva e organizacional. Para Foucault (1999a, p. 29), “O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”. Portanto, a docilidade do corpo e sua inteira disponibilidade às regras socialmente impostas é que definem seu posicionamento diante de si e do outro. Levando em consideração que, o não cumprimento de orientações para um corpo socialmente adaptado, resulta em diversos tipos de traumas.

Entendendo o corpo nesse viés é que podemos visualizá-lo como instrumento de poder ou submissão, a depender de cada sujeito, de sua relação com o outro e, principalmente, como é construída a relação de seu corpo dentro de sua história social. Esses movimentos fazem emergir o campo de memória presente em vídeos exibidos aleatoriamente numa plataforma virtual, estabelecendo a morte como meio de negação ao governo do outro.

Nessa esteira, tomaremos o corpo e o campo de memória, dado a ver nos posicionamentos dos sujeitos face à vida, nos vídeos elencados no *corpus* deste trabalho, a fim de traçarmos um diagnóstico atualizado, problematizando o corpo e a memória sob os seguintes questionamentos: Que elementos corporais são evidenciados nesses audiovisuais? Que posturas o corpo recria frente ao governo do outro e ao governo de si? Que modalidades

de campos de memória emergem nesses vídeos? E, com tais questões, nos debruçamos com Foucault sobre a relação do sujeito com o governo do outro.

Posto isto, a hipótese que norteia este trabalho é a de que o sujeito está submetido às ordens biopolíticas de sua cultura, mas pode produzir resistências, o que lhe possibilita um exercício de liberdade diante do sistema organizacional da sociedade, desembocando numa prática de si. Essa prática de si diante dos ditames sociais emerge por meio do campo de memória, que resguarda todos os fragmentos e traços que permitem emergir lacunas de memórias históricas de práticas libertárias, por meio das quais o sujeito pode se movimentar e (re)criar sua forma de viver no seio da formação dos discursos e das práticas da vida. Assim, é levantada por Foucault (2006a, p. 50) uma questão crucial, que nos serve de guia: “Qual é pois o eu de que é preciso cuidar quando se diz que é preciso cuidar de si?” Esses posicionamentos teóricos servem, dessa maneira, à análise dos vídeos em torno do sujeito suicida.

Uma das modalidades de desenvolvimento deste trabalho se baseia na separação e descrição das formações vidiáticas elencadas, a fim de analisar as formas do governo do outro sobre os sujeitos suicidas e a relação de seu corpo frente ao corpo do outro, que emergem dos vídeos selecionados. Assim, esquadrihar e agrupar as materialidades audiovisuais visa à análise de formas de governo de si como aspectos de resistência do sujeito face aos modos de controle do corpo social no *corpus* elencado. Apontar, problematizar e discutir o funcionamento do campo de memória que regem as leis de repetição e apagamento dos corpos nos vídeos é outra empreitada que coloca em cena a produção e a reiteração de formas de governo do outro e de governo de si.

De acordo com Foucault, é necessário questionar e discutir os métodos e técnicas de si, levando em consideração os meios pelos quais o sujeito se constitui como indivíduo pertencente a um grupo social. Desse modo, acreditamos com Foucault (2008a, p. 114) ser importante estabelecer que “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha em torno de si um campo de coexistências”. Isso é observado na ligação discursiva que cada formação tem com a outra dentro do campo de memória a que pertencem. Nenhuma delas está isolada. Ao contrário, todas se ligam a uma mesma rede de memória, que conforme Foucault trata-se de

Redistribuições recorrentes que fazem aparecer vários passados, várias formas de encadeamento, várias hierarquias de importância, várias redes de determinações, várias ideologias, para uma única e mesma ciência, à medida

que seu presente se modifica: assim, as descrições históricas se ordenam necessariamente pela atualidade do saber, se multiplicam com suas transformações e não deixam, por sua vez, de romper com elas próprias (FOUCAULT, 2008a, p. 5).

Trazendo para o centro discursivo, o suicídio como questão social a ser analisada, como um discurso sobre a vida e a morte na perspectiva do corpo, do governo de si e do outro, numa rede mais ampla de memória.

Compreendemos os vídeos selecionados como um conjunto de formas que se agrupam, se separam, se transformam e se desfazem em um campo de coexistências, esquadrihando um conjunto de características típicas e comuns entre eles que possibilitam percebê-los, entendê-los e associá-los, de modo que se fará emergir posturas relacionadas no embate individual com o governo do outro, que se impõe como regra a ser seguida.

Desta maneira, um olhar próprio e pessoal torna-se o olhar de todos, produzindo a repetição de uma memória que, sem o registro em vídeo, seria apenas a memória audiovisual de uma pessoa. Sob o olhar de Foucault (1999b, p. 118), podemos refletir sobre o fato de que filmar o que se vê, seria “uma coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadriha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos”, independentemente do que se vê, contanto que fomente a visualização e a circulação. Podemos, então, questionar se isso não seria uma tentativa de tornar comum o que é ímpar e único.

## 1.2 APRESENTAÇÃO GERAL DO *CORPUS*: O LUGAR DA MÍDIA E DO *YOUTUBE*

Mediante busca dada na internet, especificamente na plataforma virtual *youtube*, constatei que vídeos de curta duração, amadores e jornalísticos, envolvendo suicídio como temática central passaram a ser veiculado a partir do ano de 2010. Vale salientar que alguns vídeos que encontrei foram produzidos antes desta data, porém, não há registro de postagem em qualquer outra plataforma virtual.

Debrucei-me especificamente sobre um *corpus* cujo recorte se dá nos últimos cinco anos, entre 2010 e 2015 e notei que a circulação de vídeos de suicídios na internete passou a crescer de maneira considerável no *youtube* nesse período. O fato é que a prática do suicídio em lugares públicos está cada vez mais comum nos centros urbanos e de igual maneira, a produção e postagens de vídeos que registram e publicam o fenômeno.

Em viadutos, torres de alta tensão ou torres de telefonia, prédios, viadutos, salas de lugares públicos, e de modo diferenciado dos demais vídeos, a produção audiovisual sobre a prática do suicídio assistido, enfim, lugares de visibilidade que favorecem o olhar social, e conseqüentemente, o seu registro em vídeo por câmeras amadoras de celulares de cidadãos comuns, que passam pelo local no momento ou por câmeras profissionais de jornais sensacionalistas, que fazem do episódio mais um meio de alavancar os números do ibope.

Apesar de recomendações governamentais que apontam os males da divulgação de imagens de práticas suicidas em qualquer meio de comunicação, apesar de toda represália social que repugna o suicídio como algo naturalmente nocivo à sociedade e não apenas a quem pratica, percebe-se que essa censura tem sido esquecida ou ignorada de modo geral pela sociedade, tal afirmação se sustenta na quantidade de visualizações e comentários nos vídeos que circulam na internete.

Segundo Courtine (2008, p. 31) “a imagem se torna original ainda quando, para ser melhor difundida, influencia o dispositivo material das práticas; os regulamentos, os espaços, os tempos.” É exatamente o que se nota ao nos depararmos com o mapa de vídeos de suicídio na rede virtual. Esse quadro é relevante nos debates e no modo como a sociedade tem se posicionado em relação a essas produções audiovisuais, fomentando cada vez mais a multiplicação desse tipo de vídeo e, mais ainda, as opiniões em torno do assunto.

Essa nova realidade tem colocado em cheque essas políticas midiáticas que simulam uma preocupação de não veicular casos de suicídio nos principais meios de comunicação disponíveis hoje, seja televisão, seja internete. Conforme Deleuze (2005, p.58) “a história é esta determinação dos visíveis e dos enunciáveis em cada época, que ultrapassa os comportamentos e as mentalidades, as ideias, tornando-as possíveis”, desenhando um campo de memória que traz à tona toda discussão sobre um assunto que sempre esteve presente nas sociedades humanas de maneira nunca visto.

Chamo a atenção para duas questões referente à presença desses vídeos no youtube: a repetição e o crescimento quantitativo. A repetição refere-se ao fato de que o mesmo vídeo é postado inúmeras vezes por pessoas diferentes, em datas diferentes com sinopses variados, e em muitos casos, até mesmo editados. Existe ainda a repetição das técnicas de filmagem, sendo a maioria usando o *zoom*, *contra-plongéé*, plano conjunto, para dar melhor cobertura ao acontecimento. A repetição ainda se percebe no que se refere aos modos de suicídio que são

apresentados, lugares, posições do corpo-suicida sob o olhar da câmera e as posições dos outros corpos que atravessam as imagens.

A reprodução desses vídeos e sua repetição insistente no *youtube* aponta para um fenômeno sócio-discursivo, acontecimento que nos leva a compreender a repetição de cenas de suicídio em lugar público, uma vez que, os lugares e modos de se matar são semelhantes e com crescimento quantitativo nitidamente observável. Em Camus essa repetição

Marca ao mesmo tempo a morte de uma experiência e sua multiplicação. É como uma repetição monótona e apaixonada dos temas já orquestrados pelo mundo: o corpo, inesgotável imagem no frontão dos templos, as formas ou as cores, o número ou o desgosto (CAMUS, 1981, p. 48).

Quanto ao crescimento quantitativo, é nítida a quantidade de vídeos de suicídio postados no *youtube* de 2010 a 2015. Esse crescimento cresceu anualmente nos primeiros cinco anos da segunda década do século XXI de modo facilmente verificável ao usar a ferramenta de busca com a palavra suicídio. Atravessados por outros vídeos considerados bizarros, quando se dá busca na plataforma com a palavra suicídio, surgem quase que, em efeito cascata, ininterruptamente, uma avalanche de vídeos que seguem o mesmo padrão temático, tendo pouca variação quando se trata de objetivos, pois em meio aos diversos vídeos de suicídio de curta duração, surgem alguns que são produzidos de modo a não incentivar a prática suicida, apresentando discursos muitas vezes com respaldo religioso, onde o suicídio é tratado como algo abominável e nocivo não só ao indivíduo que se mata, mas também aos familiares e a toda sociedade.

Quase como uma medusa que seduz os olhos despertados pela curiosidade e pelo fascínio ao que se considera socialmente bizarro, os vídeos de suicídio revelam um *boom* midiático de um novo modelo de atração audiovisual que se destaca entre os milhões de vídeos que circulam deliberadamente no *youtube*, pois conforme Jenkins (2008, p. 29), “no mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada”. E é importante justamente por se tratar de sujeitos comuns que fazem do seu cotidiano um acontecimento marcante para sua história ao ponto de refletir na história de muitos outros sujeitos. Esse sujeito comum que ganha os holofotes da mídia por meio de sua morte, abre uma fresta na banalidade diária chegando até mesmo merecer ser registrado e divulgado.

Nessa linha, os vídeos de suicídio têm ocupado lugares de visibilidade midiática que outrora não ocupava. As ferramentas midiáticas de produção audiovisual e suas veiculações tomaram o suicídio como uma prática social merecedora de espaço como qualquer outra, e

aquilo que antes não se podia ver, hoje não só se pode ver, como também divulgar e produzir uma inquietação social por meio das mídias. Especificamente, aqui, tratei da internete, mais precisamente da plataforma *youtube*, para situar minha análise discursiva e pontuar especificamente os vídeos de suicídio de curta duração, que circulam entre os outros vídeos veiculados nesse mesmo lugar virtual. Manovich nos orienta que

As novas mídias podem ser compreendidas como um mix de antigas convenções culturais de representação, acesso e manipulação de dados e convenções mais recentes de representação. Os velhos dados são representações da realidade visual e da experiência humana, isto é, imagens, narrativas baseadas em texto e audiovisuais – o que normalmente compreendemos como cultura (MANOVICH, 2005, p. 37).

Desta forma, temos no vídeo uma extensão do olhar urbano que toma forma abstrata na rede por meio do audiovisual. O vídeo, ainda, possibilita generosamente, o conhecimento de inúmeros fatores que traçam os novos contornos da sociedade moderna, permitindo o acesso a banalidades, bizarrices, fatos relevantes, atrativos ou depreciativos.

O fato é que a prática do suicídio em lugares públicos está cada vez mais repetitiva nos centros urbanos, se estendendo ao mundo virtual, destacando-se como um acontecimento discursivo, ganhando cada vez mais espaço nas redes. É certo que, conforme Foucault (2008a, p. 161) “não poderíamos considerar que se tratasse de um único e mesmo acontecimento discursivo que teria sido submetido, através do tempo, a uma série de repetições”, um acontecimento com regularidades específicas entre si, porém, singularizados em seu momento, sujeitos e movimentações cênicas determinadas.

A questão que se deve levar em conta aqui é o poder de circulação que ganha o suicídio registrado em vídeo nessa rede discursiva, como também que tipo de discurso reproduz esses vídeos na ampla esteira dos saberes que atravessam o seio da sociedade. Pois, segundo Jenkins (2008, p. 193) “À medida que pessoas comuns se aproveitam das novas tecnologias que possibilitam o arquivamento, a apropriação e a recirculação de conteúdos de mídia” se pulveriza e se dissemina mais ainda todo tipo de informação.

### 1.2.1 Apresentação específica e detalhada do Corpus

O *corpus* geral deste trabalho foi selecionado e agrupado no decorrer de buscas minuciosas na internete, cujo objetivo era encontrar vídeos de suicídio, atendendo ao interesse

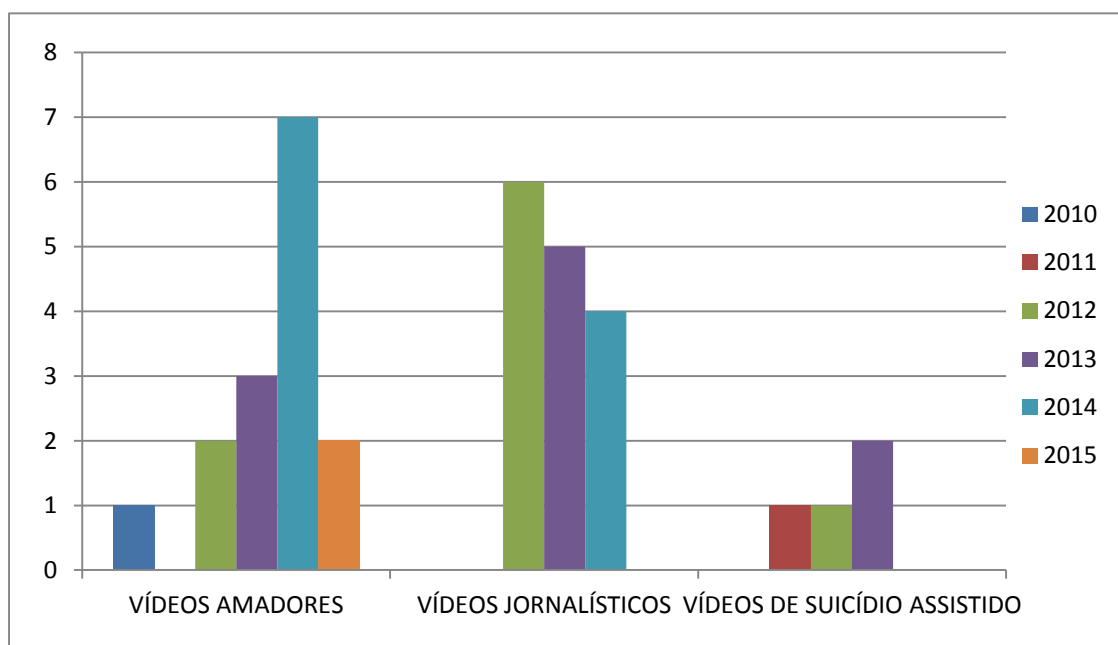


de conhecer um pouco mais sobre o posicionamento do sujeito suicida e os deslocamentos da prática suicida na mídia. No decorrer do trabalho de garimpar essas materialidades vidiáticas, o *youtube* se destacou como a plataforma com maior número de vídeos com essa temática.

Assim, o *corpus*, conforme citado anteriormente, se consolidou com um total de trinta e quatro vídeos, sendo divididos em três formações: vídeos amadores, jornalísticos e de suicídio assistido. Chamo de formações por se tratar de agrupamentos discursivos que se formam e se instauram através do tempo e do espaço em um campo de memória, estabelecendo uma comunicação entre si, se sobrepondo um ao outro, construindo uma estrutura familiar e simultaneamente enigmática. Sobre isso Foucault falará de

um corpus de conhecimentos que supõe uma mesma visão das coisas, um mesmo esquadramento do campo perceptivo, uma mesma análise do fato, segundo o espaço visível do corpo, um mesmo sistema de transcrição do que se percebe no que se diz (FOUCAULT, 2008a, p. 38).

No caso tratado, o assunto central é o suicídio registrado em vídeo e veiculado no *youtube*. São, portanto, quinze vídeos amadores, quinze jornalísticos e quatro vídeos de suicídio assistido. Saliento que sobre a primeira formação, vídeos amadores, devido a questões do tempo disponibilizado para o mestrado não foi possível um estudo analítico sobre os mesmos, sendo assim, apresentarei nesse trabalho, apenas os vídeos encontrados no decorrer da pesquisa a título de se fazer conhecido uma outra faceta do *corpus* que teve relevante contribuição na pesquisa. Chamo atenção ainda, para o número diferenciado de vídeos de suicídio assistido, pois no período em que fechei a pesquisa do *corpus*, em agosto de 2015, havia disponível no youtube apenas quatro vídeos de suicídio assistido. Para melhor compreensão, segue abaixo um gráfico que representa a evolução das postagens.



Como pode ser observado no gráfico, desde o ano de 2010, no tocante às três formações houve um crescimento quantitativo de postagens de vídeos no *youtube*. Em alguns períodos mais, outros menos, mas o fato relevante aqui é que, nos últimos cinco anos, o cenário da plataforma virtual aqui citada ampliou o leque de opção de vídeos a serem vistos, oferecendo automaticamente aos seus navegadores mais experiências audiovisuais, fazendo da prática do suicídio mais um entre tantos modelos de atração na rede.

Diante de tais informações não pude deixar passar despercebido algumas questões importantes como: quais as condições de possibilidades para a veiculação desses vídeos nesse período? o que impulsionou os vídeos amadores? o que levou ao crescimento de vídeos jornalísticos? por que os vídeos de suicídio assistido aparecem em pouca quantidade em relação às outras formações?

No que se refere às questões de quantidade e equiparação entre uma formação e outra, Foucault colabora no exercício de pensar

A especificação de um método de análise do tratamento quantitativo dos dados, da decomposição segundo certo número de traços assinaláveis, cujas correlações são estudadas, a decifração interpretativa, a análise das frequências e das distribuições, a delimitação dos conjuntos e dos subconjuntos que articulam o material estudado e a determinação das relações que permitem caracterizar um conjunto de relações funcionais, causais, analógicas (FOUCAULT, 2008a, p. 12).

Partindo desses pressupostos, constatei que as condições de possibilidades para a veiculação dos vídeos de suicídio no período de 2010 a 2015 estão diretamente ligadas ao fato de que foi no ano de 2010 que se começou a publicização do *youtube* como meio de entretenimento e de divulgação de informações, se transformando no lugar virtual de se fazer conhecido, ou conhecer diversos tipos de saberes. Atrelado a essa nova realidade midiática, começaram a surgir os aparelhos celulares com câmeras, que se tornaram febre entre as pessoas que passaram a adquiri-los em efeito cascada. Com tal aquisição, registrar todos os momentos, pessoais e alheios, passou a ser a ordem do dia, fotografar e filmar se transformaram numa prática cotidiana na vida comum e as redes virtuais, principalmente, o

*youtube*, tornou-se o lugar de compartilhamento de todos os registros feitos, incluindo os suicídios cometidos em espaços públicos.

Os vídeos amadores são impulsionados pela facilidade adquirida por meio da tecnologia e da acessibilidade generalizada de todos os cidadãos às mídias virtuais e aos aparelhos celulares com câmeras. Cada sujeito passa a ser os olhos e os ouvidos de todos, introduzindo milhares de realidades e de acontecimentos segundo suas respectivas experiências, que permitem sua coparticipação numa rede midiática sem fronteiras, onde cada indivíduo é, ao mesmo tempo, autor e telespectador das materialidades audiovisuais veiculadas na plataforma virtual.

Portanto, o que parece justificar a relevante quantidade de vídeos amadores de suicídio na rede e, conseqüentemente no *corpus*, é justamente a facilidade citada de cada sujeito em ter uma câmera nas mãos, tornando-o um verdadeiro câmera-*man* à paisana, sempre disposto e preparado para registrar todo tipo de acontecimento e se tornar conhecido mundialmente na mídia virtual. Mais ainda, trazer à baila assuntos polêmicos e em alguns casos, esquecidos ou ignorados pela sociedade.

Dentre os inúmeros assuntos disponibilizados no *youtube* por meio dos vídeos amadores, se encontram os vídeos de suicídio assistido, apresentando um grande número de visualização, comentários e até mesmo curtidas. Este fato despertou o interesse dos programas de jornais sensacionalistas, que vislumbraram nesse tipo de produção uma promissora opção de possibilidade de chamar a atenção dos telespectadores e fazer subir os números do *ibope*.

Os vídeos jornalísticos de suicídio são produções mais elaboradas em termos de recursos televisivos. O diferencial se encontra no fato de serem feitos com câmeras profissionais e com a presença de narrativa jornalística, dando uma roupagem sensacionalista e espetacularizada para o suicídio. Sua primeira divulgação é pela televisão e, posteriormente, os próprios telespectadores os postam no *youtube* na íntegra, ou muitas vezes, editam o vídeo. O que vale destacar é que o crescimento do número desse tipo de vídeo está vinculado à tomada do suicídio como assunto com potencial midiaticamente atraente e emergiram após os vídeos amadores ganharem notoriedade na *web*.

Em contrapartida, os vídeos de suicídio assistido surgem nessa esteira de modo muito peculiar, apresentando outra faceta do suicídio. Aqui, tirar a própria vida, não está vinculado diretamente ao desespero, não se trata de modo algum de um ato abrupto frente às câmeras, como se é possível averiguar nas outras formações. Diferentemente, todo processo de decisão

e a consumação do suicídio é previamente pensado, refletido e discutido. Isso é realizado com o apoio jurídico por meio das ONGs que foram criadas para apoiar pessoas que desejam morrer conforme suas motivações e para quem antes não havia apoio algum.

Os vídeos nessa formação são produzidos de forma profissional com o intuito de divulgar a prática do suicídio assistido, desmitificando todos os *tabus* criados em torno da morte por meio dos discursos religiosos e políticos. A quantidade de vídeos postados na rede é muito reduzida em relação às outras formações, tendo em vista a complexidade de seu conteúdo e ao fato de que poucos países atualmente permitem a criação das ONGs de suicídio assistido e viabilizam a juridicidade para sua existência.

No gráfico apresentado é possível notar informações relevantes para se pensar o *corpus*, como a quantidade de vídeos postados e os períodos das postagens de cada formação. É importante ainda especificar os detalhes de cada vídeo que pertence ao *corpus* da pesquisa que resultou nesta dissertação, como por exemplo, as datas das publicações dos vídeos, os responsáveis pela postagem, o número de curtidas e não curtidas, uma vez que se referem a dados essenciais para o mapeamento desses vídeos na rede.

No *corpus* existem vídeos nos quais o sujeito suicida consegue consumir o ato, outros ainda nos quais o sujeito suicida é impedido por terceiros de se matar. Entendemos, aqui, o conceito de sujeito com Foucault (2006b, p. 7), nos esclarecendo que “em cada caso, se exercem, se estabelecem consigo mesmo formas de relações diferentes. E o que me interessa é, precisamente, a constituição histórica dessas diferentes formas do sujeito.” Portanto, o sujeito é visto como constituinte de uma posição bio-social que o situa frente aos outros sujeitos e que, simultaneamente, o confronta com outras formas existentes de sujeitos.

Destacam-se ainda os locais escolhidos para cometer suicídio, entre eles, pontes, prédios, torres. De modo geral, lugares públicos que oferecem potencial para visualização pública e, fugindo à regra, o suicídio assistido que é feito dentro da casa do próprio sujeito suicida. O modo como o suicídio é praticado torna-se algo relevante, uma vez que a maioria se realiza por meio de saltos de lugares altos. Poucos vídeos mostram práticas como enforcamento, tiro e envenenamento.

Abaixo seguem as três tabelas das formações de vídeos amadores, jornalísticos e suicídio assistido, nessa ordem.

Vídeos Amadores

TÍTULO	Adicionado	DURAÇÃO	ACESSO	COMENTÁRIO	POSTADO POR	CURTIDA	NÃO CURTIDAS
“Homem se joga de ponte e cai direto no chão”	08/02/2015	0:38	40.666	20	Matraka Loka	65	44
“Mulher se joga de viaduto em SP”	21/03/2015	0:42	71.005	262	Gusto Vine	215	95
“Homem pula do viaduto de Guaianazes”	03/10/2014	0:32	1.960	19	To no Zap Zap	96	38
“Homem filma rapaz se suicidando”	22/01/2012	1:41	12.241	170	CL3092	182	365
“Gay se joga de torre de telefonia em Porto Velho – RO (cena forte) 19/04/2013”	21/04/2013	0:40	5.192	78	Boca no Trombone	408	202
“Chocante! Flagra! Tent ativa de suicídio em Santa Bárbara do Oeste”	11/02/2012	4:27	11.039	303	Salatiel Júnior	355	84
“Suicídio na Terceira ponte Vitória cenas fortes”	27/03/2014	1:07	17.502	9	Anderson de Jesus	19	0
“Mulher pula de prédio em zona norte do Recife – 13/11/2014	13/11/2014	1:07	11.665	123	Thiago Acioli	155	89
“Salvador: jovem se joga de edifício”	10/12/2014	0:46	45.042	18	Plantão Itabuna	44	57
“Mulher se joga de prédio em Alphaville, mas algo se	31/05/2013	0:30	40.968	263	Liliane Fraga	162	85

joga antes”							
“Suicídio de Bud Dwer ao vivo (Deep web)”	09/07/2014	1:20	75.047	325	Realidade Cruda	451	56
“Salvamento de uma tentativa de suicídio”	26/03/2014	1:52	268	18	Blog O mundo Real	14	0
“Resgate desajeitado de uma tentativa e suicídio”	23/07/2010	3:03	75.793	114	Wender w	134	38
“Suicídio no Shopping Tucuruvi”	16/12/2014	0:14	5.019	0	Thales Augusto	4	4
“Bombeiro salva vida de um suicida de um jeito muito louco”	23/12/2013	0:29	5.881	19	Comédia Boa	230	6

### Vídeos Jornalísticos

“Rapaz se joga de torre de alta tensão em Cascavel”	05/09/2013	03:43	29.319	193	Luiz Herler	313	82
“Bombeiro agarra suicida no momento do salto”	07/08/2012	1:00	33.847	151	Eu sou bombeiro	871	53
“Veja o resgate impressionante de um jovem que	10/07/2012	02:29	78.986	79	Reporter virtual	1.459	564

subiu em uma torre de energia”							
“Resgate Suicida em Castanhal na sexta-feira 13 de janeiro 2012	11/02/2012	01:17	56.929	33	Dary Gracie	147	5
“Suicídios” (ao vivo)	01/07/2014	02:24	13.786	23	Trem de loco	345	87
“Homem em cima de Torre de Alta Tensão, pendurado no fio” (Marcelo Rezende)	05/10/2012	04:49	1.340.869	790	Xuarzanega	2.020	742
“Suicídio – Homem transtornado morre ao se jogar de torre em Porto Velho	19/04/2013	02:38	22.343	275	To de olho	68	43
“Pulo para morte – Homem suicida	24/02/2013	06:08	76.747	56	Glook vídeos	85	38
“Bombeiros de Anápolis em resgate de tentativa de suicídio em viaduto”	25/04/2014	04:11	7.340	6	Gislene Neri	36	0
“Salvamento de suicida na passarela da rodovia	18/03/2014	29:13	16.708	50	Ed Alexandre	337	48

<b>Limeira – Piracicaba</b>							
“Bombeiro salva rapaz de suicídio”	17/10/2013	2:54	10.311	2	Jornal do meio-dia	43	1
“Homem tenta pular de viaduto e bombeiro consegue socorrer”	22/06/2014	6:07	3.147	0	DRTV notícias	7	2
“Desespero! Homem tenta suicídio”	11/07/2012	7:44	8.153	3	Marcelo Bocão	11	2
“Homem tenta suicídio na porta da delegacia – ação policial”	23/02/2012	5:12	1.700	1	Ação policial	2	0
“Suicida armado atira na própria cabeça na Colômbia”	25/09/2013	02:28	38.512	212	Marco Antonio Silva	521	159

## Suicídio Assistido:

“Suicídio assistido na tv suíça”	14/04/2012	5:05	37.657	212	Patocolher	963	309
“Documenta I mostra suicídio assistido de un hombre	14/06/2011	2:48	40.630	50	Tuteve -ATV	60	23



“suicídio assistido, o direito de morrer”	08/04/2013	09:21	6.608	2	Gabriela Brites Pereira	13	5
“Suicídio assistido”	27/11/2013	4:16	39.770	86	Efe Géese	73	33

### 1.2.2 Os títulos

O espaço linguístico que acolhe o título dos vídeos tem intrínseco à sua forma de distribuição a reduplicação do sujeito suicida. Não apenas a informação em rede se multiplica, mas também o posicionamento dos sujeitos que ali se materializam. O funcionamento da identificação dos vídeos por meio da designação de títulos apresenta uma regularidade linguística da qual emergem três tipos de construções para a região de curiosidade do sujeito *youtubológico*. Por um viés, instauram-se posicionamentos sobre o sujeito suicida, por outro, buscam imprimir características geográficas e espaciais, determinando, assim, um terceiro ponto, a configuração do tipo de acontecimento.

As marcas linguísticas presentes em todos os títulos apontam para a espetacularização de seu conteúdo, tornando midiaticamente atraente por meio de palavras que despertam curiosidade por parte dos internautas. Os títulos, sem exceção, já revelam o seu conteúdo, atrelado a conotações sensacionalistas, fazendo uso de palavras como “sensacional”, “resgate”, e principalmente, “suicídio”.

Alguns títulos manifesta a vinculação do ato ao gênero, como em “Homem se suicida” “Gay se joga...” ou “mulher se suicida”, nunca usando o nome próprio da pessoa. A marcação de gênero ainda que identifique o sujeito, o despersonaliza, levando em conta a dispersão do sujeito dentro de uma rede biológica, traçada essencialmente pelos aspectos e contornos socialmente definidos para um determinado tipo de corpo.

Tal maneira de apresentar o sujeito suicida, desidentificando-o, tirando-lhe o nome de nascimento, define-o, em ambiente sócio-histórico, dentro de uma perspectiva religiosa que parece punir a morte sobre si mesmo. O *tabu* do ato de se matar se revela no apagamento do nome do indivíduo, negando-lhe, assim, um lugar de identificação social, apagando-o historicamente. Na prática que o indivíduo desenvolve sobre si mesmo, a linguagem e a escolha do léxico apontam para uma maneira de aceitação da morte, que pode ser mais

facilmente digerida quando se tratar de quem não tem um nome, sem sugerir uma história de vida ou um vínculo de proximidade do observador digital sobre esse acontecimento.

De fato, a morte se torna mais suportável quanto mais distante ela estiver de nós. Mesmo que esteja do outro lado de uma tela, a morte é vista pela câmera do celular de quem o gravou, primeira forma de virtualização da morte enquanto acontecimento suportável de se ver. Em segunda instância, para quem apenas assiste ao vídeo, trata-se de um acontecimento ficcionalizado, levando em consideração o distanciamento que a produção do título desse mecanismo de registro proporciona. Podemos ver a morte, sim, de perto, mas do lado de dentro da tela. Por isso, podemos vê-la, comentá-la, compartilhá-la: a morte não parece real, o real é uma filmagem que nos consola e que assola suavemente o medo daquilo que se teme. Portanto, as condições de se ver estão atreladas às maneiras de dizer no título sobre o sujeito do acontecimento.

No caso das escolhas verbais, o léxico se contextualiza como expressão de uma conduta moral. Nessa instância, a singularidade do sujeito enquanto opção por essa atitude é colocada em evidência, criando a ilusão de apenas apontar a observação de um fato. Entretanto, reverenciar esse acontecimento para um título faz emergir todo um discurso religioso, médico e psiquiátrico, não mais sob a ótica de uma simples e pseudo-observação. De outro modo, enfatiza o lugar de proibição social em atentado contra a vida, aproximando-o de um espetáculo a céu aberto.

Em relação ao campo geográfico da sequenciação linguística presente nos títulos, identificando a cidade e até mesmo o local exato que acontece o suicídio, enunciam singularidades que materializam a localização espacial do acontecimento, apresentando uma regularidade física no que se refere aos pontos urbanos escolhidos para se matar como viadutos e prédios.

Interessante observar que o direcionamento dos títulos focaliza de modo mais contundente a região com vistas a uma fiscalização do espaço, enquanto, a nosso ver, o horizonte da paisagem pictórica dada a nossa compreensão pela nominalização de ‘prédio’ ou ‘viaduto’ é diminuída por um tipo de percepção geral do espaço no acontecimento.

O olhar vê, portanto, segundo a enunciação dos títulos, a exterioridade espacial, o prédio, o viaduto, o nome da cidade, como a espacialização de um fora do sujeito suicida, no qual o corpo se movimenta - alude para a interioridade da cena que é ao mesmo tempo, íntima

e pública. Nessa perspectiva, os títulos parece se isentar da invasão do espaço de intimidade do sujeito, o que justificaria o olhar indiscreto e sem culpa daquele que olha a vida alheia.

### 1.2.3 Delimitação temporal: data e tempo do vídeo

A distribuição temporal apresentada nas três tabelas segue a lei de uma escala precisa. A audiovisualidade em questão configura um espaço temporal muito bem determinado. Estamos certos de que essa periodização não seria jamais aleatória, pois sendo essas produções audiovisuais um acontecimento, se observa a exigência de uma condição que a emplaque em um determinado tempo. Esse tempo ao qual me refiro concerne a “um domínio de atualidade, definindo os problemas presentes” (FOUCAULT, 2008a, p. 67), que materializa o espaço em consonância com o tempo da produção do vídeo. O aspecto da força de um acontecimento presente invade a rede, justapondo a delimitação de um período à camada histórica do corpo suicida sob uma brevíssima escala temporal. O estrondoso impacto dessa produção, portanto, se constrói tanto pela ênfase de sua condição de atualidade em um dado presente quanto pelo choque da curtíssima distribuição temporal dos vídeos.

Nesse sentido, “cada periodização recorta na história certo nível de acontecimentos e, inversamente, cada camada de acontecimentos pede sua periodização” (FOUCAULT, 1985a, p. 156). É importante ressaltar que estamos diante do quadro de uma cronologia estreita que faz emergir um acontecimento único que, ao meu ver, introduz uma ruptura na inscrição do sujeito suicida e no rumo da história de nossas vidas cotidianas.

O escalonamento temporal cujo período data a história da vida no ‘agora’, muitas vezes formatado pelo sujeito que posta o vídeo no *youtube*, propõe a detecção da interrupção de uma continuidade histórica. Mais especificamente, a cronologia espremida estabelecida para o acontecimento suicida não entra em oposição descontínua de sua espacialidade. Esse intrincado jogo entre espaço-tempo, não determina para apenas um tipo de aspecto para o tempo dado.

Ainda que seja mister fixar os limites temporais, compreendendo-o no interior de nossa atualidade, não há tempo que se feche em um relógio, não há calendário que encerre uma data específica. O escalonamento temporal está, sem dúvida, funcionando em relações enunciativas, ou seja, a data e o tempo de duração dos vídeos, traço cronológico, faz sentido apenas em seus deslocamentos relacionados aos acontecimentos que o precederam e àqueles que dele surgirão.

Portanto, o fator tempo não é dado por si, ele vale enquanto ponto para as cercanias dos acontecimentos e dos estratos que o fazem existir. Talvez o mais importante seja a questão de que o sujeito se reconheça partir de um período marcado no tempo que lhe possibilita ver a si mesmo naquele pronunciamento audiovisual: um encontro entre ele – o sujeito – o seu espaço e o tempo que o determinam como desdobramento de uma história real e ao mesmo tempo virtual.

A característica temporal é demarcada pela duração dos vídeos. Os vídeos de modo geral são curtos, não ultrapassando dez minutos, espaço de tempo pelo qual percorremos nosso olhar sobre a enunciação do corpo suicida. A brevidade da duração dos vídeos no *youtube* é um traço determinado já pelo próprio sistema de veiculação dos vídeos. O *youtube* não encoraja postagens mais longas do que dez minutos.

A coerção do suporte de acolhimento dos vídeos em rede, a brevidade vidiática é, sobretudo, uma faceta da alma do negócio no mundo de compartilhamento de vídeos, como apontado em manuais de produção e edição de vídeos no *youtube* (LASTUFKA, DEAN, 2009; CARROLL, 2014). A duração dos vídeos se torna uma estratégia, uma tática de gerenciamento do espaço digital.

Quanto mais breve, mais as chances de os vídeos serem vistos na sua integralidade. Isso aponta para atitudes digitais dos sujeitos diante dos vídeos: sob um ângulo, eles parecem ser um meio de matar o tempo entre uma atividade e outra, um tipo de pausa, um cochilo para revigorar as forças e continuar tarefas disciplinadoras do dia-a-dia; sob outro, os sujeitos espectadores mantêm sua atenção por muito pouco tempo sobre o objeto audiodigital. O olhar digital é, então, intenso, porém, fugaz. A visualidade do sujeito se faz esperta, rápida, aguçada, parece seguir um alvo, determinar uma presa, que ao ser alcançada, se satisfaz e salta para outros espaços de atualidade para o sujeito das digitalidades.

O fator tempo, dessa maneira, se manifesta sob dois contornos bastante peculiares. O primeiro diz respeito às expressividades do traço socialmente marcado na cronologia dia, mês, ano. A segunda, constitutiva da primeira, admite e reafirma a condição de existência que materializa a virtualidade da vida do sujeito digital, sua liquefação do olhar e atitudes voltadas à multitarefas, colocando em relevância a esfera da simultaneidade das ações, que privilegia aquele que, em um mesmo tempo, pode realizar e vivenciar uma multiplicidade de práticas sócio-culturais em curto espaço de tempo.

Em outros termos, melhor dizer que o sujeito assume sua posição heterotópica face ao mundo, desdobrando-se do seu universo doméstico para uma gama de possibilidades infinitas em direção a outros tempos e espaços, desenhando as linhas geográficas de um tempo e espaço que não podem ser tomados dentro de sua estrutura cronológica e local. O sujeito digital tem a experiência de si no exterior de si mesmo. Isso produz um efeito de onipresença e imortalidade, estética de vida dos deuses, que nos eleva do mundo dos mortais por meio do mundo digital: o sujeito digital, comum, infame, se transforma no deus de sua história transpessoal e intransponível.

#### 1.2.4 Visualizações, comentários, postagens, curtidas e não-curtidas: um regime jurídico-político

Uma maneira de considerar as visualizações e os comentários de vídeos no *youtube* diz respeito ao sucesso ou ao fracasso da recepção e interação de um certo tipo de compartilhamento. Essa atitude face à postagem, às curtidas e não-curtidas trata o vídeo como um jogo de números, que visa fazer com que ele seja listado como *top* em uma avaliação por visualizações.

Dessa perspectiva, ver, comentar, curtir e não-curtir vídeos do *youtube* são tomados enquanto instrumento de produção de *marketing* pessoal ou profissional. Na mesma linha, essas atividades virtuais em relação aos vídeos são consideradas o ponto alto da interação, pois quanto mais comentários você recebe, mais seu vídeo pode subir na lista dos vídeos mais vistos, como também essa é uma porta para conhecer os usuários que visualizaram seu vídeo, fazendo a rede de interconexão se ampliar. A questão que interessa é a mesma, ou seja, a dilatação do espaço de visibilidade dos vídeos, mas esse posicionamento abriga estratégias diferentes e mais complexas do que a do gerenciamento marquetário de si.

Quando um usuário do *youtube* clica um vídeo, o assiste e é impulsionado a deixar um comentário, curtir ou não-curtir, ele se revela como um sujeito participativo a partir de uma noção “jurídico-política”, para tomar de empréstimo um termo de Foucault (1985a, p. 157). Tal atribuição coloca em pauta estações bem delimitadas acerca do sujeito digital. Ver, comentar, curtir e não-curtir os vídeos são condições que delineiam um domínio, um dado território digital e, como toda e qualquer região, a ação que incide sobre essas posições é a de fiscalizar e gerenciar de forma estratégica.

Isto nos leva a atrelar a produção a um sistema político cujas leis são criadas pelos usuários, a fim de dominar o campo digital e instalar ali suas marcas e singularidades. A política, portanto, é aquela que se desdobra em um horizonte militar, desembocando na administração de si e do outro por meio do ver, do falar e do deixar ver as imagens, letras, e ouvir sons que são infinitamente dispersadas em espaço digital. O jurídico se constituiu por meio dos modos de enunciar nesses vieses, ou seja, de produzir um filme profissional ou caseiro que institui uma posição social e firma uma ordem judiciária do dizer.

É válido deixar dito que o político e jurídico são estratégias de poder para o gatilho e procedimento de criação de visibilidade de si, considerando-se os modos de se enunciar, deixando-se pelo menos vislumbrar o tipo de saber que a quantificação de visualizadores e comentários à vista.

De modo geral há uma política para o gerenciamento da vida em todos os vídeos, marcada na posição de enfrentamento de segmentos sociais entre o sujeito suicida e os demais sujeitos que aparecem nos vídeos, bem como os que assistem os vídeos e os postam. A produção desse lugar se centra no ideário de uma polícia da vida do indivíduo e da população. Essa vertente imprime ao sujeito a marca do controle e de um saber histórico que nos exige viver, cuidar-se de si e do outro no prolongamento da vida. O modo com que lidamos com o governo do outro remete de forma objetiva ao modo como governamos as nossas próprias vidas e, no caso do suicídio, acaba por se tornar socialmente um ato de horror, causando um sentimento de ojeriza na população em geral.

Por mais que existam pontos contraditórios nesses vídeos, nos orienta Foucault que “pequenas’ diferenças não são eficazes para alterar a identidade do enunciado e para fazer surgir outro: elas estão todas neutralizadas no elemento geral” (FOUCAULT, 2008a, p. 115). Assim, assistir esse tipo de vídeo, viabiliza uma considerável questão sugerida por Foucault: “Quem somos nós” (FOUCAULT, 1995, p. 235) no cuidado de si e do outro e no governo de si e do outro? Esse questionamento parece ecoar dentro de cada indivíduo que faz parte da sociedade cujo senso de utilidade corporal é estabelecido como norma, mas que se quer resistência e ponto de respiro para uma ditadura da vida.

## 2 MATERIALIDADES PARA O CORPO DO SUJEITO SUICIDA: GOVERNO E PODER EM VÍDEOS JORNALÍSTICOS POSTADOS NO YOUTUBE

As reflexões apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho visam compor a análise discursiva dos vídeos jornalísticos de curta duração, editados e postados no *youtube*, que fazem parte de uma das formações do *corpus* geral da pesquisa. Nesse conjunto de vídeos são encontrados, como nas outras formações, sujeitos que se matam ou que tentam se matar em lugares públicos, sempre diante de um aglomerado de pessoas. Porém, a característica peculiar dessa formação é que primeiramente são veiculados na televisão por meio de programas jornalísticos sensacionalistas, e depois, sofrem edições dos próprios telespectadores, sendo, então, lançados na plataforma *youtube*.

Minha proposta é abrir uma discussão que toma como pauta as relações de governo-poder e de biopolíticas que objetivam preservar não apenas a vida em si, mas a vida de um corpo que seja saudável e produtivo *versus* o sujeito que toma o suicídio como conduta social e decide consumá-lo em lugar público, dando oportunidade de registro audiovisual. Esses acontecimentos fazem emergir reflexões pertinentes a um novo fenômeno social que cresce de maneira considerável: o suicídio em lugares públicos.

A partir de Foucault podemos pensar que esta rede de vídeos trata-se de

[...] um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (FOUCAULT, 2008a, p. 82).

Portanto, para diagnosticar as nuances da realidade apresentada nos vídeos, essas relações entre o corpo social e o corpo do sujeito suicida traçam uma rede de movimentos biopolíticos entre o governo de si e o governo do outro, no qual poderes são determinados mediante as diversas posturas tomadas.

O sujeito suicida se molda no que se refere à subversão de uma ordem imposta, em que a vida deve prevalecer sempre sobre a morte. Segundo Foucault (2008b, p. 458) “estamos num mundo do regulamento indefinido, do regulamento permanente, do regulamento perpetuamente renovado, do regulamento cada vez mais detalhado, mas estamos sempre no regulamento.” O sujeito suicida não está isento de tais regras, porém a construção que engloba

o conceito de sujeito suicida, levando em consideração as formações de um sujeito social ligado diretamente à morte, se estende e se fragmenta em todas as manifestações audiovisuais no decorrer dos vídeos, ilustrando claramente a relação social entre dois polos distintos, a lei de preservação da vida e o sujeito que a transgride.

Apesar de toda negação política e social da morte, não há como deixar de compreendê-la como parte da vida, permitindo ao sujeito ser plenamente capaz de abandonar a própria existência conforme as circunstâncias que experimenta. Se de um lado temos uma sociedade biopolitizada que não admite o suicídio, temos do outro o sujeito suicida que não tolera existir nas circunstâncias sociais às que lhes são propostas, tomando a morte como uma opção relevante, fazendo do fim de sua vida um ato público.

Essa complexa relação social registrada em vídeo nos abre a oportunidade de questionar: que condutas corporais são encontradas nos vídeos jornalísticos diante das relações de poder entre o sujeito suicida e os outros sujeitos que querem impedir a consumação do suicídio? Que materialidades audiovisuais são observadas nesses vídeos em relação ao governo do outro e ao governo de si sob as regras de gerenciamento de vida e morte?

Nessa esteira, a vida é compreendida como um fenômeno quantitativo e mensurável sob três polos que se atravessam: longevidade, saúde e produtividade. O conceito de um indivíduo que seja útil, dócil e normal, em igual proporção, desencadeia uma força contrária, permitindo ao que é considerado estranho e desproporcional ganhar espaço entre as fendas e rupturas de um sistema nem sempre tão perfeito. Isso parece fazer surgir tudo que foge ao que podemos chamar de uma ordem natural das coisas, em que o corpo deve viver até sua deterioração natural, seguindo assim, o fluxo da vida. Aqui, recorreremos a Foucault em sua afirmação que

Existem relações de poder múltiplas que se atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem certa economia dos discursos de verdade (FOUCAULT, 1979a, p. 101).

Frente a tais conceitos, o sujeito suicida passa a representar a transgressão das leis e normatizações de uma produção histórica que visa a preservação de uma vida que proporcione ao corpo qualidades, como utilidade e produtividade, verdades impostas por toda uma estrutura social. O suicídio se torna, diante desse cenário social, um modo de resistência às



imposições dos discursos sociopolíticos e aos seus conceitos de moralidades biológicas e dos ditames de um poder que dita o padrão de vida a ser seguido.

Utilidade, docilidade e normalidade são regras de condutas para todo indivíduo social. Sem essas três posturas, seguindo essa perspectiva, o indivíduo passaria a assumir um papel nocivo para o meio social no qual está inserido, obrigando a criação e a aplicação de regras governamentais de gerenciamento da vida, que pretendem auxiliar na ordem social para o bem estar de todos.

É numa relação intervencionista das políticas de vida que se busca preservar a utilidade e a produção do corpo, que o suicídio torna-se um lugar de ameaça, um gesto de vingança ou mesmo um modo de punir o sistema político vigente por alguma insatisfação pessoal. Seja como for compreendido o ato de se matar, como nos lembra Camus (1981, p. 45) é o ato de “decidir se a vida merece ou não ser vivida é responder a uma pergunta fundamental da Filosofia.” Nesse viés, o corpo do sujeito suicida se posiciona como o ponto de fusão entre o caos existencial e o caos social, levando em consideração que o sujeito suicida não destrói apenas seu próprio corpo, mas provoca diversas consequências para toda sociedade, desafiando o poder e o governo do outro.

Frente a essas novas realidades, deparamo-nos com conceitos delicados de liberdade, vida e morte, no qual o corpo do sujeito suicida assume o ponto crucial de discrepância das políticas de gerenciamento da vida, que é simplesmente uma vida normatizada. O que está em jogo nesse momento é o que Foucault classifica de biopolítica

Se pudéssemos chamar de ‘bio-história’ as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de ‘biopolítica’ para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana (FOUCAULT, 2001, p. 134).

Considerando uma imposição social que obriga não apenas a produzir, mas a intensificar e maximizar a produção de riquezas que colaborem com a preservação da vida humana em todos os níveis pessoais e sociais. Desta forma, o suicídio assume o lugar de resistência frente ao poder sobre os corpos, e mais ainda, de modo ‘escandaloso’, quando ocorrido em lugar público, registrado em vídeo e divulgado nos principais meios de comunicação.

Consideramos resistência como o resultado de um poder aplicado, conforme Foucault (2001, p. 89), trata-se de um “jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes o

transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras”, gerando uma manifestação social ou individual que nega submissão por diversos motivos. Devemos, portanto, compreender o corpo do sujeito suicida como um ponto relevante de resistência às políticas de preservação da vida. Porém, trata-se de uma manifestação de resistência que, quando registrada em vídeo, alimenta um círculo vicioso de sádicos e voyeurs que ‘gozam’ via internete ou televisão com a morte alheia num verdadeiro espetáculo virtual.

O suicídio banal registrado em vídeo faz do sujeito suicida a autêntica expressão do anormal em nossa sociedade, anormalidade que se desloca para uma postura de resistência quando seu corpo afronta a própria vida e as regras da sociedade de que não é permitido morrer, muito menos cometer suicídio. Lembrando Courtine que

A exibição do anormal, elemento central de um conjunto de dispositivos que fazem da exposição das diferenças, estranhezas, deformidades, enfermidades, mutilações, monstruosidades do corpo humano, o suporte essencial de espetáculo onde se experimentam as primeiras formas da indústria moderna da diversão de massa (COURTINE, 2008, p. 57).

Assim, o corpo do sujeito suicida é compreendido pelo corpo social como a evidência da falta de sociabilidade e adaptação, da anormalidade e de algo que não está nitidamente bem, resultando na resistência de seu corpo por meio de sua própria morte aos ditames da sociedade de que faz parte.

Os modos de controle e impedimento do suicídio reafirmam a vontade biopolítica de que nenhum tipo de morte é bem-vindo, para que, assim, a ordem, a produção e, principalmente, o ideal de moral das condutas sociais sejam preservadas. Dessa forma, o sujeito se posiciona de modo submisso frente às orientações de vida do governo do outro. Assim, nos esclarece Foucault:

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, na manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 2007, p. 119).

É nessa trama social de controvérsias que a vida e a morte se duelam constantemente e insistentemente, que o governo de si e o governo do outro estão sempre em tensão, elevando o suicídio não apenas como mais uma possibilidade de morte entre tantas, mas casualmente,

como uma possibilidade intrigante do que Foucault denomina de a “estética da existência” (FOUCAULT, 1994, p.41), em que o indivíduo se compreende como autor de seu próprio destino, desenhando seu traçado existencial conforme suas percepções da realidade.

O suicídio é um modelo sinuoso de postura social que atravessa as redes discursivas na mídia televisiva e virtual, talvez aproximando o sujeito ao grotesco da vida, numa trama em que a imagem do corpo é a chave da observação e consumação de materialidades de posturas e formas. Segundo os conceitos de Foucault (2006a, p. 306), vale “considerar que relações de poder, governamentalidade, governo de si e dos outros, relação de si para consigo compõem uma cadeia, uma trama e que é em torno destas noções que se pode articular a questão da política”, de tal modo que o sujeito não está alheio às normas da sociedade nem mesmo quando decide morrer segundo sua vontade.

Essa breve explanação sobre governo, poder, biopolítica e suicídio nos lançam aos contornos enunciativos que permitem introduzir mais um conceito para a construção de uma idealização de discursos essenciais que demarcam a metamorfose do sujeito social em sujeito suicida entre inúmeras modalidades discursivas. Esse mesmo sujeito suicida que é atravessado por infinitos discursos de preservação da vida, cujo objetivo é sanar as contradições materializadas na prática de se tirar a própria vida que compõe sua atuação enquanto sujeito público e suicida.

## 2.1 A BIOPOLÍTICA E OS CORPOS SUICIDAS

Os aspectos materializados na singularidade do corpo, de suas práticas e principalmente de suas relações sociais lhe proporcionam autenticidade e autonomia, conforme a imposição de suas aceitações e negações diante do que o corpo social vigente lhe imputa como regra. Compreendendo o corpo nessa perspectiva, é que podemos visualizá-lo como instrumento de força, normatização e submissão, a depender de cada sujeito e sua relação com os outros.

Levando em consideração o entendimento do corpo como um fenômeno discursivo e político na construção de sua história e de sua cultura, na qual se formam continuamente discursos, poderes e saberes sempre diferentes um dos outros, não se pode esquecer que, de acordo com Foucault:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no

biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade. O corpo é uma realidade biopolítica” (FOUCAULT, 1990a, p. 80).

Diante de tal afirmação, em um exercício de um experimento reflexivo e analítico sobre como a biopolítica viabilizou formas inusitadas de explicações sobre o suicídio, acreditamos que suicidar-se ou tentar suicídio ganhou nos últimos tempos um novo olhar, uma nova forma de narrativa e um novo sentido, os quais foram gerados e organizados ao longo de toda história.

Sob esse efeito histórico entendemos o corpo do sujeito suicida registrado em vídeos como uma rachadura no alicerce da biopolítica, favorecendo o surgimento de novas formas de inteligibilidade e de explicação para a prática suicida, além de apontar as conexões possíveis entre biopolítica, vida, morte.

É importante esclarecer que compreendemos a biopolítica como um tema, uma problemática, uma nova tecnologia política. A biopolítica fomenta um novo modelo de exercício de poder e estratégias políticas de regulação e controle da vida. Constrói-se como força estratégica, assumindo posições e funções, princípios, redes, diagramas e, principalmente, práticas e formas.

Dentre os objetivos do governo, de modo geral, não é difícil perceber que a preservação da vida, vista como bem mais precioso, está sempre na linha de frente dos projetos governamentais. Nas palavras de Foucault (2001, p. 125) “Os governos percebem que não tem que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um ‘povo’, porém com uma ‘população’, com seus fenômenos e suas variáveis próprias”. Portanto, o sujeito se dissolve na grande massa e suas características pessoais passam a compor uma “colcha de retalhos” com características de cunho social, uma autêntica peça no jogo biopolítico estabelecido.

Em face de tal afirmativa, a vida, é entendida, aqui, não como individual, mas no que se refere à vida da população, e a biopolítica, por sua vez, colabora com o entendimento da vida biológica nos exercícios de poder e nas práticas políticas. Foucault nos indica que esses exercícios e práticas são “destinados a produzir forças, a fazê-las crescer e ordená-las mais do que a barrá-las, dobrá-las ou destruí-las, um poder que gere a vida” (FOUCAULT, 2001, p. 128). Assim, questões biológicas e políticas se ligam de maneira direta.

Conforme a complexidade de suas relações, paulatinamente são desenvolvidas técnicas de poder, cuja preservação da vida passa ser o objetivo principal e o suicídio uma

ameaça ao bem comum de toda sociedade, que é a própria vida. Para Foucault, o maior desafio político de nossos tempos gira em torno da libertação do indivíduo em relação ao Estado, porém, essa libertação não se restringe apenas ao Estado em si, mas, principalmente, ao modo de individualização que ele normatizou como padrão moral.

Surge então a necessidade de levantar possibilidades de reformas da subjetividade individual, rejeitando veementemente o modelo de individualidade imposto há muito tempo por meio de tecnologias normativas de comportamento. Acreditamos que a anunciação do sujeito suicida em concretizar seu ato em um lugar público produza o efeito de rejeição a um sistema padrão e universal, presentificando, assim, quase que escandalosa e desesperadamente sua decisão diante da insatisfação em viver nessa sociedade.

Considerando as discussões de Foucault (2006b, p. 295), acreditamos que esses vídeos vêm “mostrar que as pessoas são muito mais livres do que pensam; pois elas consideram evidentes e verdadeiros temas que foram fabricados, e esta pretensa evidência pode ser criticada e destruída [...]”. O suicídio passa, desta forma, a ser um meio de se rebelar contra o sistema político vigente, que dita as leis de como se comportar socialmente e, principalmente, de como existir, enquanto sujeito pertencente a uma determinada sociedade.

No conjunto de 15 vídeos de suicídio jornalísticos que compõe o *corpus*, priorizei os que representam de maneira mais direta a construção de iniciativas que visam o controle das imagens, atendendo uma exigência dos discursos que se atravessam sob a égide social e histórica, uma vez que, ficaria muito extenso trabalhar todos os vídeos no corpo da dissertação. As exigências desses discursos jornalísticos frente às relações do corpo suicida e do corpo social que o assiste são experimentadas sem restrições por todos os sujeitos. O suicídio assim deixa de ser uma experiência pessoal e passa a ser uma experiência coletiva, sob os registros das lentes das câmeras.

Ao voltar nosso olhar sobre essas produções audiovisuais, notamos que elas expressam de maneira inovadora aquilo que é tecido ao longo de toda uma trajetória histórica. O que antes era registrado em carta pelos próprios suicidas, agora é registrado em vídeos por terceiros e, de maneira aleatória, é divulgado. Tais fatos abrem um leque de interpretações, se recompondo e se reorganizando mediante as novas tendências e possibilidades que emergem de uma sociedade moderna e suas tecnologias, obedecendo não mais que as nuances do tempo e da época em que esse tipo de discurso sobre o sujeito suicida circula.

Esses vídeos jornalísticos de suicídio se situam nos entrelaçamentos dos medos e anseios do sujeito contemporâneo, porém não desvinculados da história que o antecede. Dessa maneira compõem a movimentação histórica de uma prática que sofre mudanças conforme as novas perspectivas que se abrem e se fecham, ao sabor das rupturas e religamentos do sujeito enquanto indivíduo, frente ao mundo no qual está inserido.

As produções desses vídeos estão muito mais enraizadas numa prática de sujeição, a esse respeito, Foucault nos mostra:

como funcionam as coisas ao nível do processo de sujeição ou dos processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, no topo, tentar saber como foram constituídos, pouco a pouco, progressivamente. Instância material da sujeição enquanto constituição dos sujeitos (FOUCAULT, 1979a, p. 102).

Desta maneira, o suicídio sob as câmeras ultrapassa o sentido de uma tendência ou gênero audiovisual, ou mesmo, uma mera repetição de tal prática. Ele vai, além disso, ocupando o lugar de uma produção discursiva que alimenta uma coletânea de práticas cuja base está submersa em *tabus* dos quais não se é permitido falar, nos quais a sujeição entre os corpos e em relação ao sistema político que está inserido é muito mais intensa do que parece ser.

Toda desordem social no cenário urbano, provocado pelo corpo do sujeito suicida e registrado em vídeo, conduz à natureza da luta travada entre a vida e a morte, entre o conceito de corpo útil e inútil, dócil e rebelde, culminando numa relação tipicamente política de poderes. Essa produção audiovisual que atravessa as táticas cinematográficas registra historicamente o novo lugar do suicídio não só na sociedade, mas também na mídia televisiva e virtual.

Há muitas possibilidades de justificativa para as causas do suicídio e o que faz exatamente um indivíduo julgar ‘normal’ escolher a morte e não a vida. Para esclarecer esse impasse seria necessário partir da relação entre biopoder e corpo, tal como ela se concebe nos nossos dias para nos aproximarmos de uma compreensão desse fenômeno. Sobre o poder, Foucault (2001, p. 75) nos aponta que “ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui”. Em todas as camadas sociais, o poder se faz presente, suas práticas são pulverizadas entre os indivíduos. Desta forma, o poder interfere diretamente sobre os inúmeros modos de se comportar do sujeito frente à própria vida, à própria morte e à vida e à morte dos outros.

O biopoder não tem como objetivo ignorar o corpo, ao contrário, ele o toma como responsabilidade, potencializando-o e preservando-o. Essa postura exercitada no centro do biopoder faz com que o sujeito se confunda, perdendo a noção de seu papel diante do biopoder e, principalmente, o papel do poder frente a si mesmo. Essa relação delicada gera individualmente um desejo de administrar a própria vida, fazendo com que surjam lacunas, falhas, rupturas entre o sujeito e a sociedade, quando esse, por sua vez, decide não concordar com as orientações de preservação da vida e acredita no direito de decidir sobre a própria vida ou a própria morte, assumindo o suicídio como uma opção entre tantas.

Quando as mortes resultadas do suicídio ganham visibilidade midiática, expõe-se a fragilidade e o medo contemporâneo de uma sociedade que perde um corpo saudável no ápice da criatividade e produtividade, punindo não somente o sujeito que morre, exposto a uma série de questionamentos e julgamentos. Conforme Foucault:

O corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à luz de sua utilização econômica (FOUCAULT, 1999a, p.28).

Compreendendo o corpo sob esse viés econômico, como ferramenta produtiva favorável a toda sociedade, o suicídio torna-se um mal a ser combatido, em contrapartida, sob as novas tecnologias de entretenimento, também passa ser uma fonte de diversão um tanto quanto bizarra.

Diante desta realidade, nos deparamos com o fato do corpo do sujeito suicida que, antes, era apenas um desperdício de força produtiva, passando agora a ser uma atração midiática, fonte produtora de vídeos com potencialidades econômicas rentáveis, meio pelo qual se atrai os olhos dos telespectadores.

Portanto, os casos de mortes oriundas do suicídio devem ser considerados especificamente ao produzirem impactos sociais no cotidiano de todas as pessoas, independentemente da idade, da classe social e de sua religião, pois, os sujeitos que se deparam com os registros em vídeos de suicídio na televisão ou no *youtube*, ou mesmo, os que assistem ao vivo o suicídio alheio, têm, de modo geral, a mesma posição, o de telespectador frente a um episódio que vai da tragédia a um ato público que se transforma em espetáculo.

## 2.2 CRISES E SENTIDOS ENTRE BIOPODER E CORPO

Ao entrarmos no assunto ligado às crises e sentidos geradas na relação entre biopoder e corpo, mais especificamente o corpo do sujeito suicida, questionamos as implicações teóricas e analíticas referentes aos vídeos de suicídio jornalísticos imbricado a uma série de normas de gerenciamento que nos faz voltar à emblemática questão levantada por Foucault (2008a, p. 56) em sua obra *Arqueologia do Saber*, “quem fala?” para nos aproximarmos de uma compreensão da posição de cada sujeito que aparece nesses vídeos, seus posicionamentos frente ao outro e frente à câmera.

Desta maneira é necessário nos lançarmos ao conjunto de vídeos que desenham as redes discursivas atravessadas por séries de séries que formam e delimitam as crises e sentidos do cenário social, que permitem a atuação de um corpo suicida atravessado por outros corpos, representantes do biopoder vigente com todas as suas normas de preservação da integridade física dos corpos.

Esses fatores viabilizam a reflexão sobre os lugares nos quais se desenvolvem os discursos, de modo que, progressivamente é descrita a formação do conjunto dos que se pronunciam, o tipo de discurso no qual se materializa, sonoro e/ou imagético, bem como, a identificação e averiguação das nuances das posições dos sujeitos que falam, seguido das correlações de suas falas interligadas numa rede em que a vida e a morte são dois extremos que se opõem.

As crises e sentidos vivenciados pelos corpos e representados no decorrer dos vídeos, assumem posicionamentos que vão de encontro aos domínios e objetivos que ultrapassam as fronteiras que separam as concepções do que é individual e coletivo, sejam sujeitos individuais, lugares coletivos e institucionais. Mantendo o nivelamento interindividual, escamoteado pelas posições coletivas dos corpos.

A multiplicidade das crises existenciais e dos sentidos que elas produzem são acolhidas e representadas nas imagens em movimento que se formam na representação dos vídeos jornalísticos de suicídio, que buscam, sem restrições, agregar valor por meio de uma produção elaborada, visando seduzir os olhares dos telespectadores ao ponto de fazer do suicídio mais um fenômeno de espetacularização no cenário urbano, no qual o corpo do sujeito suicida ganha o estrelato e a fama no distanciamento das propostas biopolíticas de corpo dócil e útil.

É importante frisar que a repetição desses vídeos jornalísticos no *youtube* expande os efeitos do suicídio na modernidade enquanto representação de uma crise que toma novos



sentidos em nossos tempos. Esses atravessamentos se dão por meio de táticas audiovisuais que fazem emergir a discussão acerca dos limites entre o governo do outro e do governo de si, ligados diretamente pela biopolítica, que tenta exaustivamente manter o poder de decisão sobre o tempo útil da vida dos corpos.

O modelo de produção audiovisual jornalístico, que faz do corpo do sujeito suicida o centro das atenções, adota ferramentas imagéticas e linguísticas que viabilizam a acessibilidade do sujeito comum a uma rede discursiva que até então era distante do cotidiano das pessoas e dos grandes centros urbanos. A observação das imagens capturadas pelas câmeras profissionais e depois editadas deixa transparecer a fugacidade com que o corpo do sujeito suicida é tratado, apesar de toda ênfase e suporte midiático oferecido em sua construção imagética.

Os parâmetros discursivos que constroem as normas de gerenciamento das materialidades audiovisuais, que têm como papel o controle e seleção do que pode e não pode ser veiculado no *youtube* parecem fazer vista grossa diante dos vídeos de suicídio, pois o que é considerado um assunto *tabu*, ganha rápida circulação assumindo o papel de mais um entre tantos vídeos de entretenimento na rede. Tudo gira em torno de uma ordem do discurso da circulação.

Talvez, aqui, em nome de uma democratização, de uma retomada do conceito de sujeito que usa os meios de comunicação virtual e televisivo, as crises geradas no contexto desses vídeos sejam camufladas por um suposto momento de lazer atrelado à observação do horror atribuído à morte do outro por meio da imagetividade que compõe toda formação do discurso jornalístico, se repetindo incansavelmente numa ampla rede de reportagens que se fragmentam, se esquadrinham, mas, que no final, traçam um mesmo tipo de formação, o discurso sobre o sujeito suicida.

A captação do instantâneo, a produção sobre o *status quo* que delimita as fronteiras estabelecidas pela biopolítica na execução de seu poder sobre a vida dos sujeitos, traçam os limites das autoridades efêmeras e da submissão dos corpos por elas gerenciadas, transformando o sujeito comum e as situações banais em personagens importantes e fatos significativos no funcionamento da grande máquina social em seus momentos de existência coletiva.

Os efeitos imagéticos produzidos por esses vídeos atravessam os olhares de quem os assiste, produzindo sentidos que movimentam posturas que contrariam as regras impostas

para um controle dos corpos. As circulações de vídeos de suicídio produzem um momento único e ao mesmo tempo instantâneo diante do olhar de quem os assiste, colaborando para uma construção histórica de uma nova concepção do corpo suicida que surge no cenário social como uma afronta ao biopoder instaurado, movimentando de maneira histórica e universal os corpos estáticos e hipnotizados pela sedutora melodia do governo do outro instaurado nas normas biopolíticas.

Esses vídeos formam cadeias sequenciais de imagens ligadas umas às outras, deslocando as crises individuais aos padrões coletivos de condutas corporais, rompendo regras gerais de vida, retomando sentidos e fazendo com que nossas memórias resgatem outras imagens, formando uma rede imagética cuja força ultrapassa as fronteiras do tempo e dos lugares, construindo sentidos diversos em sua concepção, porém repetidos em seu conjunto histórico-social.

Mediante as reflexões até aqui desenvolvidas podemos constatar que a produção dos vídeos jornalísticos de suicídio gira em torno do corpo do sujeito suicida. Suas crises e sentidos é o ponto fulcral de toda dinâmica audiovisual e toda arquitetura visual parte das posturas tomadas pelo corpo suicida nos registros elaborados de sua imagem que se insinua para morte, rompendo fisicamente com as regras de vida proposta e imposta.

Seja afrontando o biopoder de políticas de vida representado por outros corpos adestrados, seja desafiando as leis da gravidade em parapeitos de altos viadutos, prédios e torres nos grandes centros urbanos. O corpo suicida em meio a essa circulação, atingiu o ponto de repercutirem no *youtube*, compondo a grande rede virtual de distração e entretenimento por meio dos recursos audiovisuais.

É importante não deixar passar despercebidas as mudanças, transformações, reproduções e deslocamentos no que tange as crises e sentidos que marcam a memória social de lugares e corpos que insinuam o inevitável e o irremediável: a tensão entre o governo do outro e o governo de si, marcado pelo corpo do sujeito suicida e sua afronta social a olho nu.

### 2.3 MODALIDADES DOS CORPOS DOS SUJEITOS SUICIDAS NOS VÍDEOS

O corpo é o suporte de todas as experiências, “papel em branco” no qual se inscreve toda trajetória do sujeito, lugar de desejos, poderes, saberes e principalmente de discursos que são constantemente atravessados pelos discursos de outros corpos ao longo de sua existência.

O movimento do corpo não é sozinho, sua mobilidade atinge outros corpos e é em igual proporção atingido pelas mobilidades alheias.

As imagens corpóreas refletem suas experiências com a mesma intensidade de um espelho no cenário sociopolítico e o registro em vídeo proporciona uma fixação e potencialização de suas práticas, desafiando a geografia e o tempo quando ganham o espaço midiático da televisão e da internet. Esse efeito é possível por se tratar de impressões que vão além da simples imagem produzida, revelada e vista, atravessando o interior de cada indivíduo deixando marcas discursivas sutis, com grande força de persuasão.

O corpo do sujeito suicida assume posições físicas nos vídeos que resgatam sua interioridade existencial que, é ao mesmo tempo, estranha às regras da sociedade que o tem como membro. Bauman nos recorda (1997, p. 27) que “todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de maneira, inimitável”. Esse lugar de estranheza singular que o corpo do sujeito suicida assume a olho nu frente às câmeras se comunica de maneira desafiadora com os outros corpos vistos como não estranhos, ambos imersos num aglomerado de regras biopolíticas. Tal configuração acaba por desenhar um cenário urbano de caos, sempre resgatando e confrontando assuntos ligados à vida e à morte. Suas histórias que se cruzam, redesenhando novas condutas e contornos discursivos, provocam uma reforma histórica no modo como a sociedade se relacionou até hoje com a prática do suicídio.

O poder dessas imagens vidiáticas, cujo eixo central é o corpo suicida, ecoa em todas as direções, ao mesmo tempo em que abre um leque de discussões sobre o assunto, oportunizando quase que indelicadamente o suicídio como uma atração midiática. Com isso, reconsidera-se o estranho socialmente através das lentes das câmeras e dos espaços virtuais e televisivos, como um estranho adaptado aos interesses da mídia de consumo imagético, minimizando esse lugar de estranheza social.

Os discursos que se formam e se atravessam na rede de vídeos jornalísticos de suicídio postados na plataforma *youtube* funcionam como incentivo às produções de novos vídeos amadores de suicídio via câmeras de celulares, construindo um novo lugar para o sujeito urbano, lugar de produtor e partícipe da grande esteira virtual de vídeos de entretenimento. Em paralelo, temos a reelaboração do lugar do corpo do sujeito suicida, como a mola propulsora de toda movimentação desses discursos visuais.

No momento, os vídeos que trazemos para discussão, apresentam como regularidade cenas ou tentativas de suicídio, pois em alguns momentos os suicidas são impedidos por terceiros de consumir o ato, sempre por bombeiros, devidamente uniformizados. Sobre este fato Bauman nos lembra um detalhe importante:

Os uniformes são o símbolo dos servidores do estado, essa fonte de todo poder e acima de tudo do poder coercitivo ajudado e favorecido pelo poder que absolve da desumanidade. Envergando uniformes, os homens se tornam esse poder em ação; envergando fardas e botas de cano alto, eles pisam, e pisam em ordem, em nome do estado (BAUMAN, 1997, p. 28).

Representantes do poder do Estado, orientando a negativa do ato de se matar, mostrada pela força da interrupção física por parte dos bombeiros, que por sua vez, impedem o sujeito de se jogar, pois tal ato é considerado nocivo para a ordem social, a qual o estado se esforça para mantê intacta.

Outro ponto também importante em torno da materialidade desses vídeos é o lugar escolhido por essas pessoas para se matar. Dois vídeos do conjunto desta formação mostram torres de alta tensão e outros dois mostram viadutos, ou seja, lugares públicos que viabilizam possibilidades de destaque e de transformar seus últimos atos em vida, em um feito inesquecível, simbolizando afronta ao Estado e colocando em cheque questões significativas travadas entre os conceitos de governo de si e do outro no interior de práticas de si, momento de desbruçamento do sujeito suicida sobre si mesmo.

Para refletir sobre as materialidades imagéticas dos vídeos selecionados, é importante salientar a troca de valores coletivos imbricados à religião, à economia e à política, que outrora eram relevantes de um ponto de vista social, mas que, agora, são reformulados conforme anseios e perspectivas de biopoderes. Nesse emaranhado de exigências biopolíticas, o sujeito se sente muitas vezes coagido em sua própria existência e em muitas ocasiões, conforme nos mostram os vídeos, faz do seu próprio corpo a bandeira que levanta contra as ordens, se posicionando como um ‘fora da lei’.

Nessa linha, ainda nos explica Foucault que não existe ‘o Poder’ propriamente dito, o que existe são relações dadas com esse poder, ou seja, “formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (FOUCAULT, 1979b, p. 89). Assim, a submissão ou não desse sujeito, deixando seu corpo à mercê do governo do outro é que fará toda diferença no impasse gerado pelo seu desejo de se matar.

No primeiro vídeo, cujo título na plataforma *youtube* é “Rapaz se joga de torre de alta tensão em Cascavel - PR”, as táticas audiovisuais para mostrar o corpo do sujeito suicida têm como preocupação torná-lo o centro das atenções de toda produção. Temos, nos primeiros instantes, a câmera focada em *zoom* proximal em *contra-plongée*, focalizando o sujeito de baixo para cima, e em um plano conjunto, que apresenta uma cena com ambiente aberto, filmando o corpo do sujeito se equilibrando entre a torre e o fio de alta tensão. Esse focalização da câmera dá ao seu corpo centralidade e tamanho considerável em relação à torre na qual se encontra. Podemos verificar esses elementos observando o fotograma 01 apresentado abaixo.



Fotograma 01: homem prestes a pular



fotograma 02: Homem se jogando da torre

No fotograma 02, vemos como a câmera minimiza o *zoom*, mantendo as outras táticas empregadas na primeira imagem, dando ideia e sentido de afastamento do corpo em foco até ele ganhar proporções físicas bem menores em relação à torre que, nesse momento, se revela em tamanho consideravelmente maior, criando o efeito de, para quem assiste ao vídeo, noção do perigo de morte que esse sujeito se encontra e, principalmente, do quanto é relevante sua atitude em relação à vida e à sociedade. Para Foucault (2001, p. 72), “a própria existência do limite abre perspectiva para o ilimitado” e é a transgressão que abre caminho para o esgotamento do limitado, quando o sujeito suicida desafia a si mesmo e aos que o observam no seu salto para a morte.

Notamos que essas táticas de representações cinematográficas empregadas à produção das imagens e somadas aos discursos verbais proliferados ao longo do vídeo, viabilizam ao telespectador um efeito de realidade presencial e envolvimento pessoal com a história apresentada, aproximando-o ao máximo do que está acontecendo. Nos alerta Foucault (2008b, p. 228) “que a representação comanda o modo de ser da linguagem, dos indivíduos, da natureza e da própria necessidade. A análise da representação tem, portanto, valor determinante para todos os domínios empíricos.” Essa afirmação nos faz conscientes do quanto os detalhes táticos imagéticos de representação visual, empregados em momentos-chaves, são de grande relevância para a formação de um discurso direcionado e difundido para fins midiáticos.

Em um dado momento, o sujeito se joga, consumando o suicídio e declarando o que podemos entender como um ato transgressor em relação ao governo do outro. No fotograma 03, logo mais abaixo, vemos a figura social da mãe, que configura a instituição familiar. A imagem do rosto da mãe é colocada em *close*, deixando o telespectador próximo de sua dor, facilitando a observação do quanto ela está desesperada ao ver o filho naquela situação e do quanto sua atitude está provocando sofrimento em quem o ama – efeitos de produção midiática.

A construção de imagem ainda mais comovente é quando ela toma o microfone e faz um apelo comovido e desesperador pelo megafone do carro dos bombeiros, implorando ao filho para não se jogar: “Não faça isso com a mamãe, a mamãe te ama, desça daí!” A ênfase dada pelas imagens da mídia às palavras da mãe angustiada diante do filho que está prestes a se matar faz com que se agrave o conceito de suicídio como algo extremamente negativo e inaceitável para toda sociedade, pois seria inadmissível fazer uma mãe sofrer, uma vez que ela é símbolo de toda candura e amor materializados na enunciação do aparato midiático.

Igualmente, o bombeiro, que também podemos ver em *close* no fotograma 04, por sua vez tenta justificar para toda sociedade a falha no resgate do corpo que se tornou inútil para a sociedade e a tentativa sem sucesso de colocar a mãe em contato com o filho pelo megafone: “Pelo fato dele não ter nenhuma desavença com a mãe e ela não ter sido a causadora do evento crítico, nós a chamamos no local para que ela auxiliasse. Mas, totalmente fora de si, pelo grau clínico que apresentava e o consumo de bebida alcoólica, ele acabou cansando e nós não podíamos fazer uma abordagem antes pelos fios de alta tensão que ainda estavam ligados,

pois estaríamos nos colocando em risco. Pelo cansaço dele, ele acabou caindo, o fio de baixa tensão amorteceu a queda”.

A preocupação em dar satisfação à sociedade frente às câmeras sobre o fracasso na operação de resgate do sujeito suicida se faz imprescindível no discurso do bombeiro, uma vez que sua função como representante do Estado é evitar que vidas se percam. Seu corpo investido socialmente de poder para tal exercício deve cumprir o papel de ‘salva-vidas’ e qualquer insucesso remete a falhas no sistema estatal de preservação da vida de seus cidadãos. Notamos, aqui, que o discurso do bombeiro não é uma fala isolada, ao contrário, seu corpo representa o discurso de um corpo muito maior e mais forte, o Estado. Segundo Milanez

O corpo emite discursos que entram em contato com outros discursos, afirmando-os ou denegando-os, em uma relação de saber e poder, construídos em dada sociedade. O corpo exprime a posição do sujeito dentro de um mundo de significados que o valoriza ou deprecia (MILANEZ, 2006a, p. 79).



Fotograma 03: Mãe faz apelo ao filho que se mate



Fotograma 04: Bombeiro justifica fracasso do resgate

Nesse vídeo, o confronto entre os discursos de governo de si e governo do outro, e em igual proporção, o cuidado de si e cuidado do outro no que concerne às práticas de si, faz prevalecer o discurso do corpo suicida que chega às vias de fato em seu objetivo de tirar a própria vida.

No segundo vídeo intitulado “Veja o resgate impressionante de um jovem que subiu em uma torre de energia”, observamos, no fotograma 05, o mesmo tipo de plano conjunto do corpo do sujeito suicida visto no vídeo 01, pendurado no fio de alta tensão. Com a câmera em *zoom* seu corpo é apresentado. Estar nessa posição e nesse local remete a um modelo de afronta social declarado pelo corpo que se insinua nas alturas entre a vida e a morte, impondo ao governo do outro a ideia de que sua vontade deve se sobrepôr, relevando o fato de quem deve decidir sobre sua própria vida é ele mesmo.

Na seqüência, como observamos no fotograma 06, vemos o plano conjunto em contraplongée da torre por inteiro, permitindo uma noção generalizada do local e principalmente, da materialização de um efeito de risco.



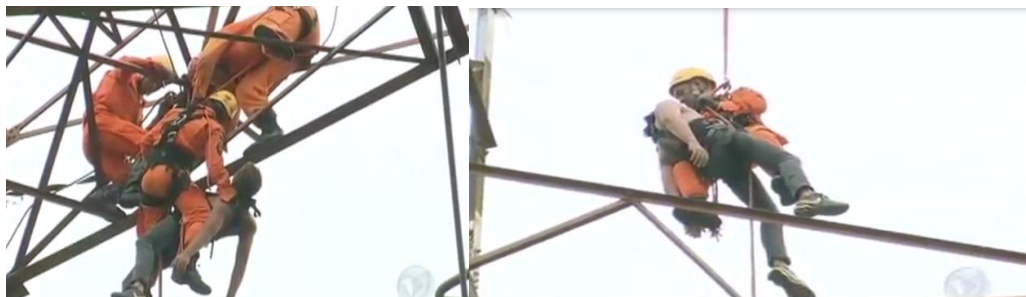
05: Homem em fio de alta tensão

Fotograma 06: Torre usada para tentar se matar

Fotograma

Porém, nesse vídeo, o desfecho é diferente do primeiro, visualizamos por meio das imagens dos fotogramas 07 e 08, em plano conjunto, os bombeiros resgatando o sujeito que estava em iminência de se matar e se tornar inútil. Desta maneira, o governo do outro prevalece em seu cuidado com o corpo suicida, impedindo-o de pular da torre, reafirmando o controle sociopolítico sobre o corpo, regrado por normas de gerenciamento da população, fazendo prevalecer a ordem da proibição de morrer.

Na leitura de Judith Revel (2005, p. 37), podemos entender que "o discurso, designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados [...] que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns,". Observamos, assim, nesses dois vídeos, discursos dados a ver em planos semelhantes de evidenciação do corpo, isto é, com um funcionamento comum, porém, com desfechos diferentes e com o mesmo discurso.



Fotograma 07: Bombeiros resgatam homem

Fotograma 08: Homem salvo é tirado da torre

Notamos a partir de Courtine (2013, p. 125), que “A questão posta aqui é a das formas materiais de uma cultura visual de massa”, para a qual se estabelece um padrão de visibilidade para declarações existenciais frente ao governo do outro que se confronta com o governo de si, culminando no ato derradeiro da própria morte, como resposta e libertação aos padrões de governo vigente.



Por fim, no terceiro vídeo, “Resgate suicida em Castanhal na sexta-feira 13 de janeiro 2012”, temos o mesmo plano conjunto em contra-plongée com foco no viaduto juntamente com o corpo pendurado no parapeito, como vemos no fotograma 09. Ao contrário do vídeo 01 e seguindo a regularidade do vídeo 02, podemos verificar, com o auxílio do fotograma 10, que os bombeiros conseguem evitar o suicídio e a perda de mais um corpo potencialmente útil.



Fotograma 09: Mulher ameaça pular do viaduto

Fotograma 10: Bombeiros resgatam mulher

Em suma, como mostram nos fotogramas apresentados referentes aos três vídeos discutidos, o governo de si e o cuidado de si estão sempre em choque com o governo do outro e o cuidado do outro. Como nos sugere Foucault (1995, p. 244) “sujeitos individuais ou coletivos têm diante de si um campo de possibilidades de diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento que podem acontecer”. Conforme tal afirmação, existir individualmente é estar numa relação de flexibilidade consigo mesmo e com o outro, na qual o conflito de condutas de governo e cuidado, livre arbítrio, posturas e decisões estão sempre em tensão com a força disciplinar que mantém o poder. A liberdade parece, portanto, estar assimilada ao direito de decidir sobre a própria vida ou se sujeitar às decisões exercidas pelo poder do outro.

Verificamos nos vídeos analisados até o momento que há uma política para o gerenciamento da vida, marcada na posição de enfrentamento de segmentos sociais para o indivíduo, a saber, os bombeiros, a mãe, o sujeito suicida e o telespectador. A produção desse lugar se centra no ideário de uma polícia da vida do indivíduo e da população. Essa vertente imprime ao sujeito a marca do controle e de um saber histórico que nos exige viver, cuidar-se de si e do outro no prolongamento da vida. O modo com que lidamos com o governo do outro remete de forma objetiva ao modo como governamos as nossas próprias vidas e, no caso do suicídio, acaba por se tornar socialmente um ato de horror, causando um sentimento de ojeriza na população em geral.

## 2.4 O GOVERNO DO OUTRO

As incansáveis sugestões de orientação de como se viver uma vida pautada numa segurança contínua do corpo e de suas potencialidades a serviço de uma sociedade pura, sem mácula, estão impregnadas nas entrelinhas visuais que suplicam olhares curiosos sem deixar passar despercebido seu eixo primordial: o governo do outro e seus desafios frente ao sujeito enquanto um estranho infiltrado numa sociedade fragmentada em suas diferenças, mas coesa em seu objetivo de preservação e integridade da vida. Bauman (1997, p. 21), salienta que “cada esquema de pureza prepara o estranho à sua própria semelhança e medida”, essa afirmação se faz pertinente, uma vez que o suicida ocupa nitidamente esse lugar de estranheza, que, ao mesmo tempo, causa pavor e curiosidade nos que assistem aos vídeos.

O sujeito suicida em relação à memória de toda sociedade, se posiciona, por meio dos vídeos de suicídio, como uma ameaça ao bom funcionamento organizacional do sistema vigente. Esse posicionamento para Foucault (2008a, p. 178) tem como função “fazer aparecer um conjunto bem determinado de formações discursivas, que têm entre si certo número de relações descritíveis”. Daí que a aproximação corpórea entre o sujeito suicida e outros sujeitos desvela a constituição do governo do outro com a força de uma exterioridade histórica, por meio de discursos imagéticos que se multiplicam em redes, se repetindo em formações de cadeias discursivas que vinculam a responsabilidade do governo do outro às práticas suicidas registradas em imagens vidiáticas.

O sujeito constituído de responsabilidade e, ao mesmo tempo, de poder para governar o outro por meio de seu próprio corpo constrói socialmente discursos de si para si que seguem em direção ao corpo alheio. Essa característica é perceptível no primeiro vídeo já citado acima, quando a repórter entrevista duas pessoas que tinham contato com o sujeito suicida e que estavam próximas dele. São entrevistados o patrão e em seguida um senhor, dono de um bar, lugar que o sujeito suicida passou antes de ir para torre.

Mais ainda, o que nos chama atenção é o discurso da repórter da emissora local, filial da rede Globo, antes de dar voz ao patrão e ao dono do bar: “O homem mora no bairro Santo Honofre e é pedreiro. Ele sofre retardo mental, o patrão do homem disse que ele toma remédio controlado e hoje tinha bebido. Como chegou alcoolizado para o trabalho, o homem foi liberado”. Abaixo, vemos, no fotograma 11, a repórter em *close* segurando o microfone com a logomarca da emissora, a mesma que está em sua camiseta transmitindo a informação.

Em seguida, representado no fotograma 12, é dada a oportunidade ao patrão de se pronunciar, reafirmando a fala da repórter e tirando dela, representante da emissora, a responsabilidade de tais pronunciamentos sobre o sujeito suicida: “Ele tem problema de cabeça, tem que internar ele, porque não tem como deixar uma pessoa assim, tem que tratar”.

Na sequência, no fotograma 13, a repórter diz: “Lauro Mendes mora na esquina da torre e conta que conversou com o homem antes dele subir e tentar o suicídio.” E passa o microfone para o dono do bar falar: “Ele tava com um real na mão e falou que queria tomar uma pinga, disse que só tinha aquele dinheiro para tomar pinga, aí eu falei que não iria vender a pinga porque você já tá tomado. Daí ele saiu e disse que era o representante do diabo e que iria subir na torre”.



Fotograma 11: A Repórter

Fotograma 12: O Patrão

Fotograma 13: O dono do bar

Levando em consideração as materialidades textuais e imagéticas, cuja formação segue um conjunto retórico de discussões acerca do suicídio, estas privilegiam a expressividade do governo do outro como um ato heroico. Nessa figuração temos materializado o posicionamento do salvador em impedir que um corpo morra, ou mesmo emitindo opiniões que seguem um discurso clínico e religioso, como o fato de que o “sujeito suicida sofria transtornos” e que estava “possuído pelo diabo”. O que está em jogo nas imagens e formulações linguísticas desses vídeos jornalísticos são a seleção e a combinação de imagens que se desdobram, repetindo-se se através da construção narrativa de uma sociedade que se divide em viver e morrer, cuja razão está sempre do lado da vida.

Nesse momento, podemos repensar as ferramentas discursivas necessárias para a mobilização do corpo do sujeito suicida, imerso na rede do discurso como uma afronta ao governo do outro. Foucault nos orienta em sua obra *A ordem do discurso* (2006) que não é confiável se pronunciar ou mesmo se posicionar em um lugar fixo sem as precauções devidas e exigidas para as singularidades de cada situação. Essa postura nos convoca a considerar uma

análise discursiva cautelosa frente aos vídeos jornalísticos de suicídio, buscando em suas pregas imagéticas as nuances e marcas do governo do outro como carro chefe de um heroísmo corporal convocado como necessário e positivo.

Partindo dessa inserção visualizamos as cenas que compõem os vídeos jornalísticos de suicídio como a égide necessária que nos leva a questionar com Foucault (2008a, p. 48) “[...] por que essa enumeração e não outra?”. Ou seja, o que permite determinar e localizar os encadeamentos, os grupos de relações imagéticas que implicam o governo do outro como significado e significante de poder que elas indicam é justamente o planejamento audiovisual das produções que se formam a partir de outras, seguindo um formato que atende às rupturas das enunciações midiáticas, sem perder o fio condutor de toda intenção biossocial a que se almeja.

É relevante reconhecer os vídeos jornalísticos de suicídio postados no *youtube*, que têm sua ascensão no ano de 2010, se reduplicando gradualmente ao longo dos últimos cinco anos. Eles se identificam sem exceções como lugares de manifestações de sentido que se deslocam em estratos que se atravessando enquanto discursividades. Repetindo ciclos que se apagam e se refazem no decorrer da história, metamorfoseando suas produções no reconhecimento de discursos que não seguem previsões, justamente por se tratar de corpos que se manifestam enquanto senhores de si diante de uma ditadura do fazer viver e do conceito de utilidade corpórea para uma pacificação. Tal perspectiva gera um desenvolvimento sociopolítico, encarnado no governo do outro sob a forma do corpo que ocupa tanto posições diante dos outros corpos como também posição oponente diante do corpo do sujeito suicida, que busca resgatar a prática do governo de si, por meio do retorno do enfrentamento das próprias crises.

A dobra do discurso inerente a essa materialidade audiovisual exclui qualquer tipo de economia das imagens, investindo em repetições de recortes imagéticos para facilitar a assimilação dos sujeitos dos vídeos como personagens, determinadas pelas suas próprias práticas corporais que se permitem ver em momentos específicos de suas historicidades. Nos fotogramas abaixo, de vídeos diferentes, observamos os mesmos recursos imagéticos para captar imagens que, em sequência, desenham as nuances necessárias para chamar a atenção para o suicídio como uma notícia de entretenimento televisivo.

No fotograma 14 do vídeo intitulado “Veja o resgate impressionante de um jovem que subiu em uma torre de energia”, transmitido pelo jornal da TV Record, tem seu início com a

repórter anunciando de maneira incisiva o conteúdo da notícia dada: “Vou falar agora de um resgate espetacular de um jovem que queria se jogar de uma torre de quarenta metros e foi salvo pelos bombeiros”. No fotograma 15 do vídeo já discutido acima, cujo título é “Resgate suicida em Castanhal na sexta-feira 13 de janeiro de 2012”, a notícia se inicia de igual maneira com a repórter da filial da TV globo anunciando do que se trata a reportagem: “Agora você vai ver imagens impressionantes de um resgate suicida numa passarela em Castanhal”.



Fotograma 14: Repórter da TV Record



Fotograma 15: Repórter da filial da TV globo

Aqui, o lugar do estranho e do horror passa a servir também como lugar do espetáculo e do entretenimento, transformando o corpo do sujeito suicida e o corpo do outro que assiste ao vídeo como unicidades de domínios que se confrontam num cenário propício e convidativo para materialidades construtivas de produções jornalísticas que servem a regras midiáticas de consumo no qual o governo do outro deve prevalecer. Porém o governo do outro só alcança suas potencialidades enquanto poder bipolarizado quando se encontra em situação de tensão e confronto frente à imposição do corpo suicida que diz com seu próprio gestual que ele também possui o poder de decidir sobre seu destino existencial.

Por fim, o que está em jogo nessas materialidades discursivas inerentes aos vídeos aqui citado são os dispositivos técnicos que servem de bússola na orientação da emergência da soberania do governo do outro, a saber, sua ocupação como força representativa de um poder maior. Os atributos linguísticos, sonoros e imagéticos servem a uma ordem discursiva que alimenta o trabalho editorial desses vídeos, reafirmando a divisão entre a vida e a morte num nó de imagens que se dispersam em lugares e sujeitos, mas que obedece a mesma linhagem discursiva de normatividade biológica: é preciso viver e viver com docilidade e utilidade.

## 2.5 O GOVERNO DE SI

A preocupação em cuidar de si acaba por se refletir no cuidado com o outro, pois se torna necessário se preocupar com o bem estar do outro para que, desta maneira, possa se assegurar o bem estar próprio. Portanto, esse cuidado de si é atravessado diretamente por conceitos filosóficos de liberdade, moral, ética, saúde, desejo, comportamento e principalmente de vida e morte. Assim nos indica Foucault que

Estas devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmo regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios (FOUCAULT, 1985b, p.198-199).

Nesse sentido, onde se propaga a urgência da necessidade de estar sempre bem, físico e mentalmente, garante a utilidade corporal a serviço da sociedade. Esta por sua vez está a serviço do indivíduo, obedecendo a uma gama de regras que ditam o certo e o errado da convivência interpessoal, eliminando qualquer tipo de conduta que abra espaço para o prejuízo do funcionamento do sistema político dominante.

Nesse contexto, levanta-se o problema crucial do suicídio como uma reação de rebeldia ao que podemos, com Foucault, chamar de tecnologias ou técnicas de si, cultura de si, ou, até mesmo, de estética existencial, imbricado a uma negativa corporal de rejeitar o cuidado e o governo do outro como meio de preservação das próprias ideias e, principalmente, da manutenção do cuidado de si.

O cuidado de si, para Foucault (1985), remete ao cuidado do outro. O sucesso do autocuidado, compreendido como cuidado de si, revela uma tecnologia do eu e do governo da própria vida, baseando-se no fato do sujeito se ver reconhecido como indivíduo social capaz de sustentar suas próprias vontades em todos os aspectos, estabelecendo uma postura de convivência social, onde o outro surge com legitimidade nas decisões de vida e morte tomadas por cada indivíduo.

Em todos os vídeos selecionados, o corpo em evidência ilustra bem a relação do sujeito com as normas de controle da população na fronteira entre a vida e a morte, acendendo de maneira perceptível a crise do sujeito enquanto consciente do poder que tem sobre si frente às normas impostas pela política de sobrevivência ativa em sua sociedade.

Esse corpo exposto ao perigo de morte iminente transporta todos que o observam a rápidas reflexões em torno de sua constituição enquanto sujeito e, sobretudo, ao apelo social

de que não se pode morrer pela própria vontade. Isso significaria diretamente um descontrole da política de sobrevivência proposta pela sociedade como um todo.

Conforme Courtine (2013, p. 43) “[...] toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco. Existe um sempre já.” O que se deve considerar, sem dúvida, é que, suicidar-se é chamar os olhos do outro sobre si e despertá-los para uma série de reflexões sobre as nossas modalidades e condições de existência.

Camus (1981, p.19) em sua célebre obra *O Mito de Sísifo* nos aponta que “Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio.” O problema levantado por Camus se dá justamente porque se trata de uma das questões mais importantes e inegáveis da existência humana que ganha, em muitos momentos da história da filosofia, prioridade absoluta: julgar se vale a pena ou não viver, e a depender do que se conclui dessa indagação, suicidar-se passa a ser a prática mais coerente como resposta a este questionamento. Alerta-nos Camus (1981, p.19) que “não há como duvidar de que o homem dos nossos dias tem tudo para abrigar conflitos ainda mais intensos.” Enfim, não é um exercício difícil compreender os modos como as incontáveis pressões fazem crescer o índice de suicídio na sociedade contemporânea.

Outra marca premente, que singulariza a questão do cuidado de si, é o fato de suicidar-se remeter, numa primeira instância, a uma compreensão de um gesto tipicamente íntimo. Nessa esteira, indica-nos Foucault (2006a, p.72) que é um “ocupar-se com seu corpo, isto é, com aquilo de que se serve”, é se ocupar de modo geral consigo mesmo, um voltar-se para si.

Essa inovação sócio-histórica em rede do suicídio nos últimos cinco anos acarretou uma característica inusitada em sua formação estrutural. Hoje se observa e se discute a face inesperada da espetacularização da prática de se matar, uma vez que, quando um sujeito suicida opta por lugares públicos, ele movimenta uma rede discursiva imensa, cenários improvisados emergem das entranhas físicas das cidades, bem como espectadores pessoais, televisivos e virtuais são instigados por meio dos vídeos jornalísticos produzidos e divulgados, tornando todos conscientes da morte alheia, rompendo as fronteiras das limitações visuais e táteis.

Notamos uma produção milimetricamente editada visando o crescimento do ibope e com o objetivo de atrair o maior número de telespectadores que se somarão aos indivíduos que estão pessoalmente no local. No fotograma 16, referente ao vídeo de suicídio na sexta-feira 13, pode-se constatar que a prática suicida em praça pública é um ímã de multidões,

colocando o corpo do sujeito suicida em confronto a céu aberto com os corpos dóceis, mas que se sentem atraídos pela sua ousadia.

A importância de mostrar essas pessoas é primordial para dizer que o episódio é interessante e vale a pena assistir a reportagem inteira. Além desse detalhe, não podemos deixar de citar que a câmera em plano conjunto e em *plongée*, permite ao telespectador ter o mesmo campo de visão do sujeito suicida em relação às pessoas que estão na parte debaixo do viaduto, delimitando os espaços físicos dos corpos e suas posições de enfrentamento social, sobre o qual o suicida possui o poder de decidir ali o desfecho da história.

Em seguida, assim que a câmera mostra o campo de visão do suicida sobre o viaduto em relação às pessoas que o observam, no fotograma 17, temos outra câmera em plano conjunto e em *contra-plongée*, que está no meio da multidão, mostrando as pessoas com os olhos fixos no corpo do sujeito suicida sobre o viaduto, aproximando o telespectador das mesmas sensações visuais dos indivíduos ali presentes, quando ao longe se pode ver o corpo suicida pendurado no parapeito do viaduto e os bombeiros preparando o resgate.



Fotograma 16: Campo de visão do suicida



Fotograma 17: Campo de visão da multidão

Os vídeos jornalísticos de suicídio produzidos e postados na rede, de modo geral possuem um lugar de atravessamento das diferenças individuais do objeto do discurso: o corpo. É produzido em torno do corpo do sujeito suicida um verdadeiro roteiro de cunho sensacionalista, para que, assim, possa ser possível a elaboração de um audiovisual com acessibilidade virtual e apontamentos imersos a essa temática, que quando analisada em suas entrelinhas, nos permite ver em lugares públicos os enfrentamentos entre o governo do outro e o governo de si. Milanez (2012, p. 135) nos lembra que “o observador das ruas, mais um homem da multidão, busca amparo no exame do comportamento corporal”, colocando o corpo como o lugar central dos encontros e desencontros dos olhares.



A formação de um conhecimento acessível, mediante as diretrizes normativas de posturas sociais, orientadas para cada indivíduo, molda os modos comportamentais tanto no vídeo como além do audiovisual. A câmera incita e direciona nosso olhar para o ponto principal ao qual devemos voltar nossa atenção. O corpo do sujeito suicida em sua prática de si busca alcançar o governo de sua própria existência e assume o papel principal na formação do discurso proliferado pelos registros audiovisuais.

Notamos, dessa maneira, que as formações imagéticas de vídeos jornalísticos de suicídio produzem entrelaçamentos de discursos ditos e não ditos num jogo de imagens no qual o governo de si se posiciona num encadeamento de semelhanças na materialidade da repetição das imagens. Dessa feita, os corpos suicidas remetem à reflexão sobre o governo do outro como imposições normativas pré-formuladas conforme conceitos políticos de saberes e poderes.

Sobre essa arquitetura imagética, podemos considerar, com Foucault (2008a, p. 24), que “os fenômenos de semelhança ou de repetição liga a distância como por intermédio de um meio de propagação”. Essa afirmativa nos ajuda a compreender os vídeos que compõem essa rede de formação audiovisual e que seguem os mesmos padrões de produção como quadros dentro de quadros. Ou seja, um quadro está sobreposto ao outro por meio de um fio condutor único que os une: o corpo do sujeito suicida. Os espaços urbanos constroem, assim, um sentido de si no qual cada sujeito fala por meio de seu próprio corpo, mergulhado em uma efervescência de procedimentos de controle, constituído por plataformas de governamentalidade, difundidas através de divulgações calculadas, segundo critérios de preservação da vida.

O sujeito suicida surge no meio desse emaranhado de corpos que se cruzam na relação de saberes e poderes, proliferando seu discurso íntimo, expondo seus sentimentos em relação a si mesmo e à cidade, alinhando sua posição corpórea frente ao corpo do outro, operando-se como uma inadequação física dentro da estrutura urbana, construída para o regimento de leis que protegem o corpo como patrimônio social.

Foucault (2010a, p.302) lembra que a governamentalidade deve “gerir a população em profundidade, em fineza e no detalhe”. Porém, quando o sujeito suicida surge entre os outros sujeitos, se posicionando no lugar do desconforto urbano, o governo de si levanta condutas informais, diretas e indiretas de um governo que reúne em si o objetivo de gerenciar as posturas individuais no que tange a sua própria vida e a seu próprio corpo.

O controle dos prazeres, os ditames biopolíticos e as formações das governamentalidades se estabelecem e se sustentam a partir do governo de si, quando esse, por sua vez, toma suas próprias vontades como critério de ação, como afronta às regras gerais de governo de si. O governo do outro passa, então, a tomar as táticas de controle biossocial como regra a ser cumprida, representando as normas biopolíticas como critério irredutível a ser seguido e cumprido.

Todos os corpos estão inseridos numa ordem, num conjunto de regras que definem o que é permitido e o que é proibido. Os discursos, sem exceção, não acontecem de modo aleatório, nem tão pouco se esquivam do controle, da seleção e da organização física dos corpos no espaço urbano. Portanto, o sujeito suicida, por mais que queira fazer de seu corpo uma resistência biossocial, acaba por servir a um conjunto de regras formativas do cotidiano urbano que se transfigura nesses registros de vídeos jornalísticos, cujos dizeres imagéticos e linguísticos constituem os suicidas como corpos a serem domados e restituídos para a sociedade. Foucault nos diz ainda que

Em toda sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua essência e sua materialidade temível (FOUCAULT, 2000, p. 2).

Dessa maneira, o deslocamento histórico e singular do corpo do sujeito suicida para espaços públicos, observado nesses vídeos, convoca a sociedade urbana e virtual, que acaba por se confundir, a reflexões sobre um discurso referente aos espaços físicos e aos espaços constituídos a partir de nossos posicionamentos, enquanto governo de si, em relação a saberes e poderes constituídos na produção audiovisual jornalística e seus diálogos com outros vídeos de suicídio que circulam na internet.

As táticas de governo do outro para intervenção do governo de si - materializado sincreticamente no corpo do sujeito suicida e que se estende regularmente para os demais corpos opositores à sua ação - molduram a relação de vida e morte na sociedade, na qual a morte não tem lugar e viver significa se adaptar socialmente enquanto corpo a um conjunto de regras de civilização.

O não poder morrer como se quer, o não poder morrer em praça pública e, por fim, a negativa geral referente à morte prescreve a voz de uma memória de regimes de forças, estabelecendo-se como discurso normativo. Além disso, produz uma inquietação social que constrói uma rede de discursos materializados em vídeos jornalísticos, representando a luta da

vida contra a morte, do são e do doente, da docilidade do corpo e da rebeldia do corpo. E, nessa sociedade de controle, o espaço produz memórias e sentidos nos quais o corpo do sujeito suicida encontra seu lugar de dispersão, exigindo de toda sociedade a retribuição de seu direito de governar a si mesmo.

## 2.6 O SUICÍDIO NA MÍDIA TELEVISIVA

Dentre os inúmeros problemas enfrentados pela saúde pública no Brasil, o suicídio sem dúvida alguma é o que menos ocupa lugar na mídia televisiva, ao menos de maneira direta. O assunto é pouco abordado e sempre tratado com ressalvas. Nesse sentido, Milanez nos mobiliza a pensar que

A morte, assim, ao contrário da vida, torna-se constitutiva de singularidade, pois é na morte que o indivíduo se encontra, fugindo à monotonia da vida e a seu nivelamento. Possibilita, ainda, ao indivíduo ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de seu próprio conhecimento na medida em que no saber se inverte o jogo da finitude (MILANEZ, 2007, p.51).

Frente a esta questão, podemos observar que existe um conceito na comunicação pública de que se entende que as notícias referentes ao suicídio podem motivar outros suicídios e encadear uma série de novos casos, talvez por imitação ou mesmo mimetismo, o fato é que se tem uma ideia de que notícias do tipo servem de inspiração para a repetição do ato. Nesse viés, o discurso tradicional que sempre recebeu privilégio no cenário audiovisual daria lugar a conteúdos de naturezas diversas. É necessário estar consciente de

uma verdadeira revolução áudio-visual, com a exponencial da mídia que instalava o reinado das imagens, dos textos sincréticos que amalgamam diversas materialidades (linguísticas e visuais). Era chegado o momento de incorporar à análise a língua de vento da mídia, o discurso ordinário, as novas materialidades do mundo pós-moderno que se concretizavam no discurso (GREGOLIN, 2007, p. 17).

Dessa maneira, nos últimos tempos, exatamente no período de 2010 a 2015, verificamos o grande crescimento de reportagens sensacionalistas sobre suicídios e tentativas de suicídio em programas de jornalismo policial nos diversos canais de TV aberta. Dessa feita, apoiando-nos na conferência de Foucault (2000, p. 8), *A ordem do discurso*, podemos refletir e questionar sobre “[...] o que há assim de tão perigoso por as pessoas falarem, qual o perigo dos discursos se multiplicarem indefinidamente? Onde é que está o perigo?”

Frente a essas questões, entendemos que o suicídio vem despertando o interesse dos veículos de comunicação, que estão vislumbrando nessa prática um show a ser exibido com

características de espetáculo ao público, com potencialização de aumento de audiência e com poder de circulação que ultrapassa a tela da TV e se estende às telas dos computadores e celulares. O que era até então causador de repulsa e ao mesmo tempo fonte de medo histórico, ganha contornos midiáticos de diversão. Nesse novo cenário, notamos uma reviravolta discursiva no próprio comportamento da linguagem que se faz e se refaz ao longo do tempo. Courtine vai nos alertar que

não é da língua que se está tratando, mas de discurso, quer dizer, de uma ordem própria, distinta da materialidade da língua: não na ordem do gramatical, mas na ordem do enunciável, a ordem do que constitui o sujeito falante em sujeito de seu discurso e ao qual ele se assujeita em contrapartida (COURTINE, 2006, p. 16) .

Portanto, se de um lado temos quem se interesse em produzir discursos jornalísticos cujo foco é corpos se suicidando ou tentando se matar, alimentando o círculo vicioso da sociedade do espetáculo, temos, também, quem se prontifica em fazer de seu suicídio um ato derradeiro para si e para quem o assiste. Quando o suicida se exhibe em algum lugar visível, faz de si mesmo a linguagem central do que se comunica, ele se permite estar sob o olhar de toda sociedade, fazendo de sua morte uma atração inesquecível e com poder de abrangência midiática.

Diante dessa nova linguagem de entretenimento televisivo que se estende à internet por meio de postagens dos respectivos vídeos, podemos nos perguntar: Por que o suicídio se tornou nos últimos tempos uma atração midiática de espetáculo, levando em consideração o contrário, visto que, em tempos atrás esse tipo de atitude era censurado pelos meios de comunicação?

Nessa esteira, Foucault nos chama atenção para “onde a parte do espetáculo é neutralizada, ou melhor, reduzida à intimidação abstrata” (FOUCAULT, 1999a, p. 62), cravando raízes profundas no coração da sociedade, ganhando mais força quando ocorre o registro audiovisual e a divulgação nas diversas redes midiáticas.

Ao colocar o próprio corpo como narrativa de sua morte, configurado em seu suicídio, o sujeito-suicida se expõe a toda sociedade e produz um discurso que traz em si a voz de muitos outros discursos, vozes diversas que se entrelaçam em uma rede de significados, seja a voz de outros corpos suicidas, seja a voz dos que simplesmente assistem pessoalmente, via televisão ou o mesmo vídeo no *youtube*. Como afirma Milanez (2015, p. 97) “incontáveis possibilidades do corpo colocam em jogo não mais um sujeito uno, estável, firmado e fechado dentro de uma identidade”. Assim, o suicídio de um corpo se configura quase sempre sem

identidade pessoal, fragmentada em muitas identidades, reconfigurando dessa maneira o modo de se posicionar no mundo.

Podemos observar, por fim, que o suicídio faz parte da complexidade humana como um fenômeno intrigante, reflexo que tem se permitido ver nas próprias produções jornalístico-televisivas. Se ao longo da história, todas as sociedades se propuseram a estudar esse fenômeno, sua interpretação tem ganhado nos últimos tempos uma nova roupagem, vestida com aparatos midiáticos e porque não dizer publicitários.

A novidade do suicídio está especificamente no fato de seu registro audiovisual passar a ser uma atividade cotidiana e inserida na vida das pessoas por meio da televisão. As conseqüências desse fenômeno ainda não podem ser mensuradas, porém, podemos, numa primeira instância, considerar que o suicídio realmente chama a atenção e toma um formato totalmente contraditório, diferente do que até então tinha dentro da sociedade. O desafio se estende agora à análise de um discurso do corpo que coloca contra a parede o tabu social e ao mesmo tempo exige espaço e visibilidade no bojo da comunicação, atravessando e desafiando todos os conceitos estabelecidos de como ver e entender o fenômeno de se tirar a própria vida.

#### 2.6.1 A televisão no *youtube*: as formas de recortes e procedimentos de controle do discurso

A veiculação de vídeos de reportagens televisivas sobre suicídio, editados e repetidos no *youtube*, permite ao sujeito participar de maneira indireta da divulgação do vídeo e, mais ainda, viabiliza o potencial de visibilidade do mesmo, uma vez que, estando permanentemente exposto na plataforma virtual, o conteúdo audiovisual expresso numa determinada produção alcança um número ilimitado de visualizações. Consequentemente, seu poder de se fazer conhecido ultrapassa os limites da televisão, que exhibe o vídeo da reportagem em determinado horário e data específica sem possibilidade de repetição.

Essa flexibilidade e dinâmica de exposição dos conteúdos dos vídeos de suicídio produzidos pela televisão, alcançando o espaço virtual como extensão de sua nova capacidade de abrangência, é o espelho do sujeito moderno, que também se faz versátil e dinâmico em seu cotidiano. Assim, é reinventada a posição dos olhares do sujeito na sociedade. Tal formatação universaliza o espaço territorial midiático, deixa-o para ser colado a qualquer tempo, na medida em que o aspecto que é dado ao olhar não basta para incluir aquilo que se vê do lado de fora.

Diante dessa parceria, televisão e *youtube*, mais especificamente no que se refere aos vídeos jornalísticos de suicídio repetidos na plataforma, podemos questionar: quais posicionamentos sucumbem ao se escolher falar do sujeito que assiste a esses vídeos? quais formas de enquadramento seguem o olhar que é guiado para além da tela da TV? qual a posição do sujeito que se camufla, se dispersa e se integra (entrega) à espacialidade das digitalidades?

Tratamos, portanto, aqui, de dois tipos de olhares para o mesmo vídeo, para tentar atender às demandas dessas questões, o olhar do sujeito que assiste ao vídeo na televisão de modo passivo e o olhar do sujeito que assiste no *youtube*, ambos de grande importância nessa produção discursiva, cujo papel de dispositivo discursivo sustenta os enunciados em momentos distintos, permitindo a fragmentação do espaço para que seja possível emitir críticas a favor ou contra o conteúdo apresentado, tornando-se um sujeito ativo por meio de suas opiniões e partilhar com toda sociedade.

Face aos microacontecimentos registrados pelas câmeras profissionais dos telejornais, vislumbramos um tripé de problematizações. Questionamos, em uma instância, o jogo de olhares da câmera que registra os últimos instantes do sujeito suicida, ou sua tentativa de fazer daqueles minutos seus últimos instantes. Qual seria aí o jogo no espaço televisivo estendido ao espaço digital das visibilidades que se coloca em discurso? Quais dimensões os modos de olhar da câmera materializam sobre os sujeitos que olham e o sujeito que é olhado?

Em outra instância, observamos como essas veiculações tão singulares e ao mesmo tempo, quase idênticas, estão atreladas às formas de se ver a vida e, por isso, um jeito específico de olhar a morte por meio da tela da TV ou por meio da tela do computador. Como as espacialidades do corpo, e do próprio contorno midiático que o diferencia, colaboram para um cenário que poderia ter sido em qualquer lugar de qualquer cidade? Nesse contexto, o espaço televisivo se fragmenta no espaço digital. Portanto, é possível que se apresente como um lugar de dispersão, de diversas linguagens, de heterogeneidade na rede de informações *online*.

Nessa conjuntura, o modo de ver que se deflagra é um olhar digital, cuja dimensão atravessa o sujeito que olha, até chegar ao corpo do sujeito suicida que é atentamente observado. O olhar da câmera funciona como uma seta que cruza o muro invisível que separa o suicida dos olhares afoitos de milhares de telespectadores e internautas. Dessa forma, o olhar digital se dissemina dentro de um olhar sagital.

O formato do olhar de quem viu a cena pela televisão, para depois ser novamente vista no *youtube*, toma o corpo do sujeito suicida tanto em sua exterioridade quanto em sua interioridade, assumindo um espaço diferenciado para emitir sua opinião sobre a cena. Esse é o nosso ponto, situado junto ao pensamento de Camus (1981, p. 9), ao nos apresentar o fato de que “Matar-se é de certo modo, como no melodrama, confessar”. Acreditamos que, de modo singular, o sujeito que assiste ao vídeo via *youtube* confessa-se junto com o corpo do sujeito suicida e se exercita de si sobre si. Por isso, daremos continuidade a esta discussão, pensando com Foucault (1990b, p. 14), a fim de delinear quais poderiam ser as fronteiras possíveis para se “definir as condições nas quais o ser humano problematiza o que ele é, e o mundo no qual ele vive”, a fim de compreender a fluidez das imagens que têm sua divulgação em diferentes meios de comunicação.

Nesse redemoinho de materialidades imagéticas e suas respectivas veiculações cujo corpo suicida está no centro, o jogo dos corpos entre quem assiste e quem tenta suicídio está no topo da produção dos espaços midiáticos. Ao compreendermos com Foucault (1985b, p. 22) a “articulação do corpo e da história”, enlaçadas veementemente um ao outro, focalizamos as formas de constituição do corpo, em dois tempos, o momento em que ele produz a imagem sobre o suicida e o momento em que o corpo suicida se deixa ver e se admirar no espaço midiático.

Com vistas à problematização dos espaços midiáticos, televisivo e virtual, tratamos, primeiro, da circulação de vídeos de suicídio no *youtube*, ou seja, da inscrição de sujeitos comuns, que assumem subitamente uma posição discursiva sobre o tema apresentado. Segundo, colocamos uma lente sobre alguns aspectos dos procedimentos e estratégias do discurso em espaço digital no que se refere à morte como tabu. Terceiro, falamos dos mecanismos audiovisuais que brotaram do olhar clínico desengonçado das câmeras jornalísticas durante o processo de construção da materialidade imagética. Tais enredamentos nos apresentam, portanto, um arcabouço teórico-analítico de imagens flutuantes e uma narrativa proferida pelo jornalista que se multiplica por meio dos comentários diversos dos internautas circunscritos na rede.

Nessa toada, o corpo social se mostra, seguindo reflexões de Foucault (1985b, p. 22), como “superfície de inscrição dos acontecimentos”, que se dará a ver sob uma mesma formação que faz se suceder, se justapor e se aglutinar, em um mesmo instante: câmera profissional, corpo, imagem e narrativa sonora. Estas serão as materialidades do discurso que

irão nos guiar a partir de agora sobre as políticas de vida, sofrimento e morte, ficcionalizados pela arte de um regime de existência da tecnologia audiovisual, no espaço televisivo e digital, ao alcance dos olhos de qualquer sujeito.

Preocupamo-nos em destacar quais as condições que fizeram com que emergissem as produções de vídeos de suicídio em lugares públicos nos programas jornalísticos da televisão brasileira e sua considerável repetição no *youtube*, objeto de discurso, que nos exige discutir as condições históricas que cercam esse modelo de vídeo e principalmente seu potencial de divulgação. Quais seriam, então, os fatores que propiciam o aparecimento desses vídeos na TV e na internet nos dias de hoje?

Perseguiremos, portanto, os estratos históricos e as superfícies sinuosas que compõem a rede de discursos que alinham esse modelo de produção videográfica e suas fronteiras digitais, levando em conta o olhar de uma espacialidade sagital, destacando a simetria entre o dentro e o fora da história, mas também realçando as diferenças e o complexo feixe de relações entre os sujeitos que desenham essa arte da existência digital.

O espaço das mídias é o ponto sagital que destaca a simetria entre o dentro e o fora da história, produzindo camadas de sedimentação para o universo digital, do qual apontamos a inscrições do *youtube* na cotidianidade, suas implicações discursivas e, também, o fato do sujeito que assiste a reportagem na TV ser responsável pela sua edição e reduplicação na plataforma virtual, fomentando discussões sobre o suicídio que é tomado como tema central.

Os estratos dos vídeos oriundos da televisão, editados e reformulados, ou mesmo postados na íntegra, circunscrevem o espaço de contato da mídia digital e da mídia televisiva, segundo uma “política da cultura popular” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 7), fazendo irromper espaços híbridos cuja tecnologia é gerenciada como modo de distribuição, exposição e circulação dos vídeos. Dessa forma, consideramos a internet e, conseqüentemente, o *youtube*, nos dias atuais, como poderosas “regiões de visibilidade” (DELEUZE, 2005, p. 57), uma vez que a participação em massa na produção videográfica, com o *youtube*, foi tomando espacialidades altamente amplas e colocando por terra barreiras técnicas de difícil e restrito acesso de divulgação, fazendo proliferar o compartilhamento e visualização de vídeos televisivos *online* de uma maneira sem precedentes na história.

Corroboramos a asserção de Strangelove (2010, p.7-8) em seu trabalho *Watching youtube*, no qual explica que, segundo nossa tradução, “Nunca antes tantas pessoas ao longo do globo gastaram tanto tempo assistindo tantos vídeos”. Nessa esfera, todo som e imagem



em movimento podem ser visto e ouvido quase que bastante livremente na *web*, fenômeno de massa revolucionário no campo do espaço das visibilidades digitais.

A popularização da tecnologia computacional engendrou, portanto, espaços digitais que colaboram para “uma espécie de microcinema da cultura computadorizada” (MANOVICH, 2005, p.27), uma extensão do *show* das visibilidades sensacionalistas de alcance panorâmico. Esse modo de distribuição popular mesclado ao espaço midiático da televisão mostra a irrupção de um evento com efeito, avalanche, produzindo ecos infinitos na cultura visual televisiva.

Segundo as observações analíticas de Jenkins (2008, p, 348) “o *youtube* pode ser descrito como ‘mídia espalhável’, aspecto viral, sedimentado no discurso televisivo, que atribui aos vídeos um tipo de espacialidade ao infinito, dispersão que atinge os participantes do território digital sem escapatória. O *youtube* se caracteriza, assim, como um “*site* de cultura participatória” (JENKINS, 2008; BURGESS; GREEN, 2009), uma maneira de cada sujeito se olhar e ver a si mesmo, ver o outro e recompor o espaço de sua história individual naquilo que se tornou visível sobre si e sobre o outro na história de uma geografia da coletividade de imagens.

### 2.6.2 Luzes, câmera e o corpo do sujeito suicida

A decisão do sujeito suicida de se matar em lugar público, supostamente, produz o efeito de rejeição midiática. Porém, o que vemos nesse pipocar de vídeos jornalísticos de curta duração, postados no *youtube* nos últimos cinco anos, é justamente o contrário, ou talvez o outro lado da mesma moeda.

Como evidenciado nos fotogramas acima referentes aos vídeos analisados, as materialidades imagéticas e verbais do sujeito suicida se exprimem no seu próprio corpo, que se dá como resposta às indagações e objeções dos olhares de toda sociedade, representados ali pela câmera da TV, mostrando o suicídio não mais como uma tragédia em si, mas como uma atração a ser assistida e admirada, equiparando-a a um passa-tempo televisivo, dentre tantos outros oferecidos pelos programas jornalísticos sensacionalistas.

Aqui, chegamos a um ponto que a visibilidade inclui o sujeito em todos os aspectos e exige que ele se movimente em um espaço configurado pelas redes de informações. O sujeito da televisão e, agora também sujeito digital no *youtube*, se exerce segundo alguns

procedimentos de controle do discurso: ele segue um programa de informações, observa um conjunto de traços descritivos, se espacializa entre intermediários que acabam por modificar a estratificação das informações.

Encontramo-nos, então, na perspectiva de um focal que torna visível dois canteiros na constituição dos vídeos de suicídio jornalístico sensacionalista, um iluminado pela a circulação limitada da televisão, presa em determinada data e hora e, outro, permite a potencialização da visualização dos mesmos vídeos no *youtube*, se adaptando à hora e à data de cada sujeito que o acessa, colocando em evidência não apenas o corpo do sujeito suicida, mas também os sujeitos que o assiste. Esta visão dupla sobre um mesmo eixo se arregimenta sob leis territoriais que parecem se ordenar em movimentos dos olhos em sua lateralidade como também na sua frontalidade.

Lateralmente, Jenkins (2008, p. 349) nos alerta que essa participação ocorre em três níveis “produção, seleção e distribuição” e destaca que “o *youtube* foi o primeiro a unir essas três funções numa única plataforma e a direcionar tanta atenção ao papel das pessoas comuns nesta paisagem transformada das mídias”. Não é possível não abarcarmos essas observações em torno do espaço de visibilidade participativa do sujeito digital sob o viés foucaultiano, dos quais o discurso do governo de si e do outro salta aos olhos nesses vídeos, dando visibilidade ao conteúdo e não aos meios de divulgação.

Enquanto Jenkins parece-nos afirmar uma ordem do espaço digital frontalmente, Foucault, estabelece estratégias e formas de controle do discurso que norteiam a hipótese desse trabalho, ressaltando o controle, a seleção, a organização e redistribuição de um conjunto de procedimentos, que demonstram, dessa maneira, a constatação de que os vídeos de suicídio seguem um critério de produção de imagens pré-selecionadas que compõe um único discurso.

Às possibilidades de visão lateral e frontal somam-se aos olhares verticais e horizontais que dão à dimensão sagital da maneira de se ver a circulação nos espaços midiáticos dos objetos videográficos. A esses espaços visuais “é preciso somar as posições que o sujeito pode ocupar na rede de informações” (FOUCAULT, 2008a, p. 58). Isso nos aponta para o fato significativo de compreender que a espacialidade visual tem em seu terreno movediço a constituição de uma topologia de táticas e estratégias de funcionamento para a circulação de informações, noções e discursos que administram os procedimentos do território discursivo-digital.

Foucault e Jenkins, assim, parecem nos alertar para o entrecruzamento das posições do corpo do sujeito suicida entre os domínios do discurso e dos espaços de mídias, apontando, de um lado, os recursos de distribuição acerca das visibilidades na televisão e no *youtube*, assegurando a maneira do sujeito ver e se ver na experiência da formatação dos corpos. Tais limites colocam, então, em primeiro plano, as condições de emergência que delimitam e fixam a circulação de um discurso no interior de espaços pré-definidos para o olhar, que abrem janelas e *links* para se ver os corpos suicidas e seu constitutivo lugar no que concerne ao olhar do outro.

O ponto regular de fixação de nossa visão a respeito dessa participação do corpo suicida nos espaços midiáticos está, portanto, centrada no sujeito que vê, organizando um campo do discurso que se configura por meio de táticas, métodos e sistemas de armazenamento que estabelecem um ponto em comum para a “circulação das informações, de relação com outros domínios teóricos” (FOUCAULT, 2008a, p. 59). Daí a vinculação do sujeito a uma rede de outros solos teóricos, que fazem convergir uma gama de campos de distribuição de informação.

De toda sorte, o que mostramos é o lugar de convergência dessa política estratégica de distribuição de informações imagéticas em rede, que tem a intervenção direta do sujeito na formação do campo de implementação, administração e gerenciamento dos espaços disponíveis para circulação.

## 2.7 O CORPO COMO LUGAR DE ENUNCIÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA

Até o momento nos debruçamos sobre o corpo do sujeito suicida que tem se manifestado como um novo acontecimento discursivo histórico que está notoriamente mudando não só o cenário dos centros urbanos, mas em igual proporção aumentando o leque de opção audiovisual na televisão e no *youtube*. As maneiras particulares de produção de vídeos, na qual o corpo é o centro das atenções, independente do seu ato, é que permitem aos modos específicos desse suporte utilizar, garantir e gerenciar certas possibilidades de circulação.

Primeiro, a mobilidade e exposição do corpo do sujeito suicida o submete totalmente ao olhar da câmera que representa os milhares de olhares dos sujeitos que assistem posteriormente à produção. Segundo, é a fisicalidade do corpo no espaço específico que se

ocupa no exato momento do registro audiovisual, em seus gestos que anunciam a própria morte e que tem o poder de atrair a atenção de toda sociedade, estabelecendo o escalonamento das distâncias e das aproximações do campo visual.

Da câmera do telejornal sensacionalista, para o *youtube*, depois para o nosso olhar, o corpo se refrata e é escrutinado em todos os ângulos. Um jogo de olhares dado pelo cenário da cidade, que não passa despercebido, uma vez que singulariza cromaticamente cada espaço, seja na torre, seja no viaduto. Ainda que o plano seja geral, nosso olho se fecha em *close* quando a câmera mostra especificamente para onde devemos olhar.

O corpo do sujeito suicida, portanto, não é o único nesse jogo de imagens, mas todos os corpos que em rede se deslocam de seu espaço tópico para se transmutar na possibilidade de outros espaços corpóreos. Isso implica em um contato com outros sujeitos, com formas de verdades das suas condições de existência e com práticas de liberdade, que arremessam o sujeito a outros espaços e corpos no interior-externo de si. Olhar e ouvir o outro, registrando isso em vídeo e vendo-os na TV e no *youtube*, elencam práticas de se olhar a si em um universo da heterodigitalidade pessoal.

### **3 ESCOLHA INDIVIDUAL, ATO COLETIVO: CAMPO DE MEMÓRIA E VÍDEOS DE SUICÍDIO ASSISTIDO NO *YOUTUBE***

É propício começar a terceira parte deste trabalho com uma pergunta, quase que banal nos dias de hoje, porém, sem dúvida alguma, sob um olhar histórico, trata-se de um questionamento que atravessa os séculos ao longo da existência humana e que Foucault (2008a, p. 7) vem reforçar, sob o questionamento em torno de “uma memória milenar e coletiva”: o que leva alguém a tirar a própria vida?

Nessa perspectiva, se lançarmos um olhar para o passado, constataremos que as sociedades europeias consideravam o suicídio até o século XVI como uma questão religiosa ou mesmo filosófica, passiva de méritos ou deméritos a depender das circunstâncias de cada caso. Vale destacar, aqui, com Émile Durkheim (1982, p.45), um dos pais da sociologia moderna, em sua obra *O suicídio*, de 1887, que “suicidar-se era uma ação oriunda de uma sociedade desprovida de valores tradicionais, objetivos e identidades”, nos alertando que o ato em si de se suicidar era um exercício com atributos mais sociais que individuais.

Atualmente o número de pessoas que alegam não encontrar sentido na própria vida e no mundo, atribuindo a isso o motivo de querer suicidar-se, vem crescendo paulatinamente, invadindo o espaço virtual por meio de postagens, no *youtube*, de vídeos que expõe inúmeras formas de se matar, inclusive o suicídio assistido que, se destaca entre tantos. Consideramos este fato como um microacontecimento, que ao pensarmos com Foucault (2005, p.336), pode “representar o presente como pertencendo a certa época do mundo, distinta das outras por algumas características próprias, ou separadas das outras por algum acontecimento dramático”, o que, para nós, vale também para o ato de se filmar a prática de suicídio e sua respectiva publicação na *web*.

É nessa linha, portanto, que nosso olhar se voltará para os vídeos de suicídio assistido. Para compreender este tipo de formação e o campo de memória ao qual está inserido, tomamos, então, para nós um questionamento foucaultiano sobre a formação de certos aspectos do discurso: “Qual foi seu regime de existência enquanto objeto de discurso?” (Foucault, 2008a, p. 46), a fim de investigar as filmagens de sujeitos durante o ato suicida assistido para mostrar onde eles aparecem, para depois descrevê-los, analisá-los e pontuar as diferentes formas de discursos que materializam.

O discurso identificado nos vídeos de suicídio assistido compõe toda uma estrutura performática que vincula a imagem e o verbal para a descoberta e representação do sujeito suicida que, por sua vez, fala de si para o mundo em seu momento derradeiro de intimidade e reconhecimento de suas limitações físicas, ao mesmo tempo que diz sobre sua coragem em decidir por si mesmo morrer, apoiado por uma ONG que se dedica a esta prática.

Nesse sentido, tomamos Gregolin (2003, p.78) ao afirmar que “a intervenção, pela força física começa, hoje, pela força moral, pela força jurídica, praticadas por uma variedade de entidades, incluindo os meios de comunicação e as organizações religiosas, mas as mais importantes são as ONGs”. Essa afirmação nos permite vislumbrar a força institucional na qual o sujeito suicida se apoia para realizar sua última vontade em relação ao seu próprio corpo, ao mesmo tempo fazendo uso da mídia para divulgação de sua prática como mecanismo de se impor às inúmeras instituições que se pronunciam contra a sua prática.

Assim, tomamos o sujeito suicida dessa formação como o lugar por excelência no qual o discurso se espalha e regressa, concentrando em si mesmo toda moldagem de enunciados que rompe com os padrões normativos de morte e de relação com o próprio corpo. As posturas linguísticas ao longo dos vídeos seguem uma cronologia pautada na explicação detalhada do que as imagens mostram e o papel de cada sujeito no decorrer dos registros audiovisuais, sendo os espaços pré-definidos e ao mesmo tempo interligados em função do corpo do sujeito suicida.

A análise dos discursos que se atravessam na formação de vídeos de suicídio assistido implica determinações de relações que se sobrepõem umas às outras. Courtine (2006, p. 64) nos lembra que “o discurso é pensado como uma relação de correspondência”, considerando sempre a relevância do campo discursivo de cada sujeito e o seu papel na rede de enunciados de que faz parte. Para aprofundarmos na reflexão do campo de memória nos vídeos de suicídio assistido, perguntamos com Courtine (2006, p. 65) “Quem fala, qual é o sujeito do discurso e como sua emergência pode ser caracterizada? E mais ainda: “Sobre o que o discurso fala, como se pode discernir a existência de temas distintos?” E, finalmente, “Quais as condições de possibilidade do discurso, sua compreensão e interpretação?”

Diante de tais questões e ao nos depararmos com as repetições imagéticas das formulações que compõem os campos de memórias, permitindo-se ver em todos os vídeos dessa formação, notamos que, conforme Dubois (1978, p. 4), é possível identificar “três sistemas de variáveis; primeiro, o sistema que leva em consideração o ouvinte, depois os

temas do enunciado e, por último, as condições de produção do próprio enunciado.” São estes os três pilares que dão as bases para a formação e delimitação de uma memória pautada no discurso do “deixar morrer” e que tomam o sujeito suicida como o elo que une cada indivíduo do vídeo às milhares de pessoas que assistem as imagens acompanhadas de diálogos pulverizados no *youtube*.

A sequência de imagens que se articulam no decorrer dos vídeos está ligada umas às outras em um mesmo campo de memória discursivo, que vislumbra o corpo do sujeito suicida como o ponto referencial de conduta, definindo a partir de sua posição social as demais condutas dos que o cercam. Mais ainda, fixam linhas sobre a iniciativa do registro vidiático de si na prática suicida, a ampliação de seus requerimentos sociais deliberadamente, sem ultrapassar os limites desse campo de memória que é a base de sustento de todo acontecimento.

É necessário de antemão definirmos o campo no qual o discurso se forma, por quais meios de repetições imagéticas e linguísticas se completam e se ligam a outros discursos semelhantes que compõem uma rede discursiva, cujo fio é a abordagem do suicídio assistido e suas interfaces. Identificar as reais situações que permitem a formação e o gerenciamento desses discursos, que agrupados definem um *corpus* peculiar, mas não isolado dos outros. Poderíamos afirmar que seria mais um lado desse poliedro que se deixa à observação no *youtube*.

Os vídeos de suicídio assistido são conduzidos a um campo de memória com limites bem definidos em sua formação e desenvolvimento. Considero esse agrupamento de vídeos como “representações dominadas por um postulado bastante restrito de homogeneidade discursiva” (COURTINE, 2006, p. 66). Portanto, o que os define como vídeos de suicídio assistido são suas peculiaridades imagéticas, porém buscam apoio sobre uma tradição discursiva, reformulando discursos já proliferados viabilizando a volta de antigos enunciados.

O fio discursivo construído a partir da produção dos vídeos de suicídio assistido vai muito mais além do fato de se tirar a própria vida, tomam uma amplitude complexa quando assume a postura social do ato de ‘se matar’ vinculado ao ato de ‘deixar morrer’. Essa combinação registrada em vídeo e divulgada em rede virtual por organizações não governamentais atribui, sobretudo, ao discurso suicida um tom político no que se refere ao poder de decidir sobre a própria vida e, simultaneamente, reivindicar o direito de aceitação e

respeito em público. Compreendemos, portanto, que o sujeito suicida consegue se reafirmar socialmente quando seu discurso está respaldado por alguma instituição.

A rede discursiva em que os vídeos de suicídio assistido se insinuem e se fazem perceber remete a quem os assistem, a uma posição subjetiva em relação às imagens apresentadas, bem como à suas modalidades enunciativas. Importa agora compreender o discurso, conforme Foucault (2008a, p. 122) nos esclarece, como um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação”, delimitando um campo de memória específico, estruturado e diferenciado, mas nunca separado dos demais campos de memória de vídeos de suicídio distribuídos na *web*.

Nesse emaranhado de discursos que se atravessam tendo como base enunciativa o suicídio assistido, a profusão de outros enunciados sobre suicídio que nascem e se espalham são imensuráveis. Todos eles exercem sobre os outros, transformações que desembocam em outros dizeres e saberes que espalhados, ora se aproximam, ora se afastam, ora se permitem apagar, ora reaparecem com forças renovadas e com maior amplitude.

Foucault (2008a, p. 111) vem nos dizer que, de modo geral, o enunciado “refere implicitamente ou não, seja para repetir, seja para modificar ou adaptar, seja para se opor, seja para falar; não há enunciado que de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados”. Tais características permitem uma dinâmica maior no movimento discursivo dos vídeos de suicídio assistido, sendo os mesmos mais um enunciado entre tantos, com singularidades no modo como tomam um assunto específico e o repassa na rede.

A depender das circunstâncias pelas quais um discurso se forma e se desenvolve, seu campo de memória ocupará um lugar heterogêneo. Por meio de repetições, modificações e readaptações, toda gama enunciativa se fixará sobre uma sequência discursiva que se torna o ponto de referência para outros discursos. Foucault (2008a, p. 114) ainda nos lembra de que “a enunciação é um acontecimento que não se repete: tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir”, de tal modo que a dispersão do discurso segue um ritmo elaborado e nunca equivocado em sua posição no tempo e no espaço.

Como nem tudo é estático em um campo de memória, por mais elaborado que seja, mesmo que esteja situado em lugar e tempo específicos e tenha sujeitos discursivos definidos em suas posições, Foucault (2008a, p. 114) nos alerta que “o que se destaca é uma forma indefinidamente repetível e que pode dar lugar a modos de enunciação os mais dispersos”. Portanto, um campo de memória é possível quando os discursos são agrupados, definidos,



repetidos, porém não estando estáticos, ao contrário, são passíveis de dispersões e reformulações que se unem a uma mesma cadeia enunciativa.

O campo de memória, em suma, é formado por táticas e condutas discursivas, regras que permitem a estruturação e organização de imagens e palavras que numa sequência pré-definida, compreende as restrições e viabilizações de enunciados, nas quais o sujeito, por meio de suas condutas, se liga diretamente ao próprio discurso deliberado.

### 3.1 A ESPECIFICIDADE DE UM DOMÍNIO: O CAMPO DE MEMÓRIA E O SUICÍDIO ASSISTIDO

Dentre os incontáveis discursos sobre a prática de morrer, atravessados pelas formas de se matar, existe um do qual, nunca em outro momento da história da humanidade foi tão comentado ou mesmo discutido, denominando-se nos dias atuais de Suicídio Assistido. É peculiar o serviço de assistência prestado no suicídio assistido, surgindo como um ponto congruente de grandes polêmicas na respectiva denominação. Essa realidade não se encontra no mesmo grau e amplitude nos outros tipos de suicídio. Referimo-nos, principalmente, aos que se apresentam nos vídeos de suicídio acessados no *youtube*.

Enquanto a prática suicida, ou mesmo sua tentativa, não é compreendida no meio jurídico como um crime. Incentivar ou ajudar é considerado de modo geral por toda sociedade como um ato insano, beirando às concepções de crime na grande parte das sociedades ocidentais. Incomum em toda essa situação é constatar que as pessoas envolvidas no suicídio assistido são quase sempre familiares e pessoas íntimas ao sujeito suicida e, sobretudo, os membros da ONG organizadora.

Visamos, assim, desenvolver uma reflexão sobre as materialidades imagéticas e verbais que se repetem nos vídeos elencados para o *corpus* geral desta formação, que conta com um total de quatro vídeos, sendo todos de curta duração, produzidos por organizações não governamentais, tendo como espaço a própria casa dos sujeitos suicidas e todos postados no *youtube* entre os anos de 2010-2015. Face aos vídeos investigados, focalizaremos, para a discussão, nesse primeiro momento, dois vídeos, sendo o primeiro intitulado “Suicídio assistido na tv suíça” e o segundo, “Suicídio Assistido”.

Imerso nesse campo de memória, Foucault nos apresenta o discurso e suas regularidades como lugar de observação para este trabalho:

A questão no nível do próprio discurso, que não é mais tradução exterior, mas lugar de emergência dos conceitos; não associamos as constantes do

discurso às estruturas ideais do conceito, mas descrevemos a rede conceitual a partir das regularidades intrínsecas do discurso (FOUCAULT, 2008a, p. 68).

Partindo da questão apresentada, a análise dos respectivos vídeos será pautada sob os conceitos teórico-analíticos da Análise do Discurso, orientados pelos postulados de Michel Foucault no que concerne metodologicamente à investigação das regularidades de estratos visuais e verbais entre os vídeos, objetivando enfrentar os discursos que ali se materializam.

Considerando a relevância do assunto proposto, nos debruçaremos sobre o suicídio assistido a partir do princípio de “atualidade” da maneira como o compreende Foucault (2005, p. 336), a fim de “interrogar o presente para nele buscar decifrar os sinais que anunciam um acontecimento iminente”, uma vez que observamos neste momento da história, por meio da circulação dos tipos de vídeos supracitados, um forte interesse em preservar a dignidade e integridade do sujeito-suicida.

Diversidades de posturas sócio-históricas, materializadas e identificadas na produção audiovisual com abrangência virtual, fazem com que, conforme Foucault (2008a, p. 18) “no campo em que se manifestam, se cruzam, se emaranham e se especificam as questões do ser humano, da consciência, da origem e do sujeito”, esse modelo de suicídio se torne o mais polêmico e acompanhado de dúvidas, refletindo não apenas no corpo do sujeito suicida em si, mas também nos outros corpos que estão presentes nos vídeos.

Nessa esteira, tanto os familiares quanto os indivíduos membros da ONG responsável pela organização e consumação de todo ato, servem de apoio para a parte técnica da produção do vídeo até ao aparato psicossocial, instrumentos concernentes não apenas ao sujeito que se prontifica a se matar, mas também à família do sujeito suicida e aos amigos. Sob essa perspectiva, lembramos Foucault (2010b, p.4) no que se refere à “Análise das funções representativas, entendendo a análise do papel que podem desempenhar as representações, seja em relação ao objeto representado, seja em relação ao tema que as representa”, transformando cada sujeito envolvido no suicídio assistido em um agente cooperativo e atuante do objetivo geral proposto.

As relações dos corpos estabelecidas no campo de memória dos vídeos de suicídio assistido se dividem em duas formações bem específicas: o de se matar e o de se deixar morrer. Tais relações sugerem uma reformulação do saber, ligado a conceitos morais e éticos, frente à morte e na sua relação com o corpo. Entendemos a produção desse quadro discursivo segundo Milanez, para quem

Esse deslocamento, no entanto, virá somente a confirmar a questão do corpo como acontecimento e sentido, vivo e intacto, nesse episódio histórico que revela a autonomia e a autoridade do saber, inscrito em nosso pensamento e revelado por meios das técnicas do saber (MILANEZ, 2006b, p. 156).

Isso se dá para que se evitem posturas extremas provindas dessas ações, pois determinações sobre o que é correto ou errado estão diretamente ligadas às justificativas indicadas para cada situação, o que implica em diversos casos específicos referentes ao suicídio propriamente dito.

O suicídio assistido refere-se a uma prática na qual o governo de si é estabelecido de maneira programada e organizada desde sua origem até a consumação do desejo de dar fim à vida do próprio corpo, sob um aparato de uma organização que foi criada para este fim. Além disso, enquanto prática, ele se organiza para realizar a vontade do outro de se matar.

Assim, o suicídio assistido toma, nos dias atuais, uma perspectiva que se depreende dos postulados de Foucault (2006a, p.71), como um “ocupar-se consigo enquanto se é ‘sujeito de’, em certas situações, tais como sujeito e ação instrumental, sujeito de relações com o outro, sujeito de comportamentos e de atitudes em geral, sujeito também da relação consigo mesmo”. Por outro lado, torna-se o alvo principal da mira de críticas ferrenhas que entendem essa prática como algo abominável. Isso remete tanto a quem quer se matar, que é visto como um sujeito desorientado, desgovernado de si, bem como a quem se presta ao papel de apoiar e ajudar na realização do suicídio.

É importante chamar a atenção ao fato de que o modelo de morte oferecida por meio do suicídio assistido, é diferente das outras formas de se matar observadas nas outras duas formações de conjunto de vídeos postados no *youtube* que elencamos. No suicídio assistido o jeito de se matar é apenas um: por meio de um medicamento, levado e preparado por membros da ONG que apoia o ato, dando total orientação de como tomá-lo, alertando para o efeito que causará no corpo do indivíduo que quer se matar, inclusive informando o tempo que durará o efeito desse medicamento, que, diga-se de passagem, é muito curto.

Esse protocolo se repete nos vídeos selecionados, seguindo as mesmas regularidades. Portanto, pensando com Revel (2005, p.38), os vídeos de suicídio assistido pertencem a um “regime de discursividade e de sua eventual transgressão, mas como um objeto que existe entre grandes tipos de discurso e as condições históricas, econômicas, as condições políticas de seu aparecimento e de sua formação”. Tudo isso faz da produção audiovisual do suicídio

assistido uma prática visualmente menos agressiva em relação aos outros suicídios mostrados nos diversos vídeos postados na plataforma virtual.

Inúmeras questões polêmicas cercadas de *tabus* se repetem regularmente na prática do suicídio, tais como o valor e o sentido da vida, o direito de cada indivíduo de tomar decisões referentes ao próprio corpo e seu destino, o quando e o como morrer. Em contrapartida, no que se refere ao suicídio assistido, e que faz todo diferencial em relação aos outros suicídios filmados e postados no *youtube*, o outro não pretende impedir que o suicídio se conclua, ao contrário, ele apoia e contribui para que o corpo do sujeito que quer se matar se desfaleça da maneira mais digna possível, a julgar a partir dos princípios das pessoas ali envolvidas.

Frente ao emaranhado de imagens que se sobrepõem entre um vídeo e outro, surge a inquietação da questão colocada por Milanez (2012, p. 580): “Quais são os nós que podemos desatar entre um e outro?” A relação dessas imagens se aproxima enquanto metodologia discursiva, principalmente nas materialidades específicas que os identificam, é possível notar esses nós nas redes linguísticas e imagéticas, no espaço e na duração dos vídeos. Essa homogeneidade leva a reconsiderar as posições enunciativas do sujeito suicida e todo suporte que o apoia em sua decisão.

As diretrizes para a construção desse campo de memória têm um sentido peculiar e direcionado sob a eficácia da divulgação midiática em rede virtual. As características que os unem sob a mesma perspectiva discursiva é a base para que se possa definir e direcionar as posições do sujeito suicida e dos demais sujeitos envolvidos direta e indiretamente no suicídio.

### 3.1.1 Campo de memória: suicídio assistido, atualidade e corpo

Sob a égide do princípio de atualidade, averiguaremos o termo de valor e sentido da vida, bem como os direitos de cada sujeito sobre o próprio corpo e do tempo de vida que quer tomar para si. Entendemos, com Foucault (2010b, p.12), que “a questão do presente, é a questão da atualidade, é a questão de: o que acontece hoje? O que acontece agora? O que é esse ‘agora’ dentro do qual estamos todos”? Esses questionamentos nos servirão de guia para situar o sujeito suicida.

Apropriando-nos ainda desses questionamentos, buscamos reivindicar as materialidades discursivas que regem o campo de memória ao qual está vinculado e a questão

do governo de si que transpassa o sentido de atualidade, fazendo emergir o sujeito suicida de uma sociedade materializada pelos demais sujeitos presentes no vídeo. Nesse sentido, o suicídio assistido se configura em um campo de memória específico no qual poderíamos introduzir dois aspectos.

Primeiramente, uma das diferenças individuais dos modos de suicídio praticadas nesse campo de memória emerge, na atualidade, de suas regularidades audiovisuais por meio da questão socioeconômica, uma vez que as pessoas que têm acesso a esse tipo de prática demonstram ter patamares de vidas estabilizadas financeiramente, oriundos de países com alto padrão de vida, em detrimento a sujeitos desfavorecidos socialmente de países de baixa renda.

Isso deflagra o suicídio assistido como pertencendo a um campo de memória específico, no qual, de um lado, os sujeitos estão atrelados aos domínios econômicos, geográficos e lingüísticos que os coagem; de outro, o corpo sendo constitutivo a um campo de memória que permite o surgimento dessa prática, que se organiza a partir do outro e constrói para si uma identidade singularizada, referindo-se, conforme Milanez (2009, p. 56), a um “lugar de resistência e produção de liberdade”, construindo um rosto atípico no cenário social que o desenha.

Até poderíamos dizer que o suicídio é em sua funcionalidade, de fato, um acontecimento discursivo individual que afasta o sujeito suicida do grupo social do qual faz parte. Porém, Gregolin (2003, p. 11) vem nos alertar que “o sujeito não é considerado como um ser individual, que produz discursos com liberdade: ele tem a ilusão de ser o dono do seu discurso”, notamos assim, que o número expressivo de vídeos amadores de suicídio no *youtube* revela um acontecimento público, que transforma o indivíduo em sujeito, fazendo o retorno a si mesmo por meio da publicização no seio de seu corpo social.

Essa regularidade formativa do suicídio no audiovisual implantada na *web* por meio do *youtube* se estende ao suicídio assistido, que, apesar de ser realizado em lugares privados ao sujeito-suicida e restritos à família e amigos, permite o seu compartilhamento público na medida em que seus organizadores elaboram a produção de um vídeo, viabilizando sua divulgação em rede. Segundo Courtine (2008, p.31) “a imagem se torna original ainda quando, para ser melhor difundida, influencia o dispositivo material das práticas, os regulamentos, os espaços, os tempos”, se servindo, assim, das mesmas modalidades de divulgação dos outros sujeitos que produzem seus vídeos amadores de suicídio nas ruas das grandes cidades.

O segundo aspecto diz respeito à circulação dos vídeos de suicídio assistido no *youtube*. Sobre isso, consideramos a posição de Gregolin (2007, p. 11) para quem “o discurso é um jogo estratégico e polêmico, por meio dos quais se constituem os saberes de um momento histórico”, fomentando a espetacularização da prática agregada a uma metodologia videográfica de imagens que, ao contrário de sabotar o sujeito suicida, oferece-lhe um lugar de dignidade e respeito.

Por fim, o terceiro aspecto individual do suicídio assistido é seu lugar de atravessamento das diferenças desse objeto do discurso: o corpo. É produzido em torno do corpo do sujeito suicida um verdadeiro roteiro, para que, assim, seja possível produzir um audiovisual de acessibilidade virtual com apontamentos imersos a essa temática. Tais aspectos das diferenças individuais no campo de memória do suicídio assistido enquanto objeto de discurso alicerçam a diferença que permeia o se matar e o deixar morrer, materializados nas regularidades enunciativas dos vídeos elencados. Foucault (2008b, p. 32) nos propõe ainda, de modo mais detalhado “buscar as regularidades para descrever jogos de relações entre enunciados, entre grupos de enunciados, entre acontecimentos, pois o enunciado, de um lado é um gesto; de outro liga-se a uma memória, tem uma materialidade; é único mas está aberto à repetição e se liga ao passado e ao futuro”, o que nos induz a entender a rede discursiva dos vídeos aqui trabalhados, como um nicho de memória que emerge na atualidade e pela atualidade

O suicídio assistido, portanto, se dá a ver por meio de um campo de memória constituído por um tripé entre a prática do discurso, a circulação e o corpo. Nesta ordenação, o deixar morrer prevalece mesmo diante de valores tradicionais agregados à concepção e à percepção da morte em si, do suicídio e dos inúmeros *tabus* que giram em torno desses dois fenômenos que foram incisivamente retomados. Dessa forma, vinga-se a experiência do sujeito suicida em cumprir o seu destino à sua própria maneira, fomentando ideias e novos posicionamentos em relação a este fenômeno.

O lugar enunciativo que o corpo do sujeito suicida toma para si nos vídeos de suicídio assistido é o grande diferencial em relação aos outros vídeos de suicídio tratados nesse trabalho. Seu poder de decisão e autonomia atrelado a um longo processo de discernimento, que a propósito, se deixa notar em toda produção imagética, é o grande diferencial e é a âncora que chama atenção dos indivíduos que os assistem.

Apesar de toda peculiaridade dessa formação não há como ignorar o fato de que esses vídeos estão ligados por um fio histórico a um campo de memória coletiva de negação e reivindicação do direito de morrer, uma autonomia existencial que sempre aguçou o homem e ao mesmo tempo o desafiou ao longo dos anos.

Portanto, mesmo que se mudem as táticas de apresentação dessa memória, no caso tratado, materialidades audiovisuais, não há como escapar do campo de memória ao qual pertence, querer morrer e deixar morrer não são práticas isoladas e fixadas num determinado lugar e tempo. Ao contrário, são posturas que obedecem ao funcionamento de um campo de memória específico em sua construção ao longo dos anos.

Os sentidos das imagens pertencem a um campo de memória imagética, dando ao registro de vídeos de suicídio assistido singularidade e significação social, não abrindo mão das memórias individuais do sujeito suicida, que por sua vez, exige seu lugar na memória do outro através da produção, registro e divulgação de seu último ato em vida.

Estabelece-se, a partir de então, uma ligação direta com o julgamento alheio, o qual se faz, tomando o corpo do sujeito suicida como o ponto principal de encontro e reconhecimento da vida e da morte, num ato derradeiro de se decidir por si mesmo e não esperar a ordem ‘natural’ da vida, como seria o mais comum socialmente falando.

Os vídeos de suicídio assistido pertencem a um campo discursivo mais amplo, que se atravessa numa rede de informações registradas e divulgadas no *youtube*. Esse campo de memória levanta mais duas formações: os vídeos amadores e os jornalísticos. Os três são diferentes em seus acontecimentos discursivos, porém, se ligam pelo fio que os identificam na prática como ‘vídeos de suicídios’.

### 3.1.2 Campo de memória e táticas audiovisuais

Daremos início às especificações analíticas dos dois vídeos selecionados. Trataremos das táticas e recursos utilizados para produção dos vídeos e para a configuração dos estratos históricos que moldam o campo de memória da rede discursiva dos quais fazem parte. Seguindo essa linha, abordaremos as regularidades que se repetem entre as sequências didáticas selecionadas para análise.

O primeiro vídeo, cujo título é “Suicídio assistido na tv suíça”, tem duração de 5’05, publicado no *youtube* no dia 14 de abril de 2012, obtendo um total de 241.937 visualizações e 987 comentários. Essas ações foram obtidas no último acesso realizado no dia 21 de agosto de

2015. O Segundo vídeo intitulado “Suicídio Assistido”, com duração de 4:16, soma um total de 10.550 visualizações e 48 comentários, com acesso na mesma data do primeiro vídeo. Tal levantamento quantitativo rege o valor e a expressividade da circulação do discurso e sua consequente expansão pública.

O responsável pela postagem do primeiro vídeo tem como codinome “patocolher”, apresentando um sujeito, cuja identificação é descrita na parte inferior do vídeo: “o nome era Michèle Causse (1936-2010), era lésbica, tradutora e autora. Ela estava sofrendo de uma doença óssea não-letal e decidiu acabar com sua vida com a ajuda de uma organização de suicídio assistido. O suicídio assistido é legal na Suíça. Há duas organizações deste tipo de serviços: Dignitas e Exit.”

O segundo vídeo, por sua vez, refere-se a um sujeito, cujas imagens revelam um senhor, postado por *efe geése*, sem sinopse na parte inferior do vídeo, porém, ao longo de toda imagem aparecem legendas descritivas do seu conteúdo. O vídeo se inicia com uma imagem em *blackout*. Em silêncio vai surgindo lentamente com letras garrafais a seguinte informação: “Em 1994, Oregon se tornou o primeiro Estado a aprovar o suicídio assistido, desde então, apenas a Suíça e a Holanda permitem essa prática. Desde sua promulgação, mais de 500 oregonianos têm posto fim em suas vidas recorrendo a esta lei. Roger Sagner foi o de número 343”.

Destacamos desse prólogo o discurso sobre o território, que fala de uma fronteira dentro do estado norte-americano, que colaboraria com o respeito ao exercício de liberdade do sujeito. Encontramos, aqui, a relevante constatação que Foucault (1985a, p. 157) aponta quando afirma que o “Território é sem dúvida uma noção geográfica, mas é, antes de tudo, uma noção jurídico-política: aquilo que é controlado por certo tipo de poder”. Tomando como base essas palavras, o tipo de inscrição discursiva que é dada a essas informações logo no início do vídeo, nos leva a crer o quão importante é situar espacialmente e politicamente a história do sujeito suicida, para que a mesma tenha veracidade e conseqüentemente, confiabilidade em seu conteúdo.

De igual maneira, no primeiro vídeo, nos deparamos com uma curta introdução na parte externa, apresentando detalhes da vida do sujeito suicida em paralelo com as informações básicas das organizações responsáveis pela prática aqui discutida, colocando em evidência o discurso jurídico da legalidade deste ato na Suíça. Materializando-se, portanto,



um discurso temporal, espacial e, principalmente, político sobre o suicídio assistido de igual relevância nos dois vídeos.

Dessa maneira, a ênfase do governo de si, que atravessa os dois vídeos está ligada ao reconhecimento do corpo do sujeito suicida como o centro de toda ação, é por ele e a partir dele que todo discurso visual e verbal é articulado, formulado e executado. Ou seja, é a partir do corpo do sujeito suicida que se produz o vídeo e nasce a prática do suicídio assistido como um modo de se gerenciar e se calcular a si mesmo sob a regência de um deixar morrer, redesenhando um campo de memória com características singulares.

No primeiro vídeo, na introdução que o acompanha, uma informação social do sujeito é dada, seu nome acompanhado do ano de nascimento e morte entre parênteses: “Michèle Causse (1936-2010)”, seguidos de sua orientação sexual e profissão: “era lésbica, tradutora e autora.” Para Milanez (2013, p. 373), “o Sujeito é uma condição que coloca a nós, pessoas, dentro de um quadro histórico, determinado por relações exteriores a nós do qual não somos a origem nem de nosso dizer nem de nosso fazer”. Dessa feita, situar a morfologia temporal de vida do sujeito, sua sexualidade e ambiente profissional determinado, faz eclodir um lugar de atualidade para Michèle, colocando-a diretamente nos domínios de uma vida do hoje, do agora.

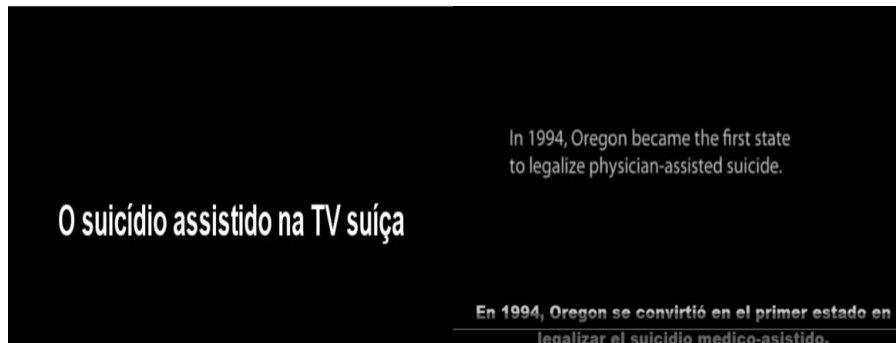
Ainda, a fim de contemplar o que está acontecendo com o sujeito neste momento específico da história, informa-se o motivo pelo qual aquela mulher resolve morrer: “Ela estava sofrendo de uma doença óssea não-letal e decidiu acabar com sua vida com a ajuda de uma organização do suicídio assistido”, alçando o momento de nossa atualidade como um lugar no qual o sujeito é dono de seu nariz e responsável pelos seus atos e escolhas.

Por fim, o texto é concluído em poucas palavras: “O suicídio assistido é legal na Suíça. Há duas organizações deste tipo de serviços: Dignitas e Exit”, deixando inclusive em aberto o lugar institucional que suporta tais escolhas e modos de vida nos dias de hoje. Em suma, o sujeito, de um lado, tem o direito à escolha da morte como um fato e uma singularidade inexoravelmente individual, de outro, este desejo constitui seu laço institucional com a coletividade.

Após uma breve explanação de formulações linguísticas de abertura dos vídeos, daremos início a uma análise mais focada nas imagens, porém, sem perder de vista seu entrelaçamento ao verbal, que, sabemos, são inseparáveis. Selecionamos estratos imagéticos, apresentados aqui em fotogramas, que se repetem em ambos os vídeos no que diz respeito à

metodologia aplicada para as respectivas produções e as regularidades adotadas por ambos no intuito de divulgação da prática em questão.

A abertura de ambos os vídeos é marcada pela regularidade de se iniciarem em fundo preto, sendo o primeiro vídeo com o título “Suicídio Assistido na TV Suíça” e o segundo vídeo, uma breve legenda informativa em fundo preto sobre o suicídio assistido, como podemos mostrar nos fotogramas 1 e 2.



Fotograma 1: título explicativo

Fotograma 2: Texto explicativo de abertura

Em seguida, no fotograma 3, temos, no primeiro vídeo, a focalização de uma mulher, na cozinha de uma casa, preparando sobre a pia um medicamento. Seguindo esse mesmo método imagético, o vídeo dois apresenta, numa imagem em *plongée*, fotograma 4, uma mulher sob a perspectiva de cima para baixo, membro da organização responsável pela execução do suicídio assistido. Esta mulher está sentada frente a uma mesa na cozinha da casa, prepara o medicamento em uma jarra de vidro sobre a cartilha da qual consta a lei que permite o suicídio assistido no Estado de Oregon, reafirmando visualmente que tal prática está respaldada em conceitos jurídicos e, por isso, é legal.



Fotograma 3: Vídeo 1-Preparo da solução



Fotograma 4: Vídeo 2-Preparo da solução

Na sequência, no vídeo 1 e no vídeo 2, indicados nos fotogramas 5 e 6, a câmera fecha em *zoom* nas mãos de quem prepara solução que levará à morte o sujeito suicida.



Fotograma 5: Vídeo 1-*zoom* nas mãos      Fotograma 6: Vídeo 2 – *zoom* nas mãos

A imagem das mãos é atrelada à importância de se fazer conhecer a legalidade do suicídio assistido, que pode ser compreendida por meio da discussão foucaultiana como um ajuste dos mecanismos que administram o poder, enquadrando os indivíduos. Isso significaria que há, considerando Foucault (1999a, p. 98), “uma adaptação e harmonia dos instrumentos que se encarregam de vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, sua identidade, gestos aparentemente sem importância; significa outra política a respeito dessa multiplicidade de corpos e forças.” Nesse viés, a vigilância passa por transformações e elege, de tempos em tempos, um mecanismo do olhar, aqui, por meio das câmeras.

Nesse sentido, observamos as imagens em *zoom* gradativo em direção às mãos, à jarra e à cartilha, deixando claro que a prática orientada é respaldada por conceitos jurídicos de lei que permitem o suicídio assistido. A experiência visual do *zoom* promove o “ponto de ancoragem que é possível referir-se para se apreender como sujeito, gerir-se, manipular-se, transformar-se, ultrapassar-se como pessoa ou indivíduo entre outros” (COURTINE, 2008, p. 78), rompendo as fronteiras entre o sujeito que assiste ao vídeo e os sujeitos que aparecem nas imagens, principalmente em relação ao sujeito suicida.

A imagem sofre um corte e reabre em outro espaço, no fotograma 7 do vídeo 1, quando somos transportados para um quarto, cuja aparência é agradável e arejada. A câmera, fixa e em plano médio, mostra a mulher que estava na cozinha com o copo na mão em frente a uma cama na qual se encontra o corpo do sujeito suicida deitado.

O silêncio é quebrado quando a mulher se abaixa e *Michèle Causse* pergunta: “Onde está o chocolate?” A resposta vem em seguida: “Está aqui, já foi preparado.” Nesse momento o *zoom* da câmera é aumentado sobre elas e *Michèle*, de forma descontraída, questiona: “Erika, você vai me perguntar de novo se eu quero morrer?” E *Erika* entre risos responde: “Sim, claro! É isso que você quer Michèle Causse?” E recebe como resposta: “Sim!

Simples!” Nesse momento a câmera se movimenta e se aproxima das duas, Erika retruca em risos: “Rá rá, não é o que eu lhe pedi. Rá, Rá, Rá, você realmente quer se matar?” *Michèle* responde: “Absolutamente!” E *Erika* continua: “Porque se você beber esta droga você vai dormir e acabará morrendo.”

Essa insistência de *Érika* é orientada pela ONG, que nesse momento compartilha o poder com *Michèle*, que mantém sua decisão como uma verdade firme e irrevogável. Esse tipo de poder pode ser compreendido com Foucault

Em sua intensidade e constância, poderia dizer que somos obrigados pelo poder a produzir a verdade, somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la. O poder não para de nos interrogar, de indagar, registrar e institucionalizar a busca da verdade profissionaliza-a e a recompensa (FOUCAULT, 1979a, p. 243).

E, assim, *Michèle* reafirma a interrogação e institucionaliza sua verdade: “Sim! É minha vontade querer morrer!” *Erika* conclui o questionamento: “Então eu digo adeus!” E beija o rosto de *Michèle* que persiste: “é minha vontade firme e definitiva”. Diminui-se o *zoom* da imagem e a câmera subjetiva fica bem próxima delas. *Erika* segue o protocolo da organização: “Então tome essa droga, apenas dois a três goles.”

Após toda explicação do processo evolutivo do suicídio assistido em sua funcionalidade em relação à solução que levará a morte do corpo do sujeito e a questão jurídica, a câmera torna a fixar-se em *Michèle* que pergunta: “Onde está o chocolate?” E continua em tom de brincadeira: “(Sarcasmo) Hey, eu não vou morrer com um ou dois goles! Vou beber tudo!” Nesse momento, ao som de uma ópera, imagem do fotograma 9, o *zoom* focaliza o rosto de *Michèle* que pega o copo das mãos de *Érika* e toma todo líquido.

Após tomar o medicamento ela pega um pedaço de chocolate e começa a comer, entre uma mordida e outra ela diz: “É realmente amargo, você não estava brincando, mas há coisas piores na vida.” Desse momento para frente as duas começam a fazer brincadeiras para descontrair, falam de coisas banais da vida e a preocupação de *Michèle* é em não sujar a blusa que estava usando e pedir para que se caso ela venha a babar, que a limpe imediatamente para que não apareça com a boca suja nas filmagens. Aqui, “o corpo parece, nestas condições, como o último ponto de ancoragem a que é possível apegar-se.” (COURTINE, 2008, p. 64). Por fim, a câmera fixa continua a registrar toda movimentação no quarto e as despedidas à *Michèle*, até que a imagem se escurece em *zoom* em seu rosto. O vídeo termina e *Michèle* cumpre o seu destino: escolha individual, ato coletivo.



Foto 7: Vídeo 1: Descrição do que o correrá    Fotograma 8: Vídeo 2- Descrição do que ocorrerá

Nessa mesma linha discursiva entre o linguístico e a imagem, o segundo vídeo do início ao fim, tem como prioridade tornar conhecida e se fazer compreendida a prática do suicídio assistido. Os detalhes da vida pessoal do sujeito suicida vão se revelando de modo sucinto ao longo do desenvolvimento das imagens, servindo como ilustração ao assunto principal do qual se quer tratar.

No fotograma 8, temos a imagem de uma sala, nesse espaço outra mulher, também membro da organização, vai explicando para câmera subjetiva, ou seja, para quem assiste o vídeo, todo processo de desenvolvimento do suicídio assistido que está prestes a acontecer: “Roger tomará sua medicação.” Pela primeira vez o nome do sujeito suicida é mencionado após legenda introdutória, seguido da informação de como esse medicamento agirá em seu corpo: “Deve tomá-lo entre 60 a 90 segundos, isso o porá em coma em alguns minutos e, depois disso, esperamos que ele morra.”

O segundo vídeo, por sua vez, na sequência das imagens, em plano médio a câmera se fixa num membro do grupo, que em pé, próximo a Roger, põe-se a explicar as características do medicamento, sobre a imagem, a legenda acompanha: “O medicamento tem um sabor desagradável. Mas você pode tomar algum suco para aliviar o sabor ruim. Temos suco de uva caso queira tomar. E de modo inusitado, Roger interrompe: Traga o maldito copo!”, fazendo referência ao medicamento a ser tomado para lhe tirar a própria vida.

Ainda em plano médio, a câmera se fixa no mesmo membro da organização, que de forma cautelosa e calma, o interrompe: “Roger espera um segundo, antes de beber, vou perguntar novamente e digo sério e você tem o direito de voltar a trás e não querer mais.” E se inclinando frente a Roger, com os olhos fixos em seus olhos, pergunta em um tom de voz incisivo: “Você sabe o que acontecerá ao tomar esse medicamento?” Em *zoom* a imagem

toma Roger que responde sem pestanejar: “Me matará e me fará feliz! Libertar-me-á dessa doença maldita”.

Esse ato individual demarcado pelo pronunciamento de Roger levanta o posicionamento do sujeito que traz ao alcance de suas mãos o topo do mundo, rememorando o discurso religioso do sofrimento e da dor como forma de transfiguração do sujeito que alcança os píncaros da glória e chega à felicidade do alto de seu encontro consigo e com os outros.

Com uma movimentação maior de pessoas na sala, a câmera subjetiva, passando entre as pessoas, foca em *zoom* a mulher que responde, explicando o processo para Roger: “Podemos passar a medicação agora e você deve tomá-la em entre 60 a 90 segundos. Não há necessidade de pressa, pode tomar com calma. Tem um sabor ruim, então pode tomar um suco para aliviar.” A mesma mulher o questiona ainda: “Tem alguma palavra que queira dizer à sua família?” A câmera em *zoom se volta para* Roger, que prossegue: “Quero agradecer a todos que estão aqui!” E, subitamente, ele é interrompido por várias vozes de seus entes queridos que se sobrepõem a dele: “Nós te amamos Roger! Te desejamos paz!”

Nesse exato momento, as imagens da câmera são sequenciadas entre *zooms*, plano médio e subjetiva, e ele continua: “Obrigado! Agradeço ainda a sabedoria dos eleitores do Estado de Oregon por conceder-me a honra de poder permitir quando eu decidir e resolver meus próprios problemas. Assim gostaria de agradecer a todos aqui.” Como notamos no primeiro vídeo, a menção ao poder político é citada, porém com mais destaque e visibilidade.

Ao findar suas declarações, entre várias vozes dizendo “Te amamos Roger”, a câmera subjetiva, que simula o olhar de quem assiste, dando o sentido de participação da cena, acompanha uma mulher que atravessa a sala com uma pequena jarra cheia de um líquido esbranquiçado e o entrega a Roger, este por sua vez, sob a lente da câmera em *zoom*, no fotograma 10, toma a jarra em suas mãos e bebe todo líquido quase que naturalmente, se não fosse todo o aparato à sua volta. Aqui surge uma questão relevante: Estaríamos diante do discurso mítico em filigrana que traz em seu bojo um campo de memória que atravessa o tempo, no qual a jarra e seu líquido acolhem, em contradição, na morte, o elixir para a vida eterna? Ao que tudo indica a resposta para essa pergunta é sim! A cicuta do dos tempos modernos!



Fotograma 9: vídeo 1- o instante crucial Fotograma 10: vídeo 2- o instante crucial

Ainda sobre o segundo vídeo, assim como termina o primeiro vídeo, na sala, o barulho de vozes continua, algumas pessoas andam de um lado para o outro, e outras ficam sentadas próximas a Roger, a câmera subjetiva acompanha toda movimentação produzindo o efeito, para quem assiste ao vídeo, de estar presente fisicamente naquele lugar. O barulho é interrompido pelo último pedido de Roger, e a câmera se volta para ele em *zoom*: “Alguém pode me limpar a barbicha.” Pois o mesmo havia babado um pouco quando bebia o líquido, que é descrito por ele: “tem sabor de madeira,” para descontraí-lo, seu filho que estava sentado ao seu lado diz: “Eu pensava que tinha sabor de álcool.” Roger ri e pede para se deitar, pois estava se sentindo zozinho e cansado. Nesse momento a câmera diminui o *zoom*, fazendo emergir na imagem o cuidado com o qual Roger estava sendo tratado. E dispara como se estivesse chamando por alguém: “Oh venha!...Oh venha logo!...” Seus filhos o abraçam e ele continua com a voz embargada e vagarosa sobre o efeito do medicamento: “minha cabeça está ficando pesada! Peço perdão a vocês meus amados filhos e agradeço especialmente a toda equipe que preparou o medicamento e digam ao próximo que for tomar que tem sabor de madeira, porém que não é impossível de se tomar. Foi fácil amigos! Foi fácil!”

A escolha teve seu percurso em percalços, mas o gesto derradeiro, a cicuta para a eternidade de uma vida em felicidade, foi única, singular, determinada. A facilidade não é um instrumento que serve ao Estado, à força de trabalho, ou a um corpo e suas formas como objeto. Contrariamente, fácil é deixar-se conduzir por sua escolha individual em ato coletivo triunfal de um determinado campo de memória.

E por fim, a câmera aumenta o *zoom* no rosto de Roger, dando um efeito de aproximação máxima, que com um grande suspiro acompanhado por um longo bocejo se aquietou, produzindo um longo silêncio no lugar e a imagem vai se fechando em seu rosto até escurecer-se por completo. Assim, o sujeito suicida finda o espetáculo da morte de si,

rasgando o tecido que cobre o corpo do homem, para fazer valer sua militância particular e ostensiva de si no exercício de um ato de liberdade.

### 3.1.3 Campo de memória e os entrelaçamentos discursivos do suicídio assistido

Quando pensamos o campo de memória em sua estrutura e elaboração, somos remetidos a um lugar específico no qual o sujeito toma posições variadas diante de acontecimentos que estão imersos na história. Foucault (2006c, p. 294) nos lembra de que o sujeito “está ligado com a sociedade, a política, a economia, a história e também está relacionado com categorias muito gerais, olhares universais e com estruturas formais”. Dessa maneira, cada momento situado em espaços determinados nomeia um conjunto de fatores que atualiza o sujeito que se debruça sobre a própria existência e diante da existência de outros sujeitos que o circundam dentro de um tempo singular, porém, ligados a outros momentos da memória social na qual faz parte.

O discurso, dentro das especificidades de um domínio de campo de memória, possui em seu bojo regras próprias, bem como, espacialidades, cronogramas e formatos singulares, não podendo ser igualado a outros discursos, mas no máximo comparados. É justamente esse ato analítico de comparação que permite encontrar as diferenças e as unidades discursivas que se aproximam e se afastam uma das outras, a depender do momento histórico em que surgem, reativando o uso de suportes que colaboram para apontamentos descritivos no que diz respeito à análise do discurso, que emerge das materialidades impressas nos vídeos de suicídio assistido.

Nessa esteira, me dirijo ao exercício investigativo de pontos peculiares que formam, por meio das imagens e da oralidade, uma sequência de séries que permitem a definição de uma identidade própria para o sujeito suicida sem excluí-la do olhar do outro. Esse mesmo olhar para Foucault (2008a, p. 10) é a “Paradoxal noção de descontinuidade: é, ao mesmo tempo, instrumento e objeto de pesquisa, delimita o campo de que é o efeito, permite individualizar os domínios, mas só pode ser estabelecida através da comparação desses domínios.” Portanto, esses olhares, ao se depararem com as imagens dos vídeos de suicídio assistido saem da zona de conforto e são quase que impelidos a emitir opiniões e tomar posições às vezes contra, às vezes a favor. O fato é que, ao lançar esse tipo de construção audiovisual na rede virtual, se expõe uma prática não muito conhecida de suicídio e se exige da sociedade um lugar discursivo e ao mesmo tempo uma resposta para seu tempo.



Toda situação discursiva dos vídeos de suicídio assistido gera a necessidade de se estabelecer pontos de observação para que, assim, seja possível problematizar os deslocamentos que se manifestam na relação de um vídeo com o outro, delimitando o campo de memória de que faz parte. É notória a existência de feixes que se cruzam nas duas unidades discursivas, o imagético e o linguístico, formando um campo de memória que se impõe no formato de querer morrer e deixar morrer, exigindo da atualidade um posicionamento ao se deparar com um lugar social por parte do sujeito suicida nos vídeos.

Seguindo os passos de Foucault, é possível vislumbrar a grande funcionalidade do campo de memória, que se baseia em esmiuçar e permitir os entrelaçamentos das unidades, independentemente de suas diferenças. Esse sistema de enunciação movimentada os itens essenciais que se encontram e se relacionam no decorrer do processo discursivo que é construído numa mesma direção, ampliando o leque de memória da sociedade no que diz respeito ao suicídio. No entanto, Foucault nos alerta que

O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências que tenham sido formuladas: elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro e de memória: elas constituem, entretanto, um conjunto finito (FOUCAULT, 2008a, p. 30).

Nesse viés, o agrupamento dos elementos que compõem essa formação de vídeos de suicídio e que constroem um campo de memória cuja arquitetura se estabelece numa atualidade prática coloca em pauta discussões polêmicas no que se refere a questões que giram em torno da vida e da morte, justificando em nossos tempos o desgaste que se encontra no discurso da ordem do viver tendo um corpo útil e produtivo.

Haja vista que todos os sujeitos inseridos em um corpo social são livres para refletir e emitir julgamentos e discursos sobre determinado assunto, não sendo diferente em relação ao suicídio, porém, essa liberdade, segundo Foucault (2006b, p. 294) “está ligada a uma maneira de pensar, e esta maneira de pensar, naturalmente, está ligada à uma tradição.” Assim, essa crise instalada, tendo o corpo do sujeito suicida como o ‘estopim da bomba’, leva os olhos da sociedade a se depararem com um suposto desgoverno mental, aos olhos de muitos, manifestado em um corpo fisicamente saudável, colocando o sujeito social frente a uma destemperança que desregula imagneticamente a ordem biopolítica. Essas modulações discursivas não são de forma alguma uma novidade, mas percorrem toda trajetória da história social dos sujeitos em relação à prática suicida de modo geral.

Como já foi possível constatar, a disposição hierárquica dos corpos nos vídeos de suicídio assistido, bem como os enquadramentos sobrepostos das imagens ao longo das materialidades imagéticas, define os limites do que pode ser mostrado e dito no campo de memória que faz parte, ou seja, a elaboração e a exposição do discurso não são feitas aleatoriamente, mas seguem um objetivo discursivo e se dispõem a concretizá-lo.

É importante ressaltar ainda que, o campo de memória abarca de modo geral os limites da construção de um determinado conceito. Nessas condições, é necessário indicar os principais pontos que determinam a estrutura das redes formadas pelos discursos e seus encadeamentos em séries de séries. Tais características são reveladoras no que concerne ao fato de que estão presente no campo de memória determinadas subordinações discursivas que, articuladas com outros modelos de discursos, se projetam a novas possibilidades de enfrentamentos analítico-discursivos.

Sem perder o fio que nos guia nessa trajetória, é necessário ser tomado como parâmetro das descrições discursivas, um caminho que vai além dos passos já dados, vislumbrando encadeamentos imagéticos em seus diversos planos sequenciais de possibilidades, que pressupõem um campo de memória atravessado pela história individual do sujeito suicida na sociedade enquanto técnicas de si frente ao governo do outro que lhe imputa uma série de regras sociais.

Esse entrelaçamento pode ser compreendido sob os postulados de Foucault (2006d, p. 783), denominado de governamentalidade, ou seja, o “encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si.” Essa relação se dá à sombra de um processo evolutivo do sujeito e conseqüentemente de toda sociedade, especificamente, aqui, no que diz respeito ao suicídio enquanto prática de si, onde o sujeito se debruça sobre o próprio corpo, sobre a própria existência, a fim de executar um movimento que ultrapassa seus limites físicos, levando-o à morte.

Voltando para as materialidades dos discursos dos vídeos de suicídio assistido na *web*, sob a luz de um campo de memória delimitado e atualizado na linha do tempo, será possível constatar um entrelaçamento entre a prática de se matar por parte do sujeito suicida; o gesto de deixar morrer, representado pelos membros das ONGs e pelos seus familiares; e o impedimento social frente ao suicídio como uma modalidade de fazer morrer o corpo, entre tantos modos de extermínio da vida.

A peculiaridade encontrada nas imagens e na composição linguística do sujeito suicida é demonstrada nos vídeos de suicídio assistido, de modo geral, de maneira discreta e econômica, no sentido de uma imposição dos dizeres imagéticos e verbais de suas últimas vontades, frente à negação social para suas escolhas diante da própria vida. Aqui, Pêcheux (1988, p. 153) vem nos lembrar de que “o funcionamento do dizer não é integralmente linguístico e, por essa razão, somente pode ser analisado por meio da consideração dos protagonistas e do objeto do discurso inscritos em certas condições de produção e de sua relação com outros dizeres.”

Assim, se constata que o ponto de apoio encontrado nas ONGs por parte do sujeito suicida é um lugar de alívio e segurança para quem quer se matar, não saindo da vida de maneira marginal, mas ao contrário, de maneira digna e respeitosa em relação a si mesmo enquanto corpo, aos familiares, enquanto entes próximos e queridos, e por fim, diante de uma sociedade que o acolheu ao longo de toda vida, mas que no momento, sua relação com a mesma não é mais tão positiva quanto fora em outras épocas.

Esse apoio encontrado nas ONGs, tonificando seu discurso em relação à sua vida e à sua morte, faz do sujeito suicida um cidadão que reivindica a legalidade de sua posição, retomando seu direito de vida e de morte sobre si mesmo, e mais ainda, a possibilidade de poder dizer, se expressar, ocupando um lugar de aceitação, visibilidade e respeito em relação aos outros sujeitos. Nessa via, Foucault nos lembra de que não se pode dizer qualquer coisa em qualquer tempo e lugar, e agora, de modo inédito, nesse tempo e nesse lugar, institucional, verbal e imagético, o sujeito suicida parece encontrar enfim, seu lugar na sociedade.

#### 3.1.4 Campo de memória e as práticas imagéticas de vídeos de suicídio assistido

Prosseguimos trabalhando com a análise de mais dois vídeos de suicídio assistido que compõem nosso *corpus*. Notamos, em ambos, características semelhantes em relação aos outros vídeos já analisados, reiterando o conceito de confronto, repetição e séries dentro de séries de um discurso que está ligado a outros discursos por um fio de memória. Estamos falando de “uma luta singular, um confronto, uma relação de poder, uma batalha de discursos e através de discursos” (Foucault, 1977, p. 12), que percorre uma esteira histórica, deixando rastros sempre marcantes na rede dos discursos.

Observamos nesses dois vídeos algumas peculiaridades, mas que não os excluem desse campo de memória por justamente tratarem do assunto que sustenta toda materialidade imagética e seu objetivo discursivo em todos os vídeos: o suicídio assistido.

O primeiro vídeo é tem com o título “Documental muestra el suicidio asistido de um hombre enfermo”, foi exibido pelo canal de televisão BBC espanhola e postada no *youtube* no dia 14 de junho de 2011, pelo canal virtual “tuteve ATV”. Possui uma duração de 2:48, relevantemente mais curta em relação aos outros vídeos, o que indica uma edição para postagem com padrões mais econômicos de tempo, focando nos principais episódios comuns à prática de suicídio assistido registrado em vídeo, apontando ao navegador virtual os principais recortes de cenas que seriam de fato, em síntese, essenciais para se conhecer esse modelo de suicídio.

Até à data de 08 de abril de 2016, foram registradas 36.180 visualizações e 46 comentários, não ficando para trás em relação aos outros vídeos, no que se refere ao movimento midiático que a circulação do vídeo provoca na rede. Esse despertar para o suicídio como uma prática digna e transparente, devidamente permitida pelas autoridades competentes, abre sob os olhares da lente das câmeras, um caminho em direção ao respeito por uma modelo de morte rechaçada por toda sociedade de modo geral, ao longo de toda história.

Em plano médio, no fotograma 1, o vídeo inicia-se já mostrando as pessoas envolvidas no suicídio assistido, os membros da ONG responsável pela organização do evento, um membro da família, sua esposa, que ajuda o sujeito suicida a se acomodar no sofá da sala de sua casa. Aqui, esses sujeitos coexistem e são constitutivos para a formação de um campo de memória. Na sequência, no fotograma 2, uma imagem que chama atenção é do enquadramento no enquadramento da câmera que se encontrava na mão de um indivíduo que também filmava o sujeito suicida na sala. O que reafirma a necessidade de registrar aquele momento e torná-lo conhecido para que assim seja possível ser aceito e respeitado por toda sociedade.



Fotograma1: Suicida, familiar e membro da ONG      Fotograma 2: Visibilidade do registro visual

O vídeo segue o protocolo do ritual do suicídio assistido, no fotograma 3, em plano médio, uma senhora, que representa a instituição organizadora dos últimos momentos do sujeito suicida, como de praxe, se dirige ao senhor que quer se matar, exibindo o pequeno copo com o medicamento. Dirige-lhe, então, a pergunta necessária para prosseguir com o objetivo visado: “Está seguro de que vai tomar esse medicamento e com ele irá dormir e morrer?” Este, por sua vez, responde convicto: “Sim, é o que quero fazer!” A senhora, cumprindo seu papel enfatiza a questão levantada: “Te dou o medicamento, é realmente o que quer fazer”?

O sujeito suicida não voltando atrás em sua resposta, confirma: “Sim, eu estou! Depois de feitas as devidas perguntas, normatizadas em todo processo de realização do suicídio assistido, registrado pelas câmeras, no fotograma 4, em *close*, o pequeno copo, por fim, é entregue nas mãos do sujeito suicida, que o recebe. A essa tensão entre o governo do outro e o governo de si, que se dá na relação do sujeito suicida e o membro da ONG. Diante da cena que se forma, a imagem em *close* enfatiza esse momento simbólico, no qual esses governos se unem num mesmo objetivo: a consumação de uma vontade individual, respeitada pelo outro, que representa, nesse momento, toda sociedade.

A simbologia das mãos e a representatividade que a imagem oferece, tendo entre elas o líquido que permitirá que se cumpra uma vontade íntima e, ao mesmo tempo, que se exige do olhar do outro o reconhecimento de sua autenticidade, é uma tática imagética que se atenta ao momento e a importância de partilhar uma história única por meio do suicídio de um sujeito, que escolhe, de maneira consciente, fazer de seus últimos instantes de vida, um momento dividido com as pessoas mais próximas, e ao mesmo tempo, por meio da ONG e do vídeo, dividido com toda sociedade.



Fotograma 3: O protocolo das perguntas

Fotograma 4: Entrega do medicamento

A autonomia do sujeito suicida frente à câmera é consumada, quando recebendo o copo com o medicamento que lhe fará morrer em suas mãos, o toma consciente do resultado e seguro do que quer para si. No fotograma 5, a câmera em *zoom* mostra esse momento derradeiro e sem volta, onde se cumpre, ao final, a vontade de um sujeito, que tendo decidido o que fazer de seu próprio corpo numa determinada idade existencial, recebe apoio social por meio de uma ONG, tendo sua vontade realizada, aceita e apoiada, reafirmando o suicídio assistido como um modo de se matar peculiarmente atual e diferente dos demais suicídios registrados em vídeos.

Assim que toma o medicamento, o sujeito suicida agradece sua esposa e aos que ali estão presentes: “Obrigado por cuidar de mim todos esses anos. Quero agradecer ainda a vocês por estarem cuidando de mim, quero dar-lhes as mãos e saudá-los”. E novamente, no fotograma 6, se repete a imagem das mãos, agora se trata da mão da esposa do sujeito suicida sobre suas mãos, corroborando um discurso de amor e respeito, num gesto de carinho e companheirismo para com a escolha do sujeito.



Fotograma 5: sujeito ingere o medicamento

Fotograma 6: A representatividade das mãos

Em resumo, temos uma metonímia para as mãos em dois momentos distintos do vídeo, sendo o primeiro, mãos que viabilizam a morte ao entregar o antídoto que porá fim à vida do corpo, e o outro momento, mãos que se afagam, se consolam e se protegem no último gesto de amor.

O corpo do sujeito suicida se ressignifica em um curto período de tempo, passando, conforme Milanez (2011, p. 56), por um “tipo de seleção visual que está determinando sentidos por meio de hierarquia e categorização de uma parte do corpo humano”. Assim, nos dois momentos brevíssimos que compõem a construção do vídeo, toma-se fôlego e o tema da morte, mais precisamente do suicídio, dá lugar ao amor e ao respeito pela liberdade existencial do outro.

O final do vídeo é marcado pela imagem em plano médio, no fotograma 7, de todos que se fizeram presente na casa do sujeito suicida nos seus últimos momentos de vida. As últimas palavras do suicida são dirigidas à sua mulher: “Tem que ser forte minha querida, por favor, relaxe!” Um ato de consolo do próprio sujeito suicida à sua companheira de longos anos, que, apesar de estar de acordo com sua decisão, visivelmente sente dolorosamente a angústia da perda.

Ele se cala e a cabeça cai sobre o próprio peito. No fotograma 8, temos a imagem da câmera que eterniza o momento do casal focalizando-os em plano médio sentados no sofá. E a título de informação, a integrante da ONG explica: “Está roncando e respirando profundamente, mas já está inconsciente. Depois disso deixará de respirar e seu coração irá parar.”



Fotograma7: plano médio: suicídio assistido    Fotograma 8: O momento derradeiro

Essa prática imagética do discurso que se repete regularmente no início dos vídeos já apresentados sofre uma ruptura no vídeo “Suicídio assistido e o direito de morrer”. Sua

postagem foi feita no dia 8 de abril de 2013 na rede virtual, sendo ele o mais longo de todos, tendo um total de 9:21. Atingiu o número de 776 visualizações até o dia 11 de abril de 2016 e nenhum comentário.

As peculiaridades que envolvem a materialidade desse vídeo se dão porque o formato do vídeo segue o modelo de documentário e não apenas um registro compacto sobre o assunto. O vídeo é dividido em duas partes: a primeira, mostra a entrevista dias antes da data para a execução do suicídio, feita por um membro da ONG, tendo a presença de uma pessoa próxima do candidato ao suicídio. A segunda parte do vídeo tem como objetivo principal mostrar o cotidiano da ONG, como funciona enquanto instituição, o desenvolvimento dos trabalhos e o acompanhamento aos candidatos ao suicídio assistido.

Nota-se que o foco principal desse vídeo é apresentar o trabalho da ONG enquanto instituição representante do suicídio assistido, por esse motivo, sua composição imagética, de modo geral, difere dos vídeos já apresentados, porém, não fugindo da essencialidade da materialidade informativa do assunto tratado.

Podemos observar, no decorrer do vídeo, do início ao fim, que existe uma preocupação laboriosa em deixar em evidência e potencializar o esclarecimento de todo desenvolvimento do suicídio assistido, desde os primeiros contatos, a importância do discurso declarado pelo próprio sujeito suicida, que abre o vídeo, o papel da ONG, representado por um sujeito autorizado a exercer a função de auxiliar o suicida a ler o texto oficial, cujo conteúdo é sua exposição enquanto sujeito suicida, e por fim, da pessoa mais próxima, que comunga e compartilha desse último momento. Esses discursos são entrelaçados não só nas imagens exibidas, mas verbalizados pelas pessoas envolvidas no vídeo.

O início do vídeo, diferentemente dos outros vídeos, é marcado pela imagem em *zoom* do rosto da mulher que vai se matar, aqui mostrado no fotograma 9. De acordo com Milanez (2011, p. 56), “ligando novamente à materialidade discursivo-corpórea, a imagem da materialidade linguístico-imagética”. Nessa linha, seu olhar acompanhado pela expressão de seu rosto, desvela a tensão de quem está para tomar uma decisão radical na vida, não escondendo uma aflição existencial comum à decisão tomada.

Em seguida, no fotograma 10, a câmera abre em plano médio permitindo a visualização do sujeito representante da ONG, que junto ao sujeito suicida, segura um documento, cujo conteúdo é à declaração a ser proclamada em voz alta pelo próprio suicida,



reafirmando a ideia de governo de si e da liberdade civil frente ao governo do outro e as imposições biológicas da vida social.



Fotograma 9: *zoom* no rosto do sujeito suicida      Fotograma 10: Membro da ONG e o sujeito suicida

Não se pode ignorar a materialidade linguística desse vídeo, que o reforça o discurso imagético em toda sua formação nas sequências das cenas. Chama atenção para o fato de que, logo nos primeiros segundos do vídeo, quando a câmera exibe em *zoom* o rosto da mulher que vai se matar, surge, na parte inferior da imagem, a legenda de sua fala: “Eu, abaixo... Eu, abaixo assinada Michele Billard”, destacando o nome como lugar de identificação do sujeito inserido em uma sociedade, com história de vida e uma construção existencial individual ao longo de seus anos.

Na continuidade da leitura do documento, nitidamente emocionada, Michele Billard expõe sua dificuldade em verbalizar o conteúdo do texto: “... tenho uma certa dificuldade em ler as palavras...” Diante do sentimento exposto, o representante da ONG, cujo nome é Richard, propõe que ele leia em voz alta e ela, por sua vez, diga se concorda ou não com as respectivas palavras, ou mesmo, se deseja acrescentar algo. Então ele a interrompe e continua: “Vou ler em voz alta e depois falaremos e dir-me-á se continua a corresponder seu desejo...”

Assim foi feito, a leitura continua por meio da voz do representante da organização do suicídio assistido: “Eu abaixo assinada Michele Billard, moradora em Paudex, peço pela presente que a EXIT ADM, me preste assistência para por fim aos meus dias, o meu sofrimento é intolerável e minha qualidade de vida é inaceitável para mim. A minha decisão foi devidamente refletida e declaro que as pessoas presentes no momento da minha autolibertação, não estão de forma alguma implícitas na escolha do meu gesto”.

É importante chamar atenção para o fato de que o nome da organização responsável pelo suicídio assistido é citado no texto lido, assumindo o papel de principal auxiliar e apoio à Michele. Foucault vai nos dizer ainda que

Não se trata da organização de um sistema utilitário de conhecimento necessário ou suficiente para exercer o governo, mas trata-se de um ritual de manifestação da verdade sustentada por um exercício de poder, de um certo número de relações que certamente não podem ser reduzidas ao nível da utilidade pura e simples (FOUCAULT, 2009, p. 6).

Isso implica para a ONG um lugar diferenciado na ordem dos poderes ali estabelecidos entre o sujeito suicida e a sociedade, bem como a verdade imposta de ambas as partes. Seu papel de intermediar essa relação, tornando-a branda e aceitável, faz com que o governo por ela exercido, no decorrer de todo processo seja de extrema importância para a veracidade do fato, bem como para sua consumação.

Na continuidade, o membro da ONG prossegue, questionando Michele Billard: “Está a perder-nos que a ajude a morrer?” Ela o interrompe e responde: “Sim!” Mesmo diante de seu sim, o sujeito institucionalizado e devidamente preparado para ministrar aquele momento insiste: “Está perfeitamente consciente de que falamos do fim de sua vida?” Michele Billard reforça sua afirmação: “Sim!”. Frente à sua insistência na decisão tomada, o sujeito continua: “E quando der esse passo, não poderá voltar atrás?” E ela conclui: “Eu sei!”.

A câmera muda o foco e mostra em plano médio, no fotograma 11, sua amiga que se pronuncia: “No meu íntimo também acho que é o melhor para ela. Depois de tudo que passamos nesses últimos 5 meses, podia ir para um lar de idosos, mas não quer”. Sobre esse pronunciamento da amiga de Michele Billard, o membro da ONG lembra: “Poderá haver serviços médico-sociais onde não estará sozinha, onde estará rodeada de pessoas simpáticas e amáveis. Há portanto, ainda, essa possibilidade.”

Quase que em tom sarcástico, Michele Billard toma a palavra de modo abrupto e diz: “Pois sim, mas são só velhos! Sou demasiada jovem para ir para um lar de idosos.” Ao ouvir essas palavras, Richard a contradiz: “Também é muito jovem para morrer!” Mas ela não concorda e insiste: “Não, isso é diferente!” E ele insiste e pergunta: “É diferente em que?” Michele conclui: “Simplesmente diferente”!

Novamente sua amiga intervém no diálogo e completa: “É difícil. Não gosta de ficar sozinha. Não suporta estar aqui sozinha o tempo todo. Ela me pergunta: ‘que vida é esta? Ir até ao café da esquina, voltar para casa e passar o resto do dia sozinha. Isto não é vida!’” Michele acrescenta à fala da amiga: “A única coisa que quero é morrer!”

Diante de todos os argumentos apresentados por Michele e sua amiga, em plano médio, no fotograma 12, a câmera toma a imagem dos três sujeitos envolvidos no vídeo, e Richard continua seu papel de representante da ONG, dando seguimento à conversa, pergunta às irmãs: “O seu médico disse que estaria consigo na hora da partida. Haverá mais alguém que queira dizer adeus durante essa semana? Como organizaram tudo?”



Fotograma 11: Amiga do sujeito suicida    Fotograma 12: a conversa sobre o suicídio

Em resposta às perguntas, a amiga de Michele esclarece: “Passaremos a semana em casa. A minha amiga está ciente de tudo e faz parte de sua associação há alguns anos. Haverá também o meu marido, será como Natal e Ano Novo. Jogaremos as cartas, como ela gosta. Daremos o máximo de nós nesse dia!”.

Richard se volta para Michele e a questiona: “E essa grande viagem, não a inquieta?” A câmera volta em *zoom* para o rosto de Michele, que cabisbaixa responde: “Não!” E ele acrescenta: “Espera algo, a seguir?” Michele confessa: “Sim! Reencontrarei os meus pais, se é verdade que consta que reencontramos as pessoas de quem gostamos”.

Debruçar-nos-emos sobre essa primeira parte do vídeo apresentada. Durante todo tempo o que fica em evidência é o papel da ONG no processo de construção do suicídio assistido. Não como incentivador ou mesmo como um mero promotor do acontecimento, mas ao contrário, se percebe a insistência do representante da organização em argumentar de todas as formas as vantagens de não se matar. Essa atitude obviamente exime a EXIT ADM, nome dado à ONG, de toda responsabilidade, enquanto acolhedora do suicídio, assumindo um papel estritamente de auxílio nesse momento delicado de um determinado indivíduo.

No que se referem à composição do linguístico que acompanha as imagens, vários detalhes são levantados, como a importância que se dá ao nome do sujeito suicida, sua localização geográfica, acompanhada de sua declaração persistente em querer por fim à própria vida, seguido de palavras que fortalecem a mensagem que essa decisão partiu dela, unicamente dela, e que nem a organização, nem ninguém tem absolutamente nada haver com

sua decisão, torna eixo central de todo discurso. Podemos compreender esse encadeamento de formulações com Foucault:

Trata-se, portanto, de um conjunto de procedimentos verbais, através dos quais é atualizada a consciência individual e o saber de seus conselhos; um conjunto de procedimentos verbais através dos quais atualiza-se qualquer coisa que é afirmada, ou melhor, coloca como verdadeiro, seja por oposição a um falso que foi eliminado, discutido, refutado. Mas que é também colocado como verdadeiro por revelação ou ocultação, por dissipação disso que é esquecido, por conjuração do imprevisível (FOUCAULT, 2009, 7).

Dessa maneira, como se não bastasse as palavras proferidas por Michele, justificando sua decisão de se matar, sua amiga, que tudo indica, de longa data, é categoricamente a favor que se cumpra sua vontade, motivada por uma série de fatores que também são citados no decorrer da conversa entre eles, como por exemplo, a solidão e seu sofrimento físico. Por fim, todo discurso verbal do vídeo é voltado a definir claramente o papel da ONG, a declaração da vontade do sujeito suicida, reforçado por uma testemunha, e só então, tratar dos detalhes do dia escolhido para o grande final.

Do outro lado, no que compete às materialidades imagéticas, diferentemente de todos os outros vídeos, as imagens são mais simples em sua composição e formatação. A câmera é quase o tempo toda fixa, com exceção do momento que ela vai de encontro à amiga de Michele, para enfatizar a importância de uma testemunha no processo do suicídio assistido. Durante todo tempo da filmagem, o enquadramento é em plano médio e, em um período curtíssimo, mostra o rosto do sujeito suicida em *zoom*, que colabora para uma carga emocional mais intensa em suas palavras sobre a decisão de se matar.

Em suma, o foco principal desse vídeo não é mostrar o dia do suicídio assistido, como acontece na prática, assim como nos foram revelados nos outros vídeos, mas é tornar conhecido do público o que acontece antes desse dia, a entrevista com o sujeito suicida, acompanhado de testemunha e todo processo de argumentos persistentes sobre as outras opções que a pessoa tem além do suicídio. Por tais razões, a ONG exerce um papel estritamente de acompanhamento e não de interferência ou mesmo de manipulação e influência na decisão das diversas pessoas que procuram esse tipo de apoio. Por fim, a decisão de morrer, parte do sujeito suicida e se desenvolve com ele, cabendo a ONG apenas respeitar sua decisão e lhe dar suportes para que se ponha fim à própria vida de maneira digna e respeitosa.

### 3.2 DEIXAR MORRER NÃO É O FIM

As materialidades do discurso verbal acompanham todas as imagens do discurso audiovisual, essa é uma das principais características de regularidade nos vídeos. Segundo Gregolin (2003, p. 89), “dessa perspectiva, são analisadas redes de memórias que evidenciam as articulações entre práticas discursivas e a produção de identidades”. Tais atribuições linguísticas servem ainda diretamente como auxílio às imagens, funcionando como ferramenta de esclarecimento, aguçando a curiosidade dos navegadores virtuais que fazem do *youtube* um lugar diferenciado de distração, facilitando a disseminação do conteúdo do vídeo, atingindo um número relevante de visualizações.

Nos vídeos introduzidos, as estratégias verbais e audiovisuais se pautam sob dois pilares: o do se matar e deixar morrer, definindo a posição espacial do corpo do sujeito suicida frente aos outros corpos materializados no vídeo. A formação do discurso que se concebe e as táticas utilizadas em sua realização delineiam tanto as posturas corporais de controle dos corpos, quanto a produção discursiva. A esses fatores, somem-se a reação de uma ordem virtual que é alterada pelos sujeitos que assistem ao vídeo por meio do *youtube*, fazendo ecoar o potencial discursivo de suas materialidades sem limitações físicas.

O *tabu* social frente ao suicídio assistido é confrontado nos vídeos com as descrições sócio-históricas sobre a vida individual do sujeito suicida, oferecendo-lhe um lugar de identificação ao expor nomes, profissão, e até mesmo orientação sexual, no caso do primeiro vídeo, e a doença que motivou optar pelo suicídio. Na esteira linguística, o léxico elencado para tornar mais próximo e aceitável o suicídio assistido define características que viabilizam posturas de uma morte serena, digna e, por último, a aceitação do fim da própria vida, sob a égide do gerenciamento de sua condição de existência.

O jogo de posições do sujeito nos vídeos de suicídio assistido se dá em rede, delineando elementos intrínsecos e ao mesmo tempo extrínsecos ao campo de memória no qual está inserido. Para tanto, lembramos com Milanez (2012, p. 584) que “o sentido para a produção dos discursos se constitui em rede, isto é, em campos que atualizam um acontecimento presente por meio de uma memória da história no discurso.” Esse entrelaçamento se dá simultaneamente às posições e formações dos vídeos, fazendo-nos pensar com Foucault que as materialidades audiovisuais formadas, compiladas, dispersadas, estão em movimento contínuo, nunca estagnado, não podendo ser definidas ou enquadradas de maneira rígida com formatos pré-concebidos.

A descrição do percurso dos fios que se entrecruzam dentro do campo de memória a que pertence esses vídeos de suicídio assistido é de grande importância, pois permite vislumbrar uma nova face do suicídio na sociedade moderna. Apresentando-nos uma prática direcionada para morte do corpo que foge imagetivamente do desespero e do horror, pois o que se vê no decorrer da sucessão das imagens é um ambiente e um clima de serenidade e organização.

Quando voltamos nossos olhos para o corpo do sujeito suicida, nos deparamos com um indivíduo inquieto em sua existência física e que busca seus próprios meios para minimizar as dores corpóreas e as inquietações psíquicas. O lugar escolhido para se enunciar a vida e a morte é o próprio corpo. Será por meio desse mesmo corpo que se encontrará a solução para se resolver o problema instalado em sua vida. Portanto, o governo do outro e o governo de si fundamentado no corpo e nas suas possibilidades de posicionamentos do sujeito, toma o suicídio como um divisor de águas dentro de um determinado campo de memória da morte ao longo da história.

Levemos em consideração que estamos focados em um estrato histórico, pertencente a uma rede descontínua na armação de sua trama, que leva a uma elaboração complexa de sentidos, um campo de memória que permite uma movimentação imagética e linguística rumo a uma visualização virtual de massa, efeito nunca ocorrido em outro momento da história. Tomamos o sujeito suicida como o ponto por excelência da exterioridade histórica, no qual o que antes era uma ação velada, ganha as lentes das câmeras e os olhos do mundo por meio da internet, eternizando-se em um determinado campo de memória enquanto sujeito e enquanto corpo.

Ao nos depararmos com esse cenário discursivo, vislumbramos posições diferenciadas para os sujeitos, exigindo, conforme Foucault (1990b, p. 11), “analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de si para consigo em relação ao que se é permitido descobrir, a verdade de seu ser, seja natural ou decaído”. Dando-se a ver sob o olhar do outro que o situa na realidade de si, frente à realidade que o cerca.

Dessa maneira, os métodos de exposição e gerenciamento de si nos vídeos de suicídio assistido revelam as relações de poder em seu exercício individual e social. A partir do momento que entram em campo os respectivos discursos, é ativado um emaranhado de dizeres construído sucessivamente por meio de corpos e espaços pertencentes a um campo de

memória, que se atualiza na esteira histórica dos pertencimentos discursivos de cada sujeito envolvido no suicídio assistido, extrapolando os limites físicos por meio do virtual.

O campo de memória a que pertence os vídeos de suicídio assistido nos leva a uma reelaboração temporal e espacial no que diz respeito à prática suicida, bem como aos métodos de manifestação discursiva, normatizando as características imagéticas e verbais de discursos pré-determinados, viabilizando oportunidades de releituras que vão além da continuidade dos acontecimentos, pois reatualizam o próprio campo de memória.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória final de um trabalho como este, cujo principal empenho foi buscar meios que permitissem um estudo reflexivo sobre a relação do sujeito suicida e a sociedade contemporânea, tendo a audiovisualidade e a mídia virtual como alicerces de emersão e dispersão de um campo de memória revelador da busca do conhecimento de si e do outro, implica sumariamente a necessária retomada dos principais apontamentos de todo percurso, na tentativa derradeira de alinhar os sentidos e as relevantes considerações que inquietaram o trânsito imagético, discursivo e teórico sob a égide da análise do discurso.

O traçado teórico de todo trabalho esteve vinculado diretamente ao pensamento de Michel Foucault, mais especificamente, no que tange às questões ligadas ao governo de si, governo do outro, cuidado de si e cuidado do outro do pensador francês. Tomando esses aportes, sobretudo no interior de questões relacionadas à atualidade, a reflexão aqui apresentada não deixou de ser uma busca inquietante de aproximar pontos que vislumbram uma tensão memorial: a relação do sujeito consigo e com o outro, à luz de uma linguagem cada vez mais acelerada e globalizada de informações midiáticas, que nos neutraliza, ao ponto de nos fazer ver não somente o que se deixa descrever, porém, cabe a nós, o papel de buscar nas entrelinhas, nas fendas e rupturas da história, o que não é dito diretamente, o que é dito nas entrelinhas, e, principalmente, interpretar as urgências do tempo presente manifestadas nesse cenário estabelecido, do qual, a prática suicida se encontra no centro de toda análise, atravessada pelas materialidades midiáticas.

Esse olhar para o sujeito desemboca em questões inevitáveis à cerca de suas responsabilidades em relação ao seu próprio corpo e à posição social assumida diante dos outros. Nesse caminho nenhum pouco fácil rumo a si mesmo, cujo objetivo é se salvar do desespero alienado de sua própria forma de existir, o homem muitas vezes se perde nesse processo de voltar-se a si, e toma atalhos, ou outras vias, para diminuir o percurso e extinguir as dores causadas por pedras e espinhos encontrados durante o caminhar. É, portanto, a intensidade do desespero e como se lida com a consciência de si, que o sujeito vai definir os próximos passos a serem dados nesse caminhar. Fato é que, quanto mais se toma consciência da própria vida, mais se é possível ser tragado pelo desespero, e nessa perspectiva, o suicídio



surge como um dos possíveis passos ao longo do caminho que o sujeito pode dar em direção a si, ou mesmo, no sentido contrário, fugindo de si.

Não coube nesta pesquisa, fazer qualquer tipo de juízo de valor sobre o suicídio, ao contrário, o que se buscou, foi apresentar uma reflexão minuciosa sobre o tema, atrelado aos recursos audiovisuais que dispomos nos tempos atuais, trazendo à baila o assunto sob a ótica do acontecimento discursivo que deflagrou as inquietações da pesquisa e proporcionou um desejo maior de aproximar desses acontecimentos contemporâneos que têm mudado o cenário virtual e imagético da atualidade, sem, evidentemente, a pretensão de apontar conclusões fechadas sobre o assunto.

O ponto que se tomou como partida para a realização desse trabalho foi, em primeiro lugar, a inquietação existencial diante da morte, mais ainda, diante de uma morte provocada pelo próprio sujeito que morre. É incontestável, quando se fala de suicídio, o fato de que milhares de pessoas no mundo adotam o matar-se a si mesmo como possibilidade existencial diante da vida que se precipita sobre si a cada momento. Os motivos pelos quais leva um sujeito a se matar, as condições de possibilidades que viabiliza o suicídio em cada sujeito, é, apesar das obviedades muitas vezes registradas nos vídeos encontrados e discutidos nesse trabalho, um mistério que intriga toda sociedade, pois sempre se terá a afirmação coletiva de que: “nada justifica tirar a própria vida.”

Como já foi esclarecido no corpo do trabalho, por questões de tempo disponibilizado no mestrado, só foi possível trabalhar duas formações, e apenas alguns vídeos de cada uma, sendo elencados os que mais representariam as respectivas formações e ofereceriam uma ampla discussão e reflexão analítica sobre o conteúdo geral encontrado em cada uma. A questão fundamental que se priorizou foi encontrar as regularidades entre eles, que revelam o suicídio como uma prática que passa longe de ser qualquer tipo de morte, é inegável que diz respeito a uma especificidade, uma peculiaridade entre os infinitos modos de morrer, e porque não dizer, o mais polêmico jeito de se morrer. E as reflexões que se seguiram sobre o suicídio neste trabalho se voltaram a um momento histórico específico, o momento exato que nossa sociedade vive, elegendo as mídias, o audiovisual, a espetacularização e de modo peculiar, as diversas lupas para nos aproximar mais desse mistério, que ao mesmo tempo em que assusta, atrai nossos questionamentos sobre a vida e a morte. De qualquer forma, não obstante, no final de todo trabalho, será apresentado a youtubologia completa do *corpus* da pesquisa para apreciação.

O processo de desenvolvimento da pesquisa se baseou na busca de respostas às inquietações fomentadas pelos acontecimentos registrados em vídeos e expostos na mídia virtual e a metodologia empregada foi o estudo da expansão do acontecimento nas redes de formulações, ligando-o aos domínios de campo de memória discutidos no cenário da Análise do Discurso francesa. Esse campo de memória possui em si implicações relevantes na abordagem e na compreensão do que é o suicídio, tanto no que se refere ao sujeito que tira a própria vida, como nas pessoas que o rodeia, bem como de toda sociedade de modo geral. Portanto, a metodologia aplicada no decorrer dessa trajetória foi reveladora na relação da pesquisa e dos acontecimentos aqui discutidos.

Paulatinamente se percebeu que os discursos aqui abordados se deslocam na própria alteridade de cada tempo, sendo determinados por séries com as quais os vídeos se contrapõem e se identificam no momento que se irrompem. É no decorrer da historicidade do tempo, que se vê emergir nas linhas e entrelinhas descontínuas os interdiscursos de outras formulações, redescobrimo um novo olhar para o mesmo objeto. Nesse viés, junto à negação insistente da vida por parte do sujeito suicida, surge na mesma via, o interesse pela manutenção da vida, da própria vida e da vida do outro, sem levar em consideração os meios para sua preservação e as consequências que pode acarretar em cada indivíduo, essa quase que doentia sagração de uma vida doce e útil para a manutenção social e econômica de toda sociedade.

Descrever e analisar a heterogeneidade e a transformação do sujeito suicida em relação ao processo que vai da constituição dos vídeos à recepção do mesmo, só foi possível devido ao recorte de uma série histórica construída a partir das questões apresentadas ao longo da pesquisa e que orientaram todo trabalho. Nessa linha, a apropriação política e econômica sobre a vida foi se contrapondo ao suicídio como o ato existencial por excelência, onde o sujeito questiona e contesta os padrões vigentes de poder sobre a vida individual e coletiva. O que deflagra de maneira ampla e avassaladora, a edificação de um corpo social em que a morte é assunto evitado a qualquer custo, esconder, evitar, afastar a qualquer preço da morte e de tudo que pressupõe o fim da vida é a ordem do dia. Frente a esse quadro social, o sujeito que tenta tirar de modo voluntário a própria vida, só pode ser designado como um sujeito desesperado, um sujeito louco, um sujeito afastado de Deus, dependendo sua classificação, das áreas dos saberes que o avalia.

Os discursos encontrados nos vídeos de suicídio antecipam o interesse pela sociedade virtual por acontecimentos que fogem da normalidade, a desqualificação do suicídio enquanto ato pessoal diante da própria vida é vista escandalosamente de modo negativo na sociedade, porém, como algo que pode ser apreciado como um espetáculo a mais na rede. Diante disso, afunila o sujeito a um estigma rotulante e medíocre, que interfere e até mesmo impede a sociedade de levantar questionamentos menos limitados a julgamentos aleatórios sobre o sujeito que se mata. É inegável, portanto, o fato de que a morte, toda e qualquer tipo de morte, faz emergir algo sobre o que a sociedade deve repensar e o que acontece em seu seio. Essa reflexão não deve partir de julgamentos pormenorizados, mas que deve ir além do próprio umbigo de quem se põe a julgar e a questionar a morte alheia, olhando para si mesmo, vislumbrando seu potencial existencial para a possibilidade de morrer.

Hoje, vivemos na era digital, das fronteiras móveis e de acessibilidade simplificada dos acontecimentos, por mais distante que possam parecer dos sujeitos, a internet acaba por aproximar, mesmo que seja superficialmente, o olhar do objeto que se propõe a ver. Insisto no fato de que é na dicotomia entre regularidade e dispersão que a noção de sujeito, conforme a matriz foucautiana, se torna um instrumento capaz do desafio de prosseguir na interpretação crítica do mundo contemporâneo e suas novas possibilidades virtuais de existência. Assim, é possível pensar uma sociedade que se volta para cada sujeito que a integra, considerando suas individualidades como parâmetro para se buscar respostas eficazes e úteis para aquilo que é tomado como problema e não se limitar apenas à manutenção enquanto sistema sociopolítico e econômico.

A grande mola que impulsionou este trabalho partiu da questão: o que faz emergir no seio da sociedade, a morte intencional, oriunda do aparente desejo exclusivo de dar fim à própria existência, provocada pelo sujeito que morre? É justamente este questionamento que muitas vezes se tenta e se consegue escamotear, dando ênfase somente ao julgamento do sujeito suicida, se prendendo mediocrementemente ao ato em si. O que se produz e reproduz a todo o momento em nossos dias, é um discurso que já perdeu fôlego na estrada íngreme da existência quando nos referimos ao suicídio, tentando explicar os motivos pelos quais leva alguém a se matar e deixando de lado as questões que poderiam fazer repensar e reavaliar o modo com que lidamos com a vida e a morte, seja do outro, seja a nossa.

Todos esses discursos, de modo geral, referem à necessidade de atualização dos dispositivos teóricos e metodológicos que tentam responder às mudanças nas formas de

circulação, advindas das materialidades sincréticas que fundem nos vídeos de suicídio. Pretende-se então, eximir a sociedade das obrigações referentes ao sujeito suicida, atribuindo a ele, total responsabilidade de sua morte. Fraqueza psicológica, espiritual, distúrbios depressivos, enfim, a lista é vasta quando se pretende responsabilizar o sujeito suicida de seu ato. Em contrapartida se predispõe a campanhas muitas vezes enfadonhas, que paliativamente trata do considerado problema individual que reflete brutalmente no social.

Se existe uma fronteira entre o individual e o social quando o assunto é suicídio, isso poderia ser colocado como uma fronteira imaginável, sem muros ou cercas visivelmente aparentes, pois é muito estreita a relação do sujeito com a sociedade, o que ambos provocam um no outro, e o resultado dessa relação, se não for bem geridas, pode acarretar em sintomas e resultados muitas vezes não tão confortáveis para ambos os lados, como se espera, ou, para nenhum dos lados, levantando uma indagação de cunho provocador: o que o suicídio revela sobre a sociedade atual? Essa questão sugeriu ao longo do trabalho, desdobramentos possíveis no interior da teoria do discurso, e, é justamente essa questão que motivou a ideia de se levantar esta pesquisa, que se pautou no esforço de colaborar para a uma resposta mais coesa, propondo justamente um aprofundamento na escavação reflexiva que gira em torno do suicídio em sua especificidade vidiática.

Ao longo da composição desta dissertação foi possível pinçar o que pode ser um norte para caminhos teóricos nas reflexões à cerca dos vídeos de suicídio postados no *youtube*, e principalmente, no que se refere ao próprio sujeito suicida. Trata-se essencialmente de um exercício de abertura aos novos dispositivos do discurso, no sentido de seu próprio simbolismo, policiando a tendência de refletir neles os próprios valores da sociedade. Como ensinou Foucault, é necessário permitir que os discursos conduzam o pesquisador nas trilhas heterogêneas e descontínuas da constituição a uma construção e reconstrução que nunca se finda, porque os sentidos estão sempre se refazendo. De modo algum se deve negar a presença do analista que vive a pesquisa e interpreta, mas é preciso focar, de fato, na construção de uma passarela entre o sujeito pesquisador e o objeto da pesquisa, atingindo o extremo dos indícios do objeto pesquisado em sua subjetividade, como plano de aproximação do saber-poder dos discursos.

Aqui, se tentou mostrar como os vídeos de suicídio, espaços heterotópicos, ocupa o lugar de retomada sobre um assunto nunca exaurido e que vem ocupando cada vez mais, em graus maiores, as rodas de discussões das academias. Nessa esteira teórica, onde se cruzam

vários saberes, o ser humano foi tomado como o objeto central da reflexão, atrelado ao fato de sua consciência da morte, e mais ainda, da consciência de que pode decidir sobre sua própria vida em relação à sua morte por meio do suicídio, fazendo desse tema incansavelmente provocador e instigante. Afinal, quando confrontado com a morte, seja de um ente próximo, seja de uma pessoa distante, cada indivíduo age conforme suas especificidades. Porém, quando o confronto é com a própria morte, cada um tenta se agarrar a uma teoria que possa gerar conforto ou respostas, seja pela fé, seja pela razão. Mas quando o confronto do sujeito é com o suicídio do outro, e com a possibilidade de suicidar-se, as reflexões são sempre mais melindrosas e passivas de equívocos teóricos.

No que tange ao mecanismo das audiovisualidades, constatei que o resultado do dizer convincente que liga o sujeito suicida aos que produzem e assistem aos vídeos no duplo processo, em que as práticas discursivas são reformuladas e sua circulação agencia e fomenta a grande roda do entretenimento nas redes virtuais, as dimensões simbólicas se insinuam como pontos de acesso rápido nas espacialidades possíveis em que a troca de experiências implícitas, revigora a ideia da abertura ao outro na distância imposta pelas câmeras que registram os acontecimentos.

Em suma, o que se objetivou com esse trabalho foi oferecer mais uma opção reflexiva sobre o assunto, buscando nas bases teóricas da Análise do Discurso, tendo a companhia de Michel Foucault, a possibilidade de um novo olhar, ou de um novo ângulo de se olhar para um mesmo ponto, vislumbrando novas possíveis arestas, retomadas, ou mesmo rupturas e reformulações teóricas sobre um tema gerador de tantas discussões, independente do tempo e do espaço que se encontra os indivíduos que se dedicam a pensar sobre o suicídio, como mais uma condição de possibilidade entre tantas na existência humana.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

BELTING, Hans. "Imagem, mídia e corpo. Uma nova abordagem à iconologia". In: **Revista Ghreb**. Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. Número 8, 2006. Disponível em <http://revista.cisc.org.br/ghrebh8/>. Acesso em 30 de novembro de 2015.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube: online videos and participatory culture**. Polity Press: Cambridge, UK, 2009.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Trad. Carlos Juncá. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

COURTINE, J.J. **História do Corpo**. Trad. e revisão Ephraim F. alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Decifrar o corpo: Pensar com Foucault**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

DELEUZE, Gilles. Foucault. Trad. Cláudia Santana Martins. In: **Os Estratos ou formações históricas: O visível e o enunciável**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

DUBOIS, Jean. Présentation. **Langages 52**. Paris: Didier/Larousse, 1978, p. 5-7.

DURKHEIM, E. **O Suicídio**. Trad. Luz Caryalho, Margarida Garrido e J. Vasconcelos Esteves. 3. ed. São Paulo: Presença, 1982.

FOUCAULT, Michel. (coord). **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

\_\_\_\_\_. Soberania e Disciplina. In: **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro: Graal, 1979a.

\_\_\_\_\_. Por uma Genealogia do Poder. In: **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979b, p. VII-XXIII.

\_\_\_\_\_. Aula 03. Sobre a Geografia. In: **Microfísica do Poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985a.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Ed. Sabotagem, 1985b.

\_\_\_\_\_. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder**. 9. ed. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1990a, p. 79-98.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2.** Trad. Thereza Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1990b.

\_\_\_\_\_. Outros espaços. In: **Ditos e Escritos III – Estética:** Literatura e pintura, música e cinema. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. O Sujeito e o Poder. In: **Foucault:** uma trajetória filosófica. DREYFUSS, Hubert. L., RABINOW, Paul. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitário, 1995. p. 231-249.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir.** Nascimento da Prisão. Trad. Lídia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 20.ed. 1999a.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas:** Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. Direito de morte e poder sobre a vida. In: **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

\_\_\_\_\_. O que são as luzes? In: \_\_\_\_\_. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 335-351.

\_\_\_\_\_. Aula 17 de fevereiro de 1982. Primeira hora. In: FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito.** Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

\_\_\_\_\_. Ética, sexualidade e política. In: **Ditos e Escritos V:** 2. ed. Trad. E. Monteiro e I.A.D. Barborsa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006b.

\_\_\_\_\_. Verdade, poder e si. In: **M. Foucault, Ditos e escritos** (Vol. IV, p. 294-300). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c.

\_\_\_\_\_. As técnicas de si. In: **M. Foucault, Ditos e escritos** (Vol. I, p. 783-813). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006d.

\_\_\_\_\_. Governamentalidade. In: **Microfísica do Poder.** Trad. Roberto Machado Rio de Janeiro, Graal, 20. ed. 2007, p. 119.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População.** Curso no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Do governo dos vivos:** Curso no Collège de France, 1979-1980. (aulas de 09 a 30 de janeiro de 1980). Trad. Nildo Avelino, São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

\_\_\_\_\_. Estratégias, poder-saber. IN: MOTTA, M. B. da. (Org.). Michel Foucault: **estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

\_\_\_\_\_. **O governo de si e dos outros.** Curso no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. Ed. Martins Fontes, 2010b.

\_\_\_\_\_. Conversa com Werner Schroeter. In: MOTTA, M. B. da. (Org.). **Ditos & Escritos V. VII** Michel Foucault: Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. Tradução de Vera Lúcia. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p.7-8.

GREGOLIN, M. R. Michel Foucault: Discurso, poder, identidades. In: Fernandes, C.; Santos, JB. (Org.). **Teorias Linguísticas:** Problemáticas contemporâneas. Uberlândia: UFU, 2003.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso e mídia: A (re)produção de identidades. In: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. V. 04, N. 11, p. 11-25. 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

MANOVICH, Lev. Novas mídias como tecnologia e ideia: dez definições. In: LEÃO, Lúcia (Org.). **O chip e o caleidoscópio:** reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: EditoraSenac, 2005.

MILANEZ, Nilton. **As aventuras do corpo.** Araraquara: UEP, 2006. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística/análise do discurso). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2006a.

\_\_\_\_\_. A Dessubjetivação de Dolores. Discursos e misérias do corpo e do amor. In: **Linguagem:** Estudos e Pesquisas. Catalão. V. 17, n.2, p. 367-390. 2013.

\_\_\_\_\_. **Discurso e imagem em movimento.** O corpo horrífico do vampiro no trailer. São Carlos: claraluz, 2011.

\_\_\_\_\_. A “Casa de Usher” de Roger Corman: O campo de memória e o cromático-discursivo no discurso fílmico. In: **Letras e Letras.** Uberlândia: UFU, 2012, v. 28, n. 2, p. 579-590.

\_\_\_\_\_. O Corpo é um Arquipélago: Memória, Intericonicidade e Identidade. In: **Estudos do Texto e do Discurso:** Mapeando Conceitos e Métodos. São Carlos: Claraluz, 2006b, p. 153-179.

\_\_\_\_\_. Pistas e traços do corpo suspeito: Jailton, o estuprador de Itambé. In: GREGOLIN, M. R; KOGAWA, J. M. M. **Análise do discurso e semiologia:** problematizações contemporâneas. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p.81-97.



\_\_\_\_\_. Os sintomas do discurso: Sujeito, corpo e clínica na mídia. In: **Os sintomas do discurso**: Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo: Dossiê, vol.4 n.11 p.49-64 nov. 2007.

\_\_\_\_\_. *Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso*. In: **Revista Acta Scientiarum**: Languages and culture. Maringá. v. 31, n.2, p. 215-222. 2009.

\_\_\_\_\_. Modos de enunciar a pele do corpo. Quais os lugares de onde vem a pele que habito de Almodóvar. In: TASSO, Ismara; CAMPOS, Jefferson (Org.). **Imagem e(m) discurso**: formação das modalidades enunciativas. Campinas: Ed. Pontes. 2015.p. 97-118.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: Conceitos Básicos. tradução Nilton Milanez, Carlos Piovezani, Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2005.

STRANGELOVE, Michael. **Watching youtube**: extraordinary videos by ordinary people. University of Toronto Press Incorporated: Canada, 2010.

## YOUTUBOLOGIA

<https://www.youtube.com/watch?v=ppMIA36H3Qw>> Acesso no dia 20 de setembro de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=JhGUG1guyPg>> Acesso no dia 12 de setembro de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=FQ7k6OxVXOI>> Acesso no dia 15 de setembro de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=GRuedf0wxyC>> Acesso no dia 18 de setembro de 2015.

[https://www.youtube.com/watch?v=ls\\_cdh\\_YNfY](https://www.youtube.com/watch?v=ls_cdh_YNfY)> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=1-H1NsmOefg>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

[https://www.youtube.com/watch?v=p1l\\_TGI\\_2no](https://www.youtube.com/watch?v=p1l_TGI_2no)> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=RQX4qOuUEEw>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

[https://www.youtube.com/watch?v=4Mc\\_Z3EfM00](https://www.youtube.com/watch?v=4Mc_Z3EfM00)> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=yIH4NpcmaXU>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=FhfBv1jmIjk>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_qW\\_zyWzUV8](https://www.youtube.com/watch?v=_qW_zyWzUV8)> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=XL7CK6EmqYE>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=uDilDHH1PSg>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=0AWxq6OWAFk>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=jkEcf9GZ4-s&spfreload=10>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

[https://www.youtube.com/watch?v=299FB\\_\\_31sc](https://www.youtube.com/watch?v=299FB__31sc)> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=TSHT3IrpSlY>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=aR0MgPeoZNU>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=cd9TissuaNk>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=LEt4PAwd3EQ>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=cJeOe9WbiWc>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=RW2h91tac2A>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=82zmH45FEWI>> Acesso no dia 21 de setembro de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=4bDk8KALp0k>>Acesso no dia 21 de setembro de 2015  
<https://www.youtube.com/watch?v=UI23dRU29PY>>Acesso no dia 21 de setembro de 2015  
[https://www.youtube.com/watch?v=6O\\_Gk1Ysj1E](https://www.youtube.com/watch?v=6O_Gk1Ysj1E)>Acesso no dia 21 de setembro de 2015  
<https://www.youtube.com/watch?v=gFY7H2gXVZY>>Acesso no dia 21 de setembro de 2015  
<https://www.youtube.com/watch?v=0BCIkL2zclA>>Acesso no dia 21 de setembro de 2015  
<https://www.youtube.com/watch?v=zBj2HuX9mDg>>Acesso no dia 21 de setembro de 2015  
<https://www.youtube.com/watch?v=sonBy-f6fpg&t=3s>>Acesso no dia 21 de setembro de 2015  
<https://www.youtube.com/watch?v=tXUSihtnnj4>>Acesso no dia 21 de setembro de 2015